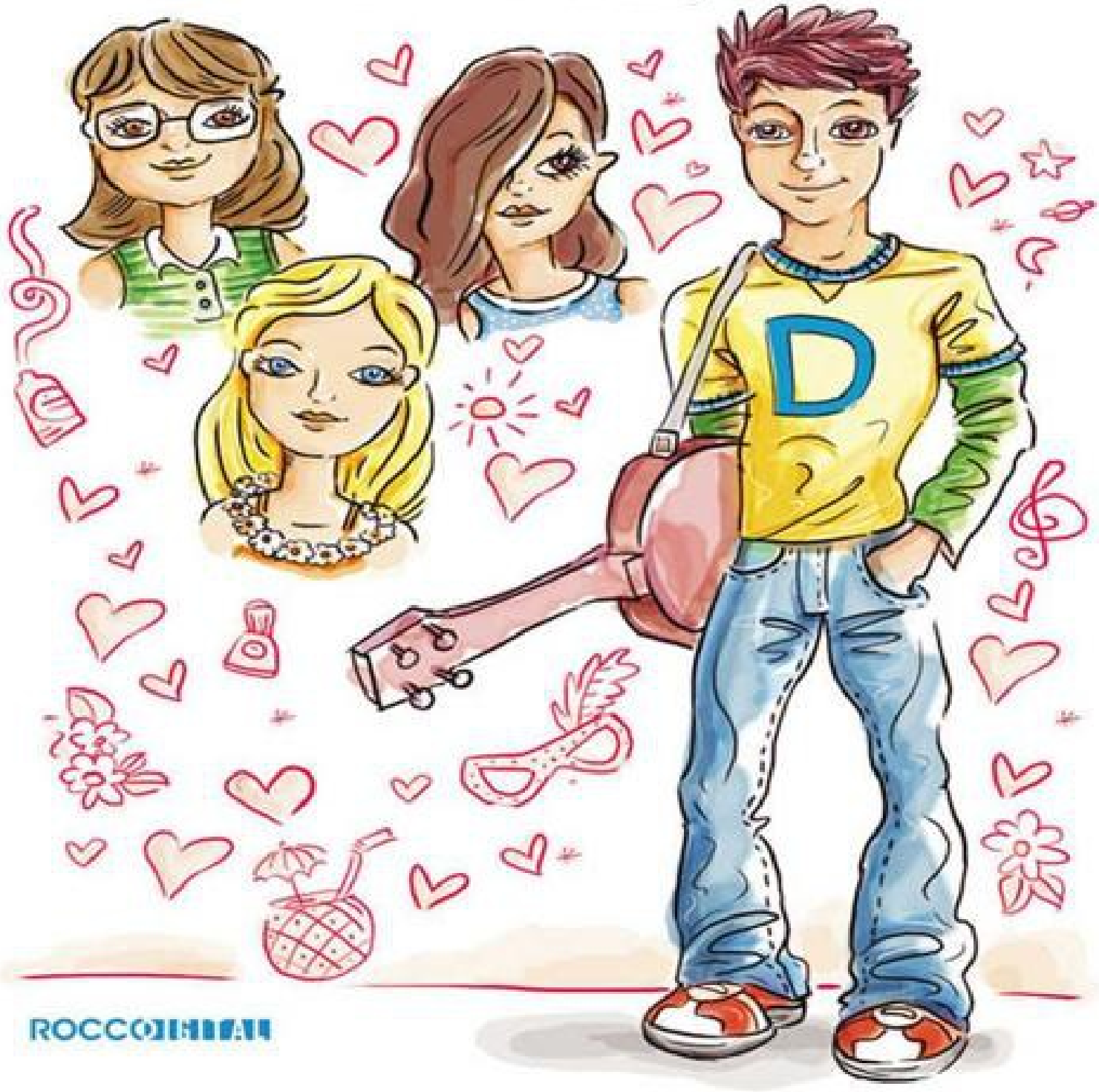
Tudo por um Namorado

Thalita Rebouças



ROCCO JOVENS

Thalita Rebouças

Tudo por um namorado

Ilustrações
Axel Sande

ROCCO DIGITAL

Tudo por um namorado

Sumário

Ainda tietes…
A paixão
Que mala!
Na estrada
A chegada
O torneio
A humilhação
O luau
O beijo
Ah, Babete!
A falta de sorte
O desfecho
Créditos
A autora

Ainda tietes...

Quando o despertador de Minnie Mouse berrou avisando que era hora de acordar, Manu, Gabi e Ritinha nem reclamaram. Elas estavam doidas para levantar, escovar os dentes, tomar café e ir logo para o colégio. Queriam contar para todo mundo a tarde e tanto que tiveram com ninguém mais, ninguém menos que os quatro meninos-cantores-acrobatas-malabaristas-atores-e-modelos-de-sucesso do Slavabody Disco Disco Boys, a banda mais espetacular e rebolativa do planeta. Eles mesmo! Em carne e osso. Os caras mais pop e mais fofinhos do show business internacional tinham passado a tarde inteira com o trio em Resende, sua cidade natal. E tudo foi gravado! E tudo iria passar na televisão! É! Elas apareceriam de novo na tevê, em rede nacional, horário nobre. Só que agora sem mico de tiete. Elas seriam as estrelas da matéria. Chiquésimas!

Ô, dia bom! Dia para guardar para sempre na memória.

– Vocês repararam nas mãos ma-ra-vi-lho-sas do Slack Tom Tompson?

– Você e essa sua fixação esquisita por mão, Ritinha! Com tanta coisa para reparar no Slack você acha mesmo que eu ia perder tempo olhando para as mãos dele? – implicou Gabi.

– Ão, ão, ão, eu adoro uma mão! Ão, ão, ão, eu adoro uma mão! – rugiu enfezada a caçula do trio, rebatendo a acusação com a voz no volume máximo.

– Eu também adoro mamão. Mas o que é que isso tem a ver com o Slack? – brincou Gabi.

– Deixa de ser chata, Gabi! As mãos do Slack são mesmo iradas, vai! Macias, bem cuidadas, dedos longos, unhas superbem cortadas, zero cutícula, nenhuma pelinha aparente… – relembrou Manu.

Gabi achou por bem avisar:

– Ih, esse negócio de unha bem cuidada é melhor não contar na escola! Os garotos, invejosos, claro, vão começar a gritar:

– Inha, inha, inha, o Slack é mulherzinha! – completaram Manu e Ritinha.

As três riram mais uma vez. Que delícia a tarde do dia anterior! Conversaram, fotografaram, abraçaram e beijaram (mas beijaram muito, muito, muito) as bochechas dos maiores ídolos de 10 entre 10 meninas, os caras mais

famosos, mais fofoletos, mais gatos e mais disco-disco do planeta.

Elas tinham noção de que muito em breve se tornariam as meninas mais invejadas do colégio, já que absolutamente todos os alunos saberiam da tarde que elas passaram com o Slavabody sob o foco das câmeras do *Fantástico*. Aquilo, vamos combinar, era um babado fortíssimo, e babados fortíssimos têm de ser passados adiante.

Planejavam contar para quem quisesse ouvir (e para quem não quisesse também), com riqueza de detalhes, o sonho realizado na tarde anterior. Não economizariam um pingo de entusiasmo para contar o dia mais feliz de suas vidas. Não viam a hora de se vingar de toda a hostilidade com que foram tratadas pelos colegas.

Afinal, não bastasse ver seus micos e as confusões em que se meteram para chegar perto do Slavabody divulgados em rede nacional, as amigas de Resende aturaram dias de gozação e humilhação na escola. Era chegada a hora da revanche, de encher a boca para descrever o perfume delicioso do Michael Lazdakson, a pinta supersexy e quase imperceptível que o Julius Tiger tinha no cantinho da boca, as, vá lá, mãos sensacionais do Slack e a espetacular tatuagem de tubarão que o Alexander Ray Boff tinha no quadril. Ui!

Enquanto ainda se espreguiçavam sob os lençóis cheirosos da casa da Manu, confabularam:

– Acho que agora que conheci nossos ídolos, que são tão butitinhos, eu não vou conseguir achar nenhum outro garoto bonito – comentou Ritinha.

– Eu nem vou conseguir olhar para outro garoto. Rolou um clima entre mim e o Slack, vocês perceberam? Um dia a gente vai se encontrar de novo, ele vai olhar no fundo do meu olho e dizer "I love you, Manu"…

– Que mané clima? Ele beijou a Babete, lembra? – intrometeu-se Gabi.

– Quem não beijou a Babete, hein? – zombou Ritinha.

– Eu não beijei – provocou Manu.

– Eu também não – fez coro Gabi, divertindo-se em espetar a amiga mais nova.

Ritinha jogou nelas o travesseiro. E continuou a prosa matinal:

– Sério, gente! Vocês se imaginam achando outro garoto tão lindo quanto o Slack? Quanto o Julius?

– Quanto o Michael! – chiou Gabi.

– Acho que nem os meninos do ensino médio são tão bonitos – disse

Ritinha.

– A gente nunca vai ver pessoas bonitas do sexo masculino naquela escola – opinou Manu, cheia de certeza, como sempre.

– Sem contar que os meninos do colégio são todos chatos, bobos, sem graça e desengonçados – protestou Gabi.

– E não dançam! – emendou Manu.

– E não cantam! – bradou Ritinha.

– E não rebolam! – completou Gabi, cara de chocada. – Meninos da escola, estamos fora! Daqui para frente, vou ser igual à Babete, só vou beijar gatos famosos.

A paixão

Um ano depois, no mesmo quarto, na mesma casa grande em que Manu morava com os pais, o Slavabody estava distante, virara apenas uma lembrança boa. O amor intenso, fulminante, arrebatador e eterno que elas sentiam por eles, pode acreditar, tinha praticamente evaporado. Elas ainda ouviam os discos da banda, curtiam o som dos caras, mas o fanatismo desarvorado de antes simplesmente não existia mais. Além disso, as convicções sobre os meninos anônimos da escola eram muuuuito diferentes.

Gabi, Manu e Ritinha continuavam as mesmas meninas doces, abracentas, alegres, loucas por música, moda e diversão, mas a lembrança do Slavabody não era mais tão especial. Especial era a troca de olhares de Gabi com Diogo, o marrentinho metido a surfista da oitava B. Ela só falava dele. E ele… bem… ele quase não falava dela, viu?

Ritinha e Manu ainda não tinham encontrado um cara legal para engatar um namoro ou mesmo uma paixonite. Manu estava numa fase beijoqueira, ficava com uns garotos aqui e ali, e só. Ritinha, tímida até dizer chega, permanecia BV assumida. "Só vou beijar quando tiver vontade e não porque todo mundo já beijou", ela bradava, cheia de convicção.

Mas Gabi só pensava, respirava, sonhava com Diogo, que ela preferia chamar de Di. Di, por sua vez, respirava, pensava e sonhava com futebol, onda e videogame, não necessariamente nessa ordem. A verdade é que Di até gostava de Gabi, sim, mas não nutria exatamente nenhum sentimento especial por ela. Mas Gabi… ah, ela gostava imensamente de Di!

E esse gostar transformara Gabi numa menina intensa, profunda, prolixa. Resumindo: uma chata. Derretida demais para a escassa paciência de Ritinha e romântica demais para uma Manu que adotara o lema "figurinha repetida não completa álbum" – para justificar o fato de ficar com um menino diferente em cada festa.

Abraçada a um dos 278 bichos de pelúcia de Manu, com os olhinhos pensativos voando longe, Gabi saiu do seu roteiro habitual de conversa nos últimos dias (o Di, o Di, o Di, e ah, sim!, o Di) e puxou um assunto que deixou as amigas perplexas.

– Vamos passar uma semana das férias de julho na Vida d'Ouro, uma

fazenda no meio do nada?

– Rá! Essa piada foi boa, Gabi! – reagiu Manu, rindo.

– Não é piada. Vida d'Ouro é uma das colônias de férias mais tradicionais do Rio de Janeiro, existe há mais de 70 anos. Vocês não receberam a circular da escola?

– Recebemos, claro! Todo semestre nós recebemos! – disse Manu, dando a milésima escovada daquela tarde no cabelo.

– Recebemos e rasgamos! – completou Ritinha.

– Por quê? – quis saber Gabi, genuinamente indignada.

– Porque a Vida d'Ouro é uó! – respondeu Ritinha, categórica.

– Só pais sem alma e sem coração mandam os filhos para aquela tortura – acrescentou Manu.

Menos, meninas, menos. Sem drama, por favor.

A Vida d'Ouro tinha a proposta de ser uma espécie de farra organizada, uma confraternização empolgante com fundo pedagógico. Frequentavam a colônia apenas alunos e ex-alunos dos colégios cadastrados. Os mais velhos iam como coordenadores e os menos velhos que os mais velhos como monitores dos mais novos. Eram eles que bolavam as disputas, as gincanas, as caças ao tesouro, as festas temáticas. E eram eles que inventavam os torturantes exercícios realizados diariamente (lá a educação física era levada muito a sério, com rigor militar), cobravam que todos estivessem pontualmente no refeitório para o café da manhã (impreterivelmente às 6h da matina, meu Deus!), comandavam a ordenha de vacas, as aulas de corrida, natação, vôlei e equitação, a arrumação dos quartos, a lavagem das roupas, os preparativos para as festas e competições…

Lá, tudo era exaustivamente checado. Coordenadores e monitores exigiam higiene total, camas impecavelmente arrumadas, escrivaninhas organizadas, livros devolvidos às estantes, louças brilhando de limpas. E todo mundo fazia tudo! Trabalho em equipe era coisa séria! E ninguém via televisão ou jogava videogame. Também, na colônia não entravam nem TV nem jogos eletrônicos.

E a ordem de todos os dias era: não reclamar. Reclamou? Cento e oitenta abdominais e dias seguidos de limpeza de toda a louça após o jantar. Era um… perrengue… bom, chamemos assim. Bom, sim! A diversão era a parte legal dessa história. As brincadeiras e os jogos eram de primeira qualidade, as festas temáticas eram sensacionais, a decoração era irada, os DJs eram os

melhores… sem contar o rango, delicioso elevado à décima potência. As pessoas iam reclamando, mas voltavam simplesmente apaixonadas pela Vida d'Ouro.

A maioria das crianças e adolescentes ia empurrada pelos pais, que costumavam dar depoimentos emocionados na volta dos filhos. 'As crianças voltam completamente mudadas, voltam outras pessoas. Pessoas melhores", dizia uma mãe chorosa no vídeo de apresentação da colônia de férias. "Eles voltam com a noção do que é disciplina, voltam dispostos a aplicar em seu dia a dia o que aprendem na colônia. É diversão garantida com aprendizado. Uma ideia genial", bajulou um pai.

Além dos alunos do Educandário Professor José Fernandes de Oliveira Raposo Barros Matthias (conhecido por todos como Zé), escola de Gabi, Manu e Ritinha, vários outros colégios da região se inscreviam. A cada período de férias, cerca de duzentos adolescentes de Penedo, Resende e adjacências rumavam para a Vida d'Ouro, em Manto Claro, lugarejo no meio do nada, que parecia ter parado no tempo.

– Vem cá, Gabi, por que você quer fazer isso? Gosta de sofrer? – quis saber Manu.

– A pergunta não é essa. A pergunta é: por que você quer levar a gente para essa roubada? – resmungou Ritinha.

– Eu quero é descansar nas minhas férias! Fazer o que eu quiser, a hora que eu quiser, ficar de papo para o ar, dormir até a hora que eu bem entender… – continuou Manu.

– De novo: por que você está chamando a gente para esse programa de índio? – Ritinha foi mais direta.

– Porque quem já foi diz que é o máximo. O lugar é lindo de viver, rola a maior confraternização, a gente conhece pessoas novas… E lá eles promovem gincanas, festas, shows, peças de teatro, jogos… É superagitado, a gente não para um segundo.

– Você não gosta de animação, Gabi. Até onde eu sei, você é do tipo que medita, não que agita – espetou Ritinha.

– É, tem alguma coisa aí… – instigou Manu.

– Fofas, alou! Nessa colônia de férias a gente cresce, amadurece! Aprende que a vida não é brincadeira. Só isso já valeria a viagem.

– Desde quando você pensa em crescer, Gabriela? – ironizou Manu.

– Penso em crescer, sim! E quero crescer bem. Eu me preocupo com o meu futuro.

– Mas eu não imagino você fazendo uma viagem de tortura, por livre e espontânea vontade, só para "amadurecer". Amadurece aqui, com televisão e internet, que é muito melhor! – disse Ritinha.

– Lá é cheio de muriçoca, e eu sou alérgica a picada de mosquito, esqueceu? – lembrou Manu.

– A gente leva repelente! Vamos, gente, por favor! São só sete dias! – implorou Gabi, apertando os olhinhos, fazendo sua carinha mais fofinha do mundo.

– Eu não vou.

– Nem eu.

– Não tem como. Eu vou. E não vou sozinha, sem as minhas melhores amigas.

– Ah, vai! – enfatizou Ritinha.

– Não vou, não.

– Vai, sim! – insistiu Manu.

– Eu já inscrevi vocês.

Uuuups!

– Como é que é?! – Manu deu piti.

– Você não tinha o direito de inscrever a gente! Que absurdo! Vai lá e tira o nosso nome *agora!* – enfureceu-se Ritinha, a veia saltando do pescoço.

– O Di se inscreveu… – disse Gabi, o rosto todo franzido, numa mistura de embaraçado com suplicante.

Aaaaaaaaaaahhhhhhh… Agora, sim, estava tudo explicado.

– Eu sabia que tinha a ver com o mala do Diogo! – soltou Manu, emburrada.

– Ô, Gabi, todos os meninos da escola te dão o maior mole, por que você cismou logo com esse?

– Justamente porque ele não me dá mole. Quer dizer, não *dava*. Está tudo mudando, para melhor. E é por isso que eu estou… completamente… apaixonada por ele.

Como é que é?! Que revelação bombástica era aquela? Assim, do nada? Gabi estava apaixonada? Desde quando?

Até então Manu e Ritinha achavam que o que a amiga sentia era apenas VONFIMEDI (Vontade de Ficar com Menino Difícil). Nenhuma delas suspeitava de que rolasse PADESUMDI (Paixão Descontrolada por Um Menino Difícil). Paixão é assunto sério, assunto para ser debatido, conversado, sonhado… Paixão… Primeira paixão… Uau! Aquilo era uma novidade e tanto. Gabi, a mais atirada e beijoqueira do trio, a que primeiro passou pela fase de beijar muito tudo e todos, estava apaixonada. A-pai-xo-na-da!

As três suspiraram juntas com a novidade amorosa.

Ai, ai…

– Vai que ele é o homem da minha vida! – pirou Gabi.

– Não viaja, você nem sabe se ele beija bem! – quebrou o romantismo Manu.

– Óbvio que beija! – disse a adolescente apaixonada, cheia de certeza.

– Como é que você sabe?

– Nossos queixos combinam – explicou com naturalidade, sorriso pateta no rosto. – Tenho certeza de que não terá colisão de dentes, estranhamento, desencaixe de bocas ou algo assim. É como se o queixo dele tivesse nascido para encaixar com o meu. Só que a horrorosa da Suzaninha deve achar o contrário, porque está dando o maior mole para ele.

– A Suzaninha pode ser metida, chata, exibicionista, narcisista e falar com voz de pato, mas ela não é horrorosa! É linda – chiou Ritinha.

– Linda também não, vai. Bonitinha. Ela é meio dentuça, parece um ratinho – argumentou Manu. – E se acha muito para o meu gosto.

– Alou, gente! Vamos focar? Eu *sei* que a Suzaninha é bonita e, por isso, é uma concorrente de peso. E, por isso, a gente pre-ci-sa ir para a colônia de férias, porque ela e aquelas amigas insuportáveis vão. E porque ela e o Di… podem… voltar a namorar! Buáááá!

Xi… o assunto parecia sério. E Gabi parecia séria também, o que tornava aquele choro quase engraçado. Quem diria que a Gabi apaixonada seria uma manteiga derretida? Logo ela, que se gabava por não querer se apaixonar, que acreditava (ou dizia que acreditava) que até certa idade o melhor é não se apaixonar, mas sim beijar muito, vários garotos – teoria adotada por Manu nos últimos meses, vale lembrar.

A Suzaninha era ex-namorada do Di. E era bonita, sim. Bem bonita. Dona

de uma cabeleira farta, comprida, lisérrima, cor de mel e brilhosa que só ela, o orgulho da dona; tinha um par de bochechas rosadas e um corpinho magrelinho porém curvilíneo que lhe renderam o posto de "Princesa do Zé" por dois anos consecutivos, derrubando todas as concorrentes, Gabi, inclusive. Manu, após a última derrota, tentou consolar a amiga, que chorava copiosamente por conta do segundo vice-campeonato:

– Isso é porque você tem cabelo ondulado. Se você fosse lisachapinha ganhava fácil. As meninas de cabelos ondulados, cacheados e encaracolados sempre levam a pior. Em tudo!

– E sempre viram figurantes nas peças da escola. As de cabelo duro, então, coitadas, são relegadas a substitutas das figurantes. Também, não existe uma heroína infantil encaracolada ou carapinha. Pensa comigo: Branca de Neve, Cinderela, Pocahontas… – completou Ritinha.

– Chapinha, chapinha, chapinha! – irritou-se Manu. – É triste, Gabi, mas as lisas estão com tudo. Ganham os papéis principais e tiram o primeiro lugar nos concursos de beleza. Eu falei para você fazer um escovão.

– Mas eu amo minhas ondas! E me odeio com o cabelo liso, minhas bochechas ficam enormes quando eu faço escova. Não é possível que eu tenha perdido para essa metida por causa das minhas ondas. Eu me recuso a acreditar nisso.

– Mas pode acreditar – encerrou Ritinha o teretetê capilar.

Suzaninha era da mesma turma de Gabi, mas as duas nunca se deram muito bem. Eram rivais na beleza, nas notas, nos times de vôlei e queimado… Gabi achava Suzaninha metidésima. Suzaninha achava Gabi metidésima. Gabi achava Suzaninha linda, mas não dizia isso jamais, nem para ela mesma. Suzaninha achava Gabi linda, mas nunca comentava isso com ninguém, nem com sua própria consciência. Gabi morria de ciúmes de Suzaninha. Se Suzaninha morria de ciúmes de Gabi, vai saber. Mas Gabi tinha certeza de que Suzaninha morria de ciúmes dela com o Di.

Suzaninha tinha sido a última namorada séria do Di. Durante oito meses e 19 dias, eles formaram o casal modelo do colégio. Viviam aos beijos no recreio e estavam sempre de mãos dadas. Era um grude só. Até que um dia os dois pararam de se falar. Cada um foi para um lado e nunca se soube o porquê. A briga deve ter sido feia, porque durante muito tempo ele só se referia a ela como "aquela garota" e ela só se referia a ele como "aquele prego de canela fina que acha que pega onda, mesmo morando a quilômetros de distância do

mar".

Meninas são beeeem mais ferinas quando o assunto é atacar com a língua, né não?

Justamente nesse período de solteirismo, Di passou a notar as ondas morenas do cabelo de Gabi. Não que isso tivesse alguma conotação sentimental. Ele simplesmente percebera, enfim, que Gabi era bonita. Gabi, por sua vez, a-do-rou ser o novo foco da atenção de Di. Por isso, começou a olhar para Di de outra forma.

Di, é bem verdade, gostou do olhar de Gabi. Gostou de notar um certo entusiasmo brilhando na retina dela. Então começou uma troca de olhares superintensa. Na sala de aula, no recreio, nas festas, nas matinês, na fila do cinema… os dois passavam horas se encarando, um olhando no preto do olho do outro. Meses a fio. Olhavam-se, olhavam-se, olhavam-se… davam risinhos, Gabi pendia a cabeça para um lado (sinal óbvio de encantamento com o outro)… e nada! Nem ele chegava nela, nem ela chegava nele.

Gabi negava-se terminantemente a dar o primeiro passo.

– Falar com ele está fora de cogitação. Isso não é coisa de menina.

– Nossa, acho que nem a minha avó pensa assim – disse Manu.

– Mas eu sou assim.

– Careta por dentro, mas por fora toda *in, cool*, diferente, moderna e antenada? – espetou Ritinha.

– Não é isso! Só não consigo pensar na ideia de ir falar com ele e tomar um toco, levar um não na cara. E isso não tem nada a ver com ser ou não ser careta. Talvez um dia eu mude de ideia, quem sabe na colônia eu crie coragem e mude de atitude?

Espertinha! Bela indireta!

Mas as meninas não se abalaram. Manu tentou arrumar uma justificativa para o fato de Di não se aproximar da amiga.

– Garotos, quando terminam um namoro, gostam de ficar um tempo sozinhos, só azarando, só curtindo a solteirice.

Ritinha jogava mais pesado:

– Ou então ele ainda gosta da Suzaninha.

Aquilo soara como uma bofetada na cara de Gabi. Mas ela nem reagiu. Sabia que era uma hipótese a ser seriamente considerada.

Afinal, Di gostava ou não gostava de Suzaninha? E Suzaninha? Gostava ou não gostava de Di? Essas cruéis questões atazanavam as ideias de Gabi na aula de matemática, na aula de patinação e na aula de ioga. E no banho e ao acordar, e, principalmente, antes de dormir. Ela achava que não, mas, no fundo, pensava que Di podia, sim, ainda ter um resquício de amor por Suzaninha. Já tinha pegado olhares derretidos de Di para Suzaninha. E vice-versa. E se eles passassem uma semana inteirinha juntos numa colônia de férias, ela correria o sério risco de perder Di para sempre. Para sempre!

– Terra chamando Gabriela! Alô-ou! Você *nunca* teve o Diogo! Não dá para perder o que a gente nunca teve! – disse na lata Ritinha, para desespero de Gabi, que ficou com vontade de voar no pescoço da caçula do trio de amigas.

– Como não tive? Ele está praticamente conquistado! E o jeito como olha pra mim? Não conta? O jeito como fala comigo?

– Ele não fala com você! – exclamou Manu.

– Gente, vocês é que não estão percebendo, mas está rolando uma energia muito mágica entre nós dois! Um clima doce, um clima absurdo de lindo!

Os olhinhos de Gabi pareciam tão desesperadamente apaixonados que as amigas resolveram dar uma trégua. Se aquela paixão era ou não correspondida, não era problema delas. Se era platônica, não seriam elas que avisariam. Mas fazer a amiga refletir não era nada mau. Ritinha deu o primeiro passo:

– Então por que vocês só ficam nessa troca de olhares? Por que ele não chega em você? Por que vocês não conversam?

– De repente… ele quer ver se gosta mesmo de mim antes de chegar. Quer ver se eu gosto dele de verdade… Vai que ele quer… namorar comigo… – respondeu Gabi, sonhadora.

– Ou vai que ele quer… te enrolar, ficar sozinho e sair pegando a mulherada? – disse Ritinha, a voz da honestidade, a menos experiente em assuntos do coração e a mais palpiteira em assuntos do coração.

– Ritinha! – chiou Manu.

– Ela está certa. Menino é menino, eles acham o máximo beijar várias bocas diferentes.

– Eu não sou menino e também acho tudo de bom beijar muito. Aliás, até outro dia você também achava, deixa de ser machista, Gabi – corrigiu Manu.

– Tá, mas o Di não é desse tipo. Eu até preferiria que ele saísse pegando um monte. Assim eu saberia que ele não ama nenhuma. Já a Suzaninha… não sei o que se passa entre aqueles dois. Mas tem, ou teve, sei lá, uma coisa muito forte ali – entristeceu-se Gabi. – E ex-namorados, menores de 18, quando terminam e voltam uma vez, essa vez é para sempre.

– Quem disse isso? – quis saber Manu.

– A Babete, ué.

– Logo vi – descontraiu Ritinha.

Babete era prima da Manu, alguns anos mais velha que a loirinha. Beijoqueira de carteirinha, aventureira destemida, tiete das antigas, empolgada, alto-astral, coração de ouro, maluquete, tagarela, meio esotérica, cheia de histórias para contar e conselheira por convicção. Adorava comer brigadeiro na panela, ficar com famosos e meter o bedelho onde era e onde não era chamada. Fazia algum tempo que Manu e as amigas não sabiam dela.

– Se ele voltar para a Suzaninha, e voltar *para sempre*, eu vou sofrer mais do que mocinha de novela.

– Mas o Diogo e a Suzaninha não se falam há uns três meses, desde que terminaram – amenizou Manu. – Acho que ali não rola mais nenhum tipo de sentimento. Nem amor, nem ciúme, nem amizade. Não tem por que se preocupar…

– Não sei, não… meu sexto sentido me diz que ali ainda tem coisa…

– Eles se odiaram nas primeiras semanas depois do término, lembram? – intrometeu-se Ritinha.

– Eu preferia esse tempo, quando eles se odiavam, escreviam coisas baixas um sobre o outro no espelho do banheiro, no quadro-negro… – confessou Gabi.

– O que será que aconteceu, hein? – Ritinha fez cara de fofoca.

O fim do casal Diogo & Suzaninha, mesmo tendo acontecido três meses atrás, ainda dava o que falar. Era o grande mistério da escola. Na cantina, entre os pilotis ou no laboratório de Ciências, a pergunta que não queria calar era: o que aconteceu com os dois? Passaram de amorzinho total a ódio mortal. Nem as melhores amigas dela sabiam. Ou, se sabiam, guardavam muito bem o segredo.

Donde se conclui que… elas não sabiam.

– É o que todo mundo naquele colégio quer descobrir. Até você, né, Gabi?

– espetou Manu.

– Eu quero saber o que aconteceu, sim. Mas quero saber *dele*. Quero que *ele* me conte, olhando no meu olho, mexendo no meu cabelo, se declarando para mim e me dando um beijo de cinema no fim da história, com uma lua cheia ao fundo. E o Djavan cantando. E golfinhos rotadores rodando e rodando e Fernando de Noronha ao fundo, aqueles peitos lindos da Fafá de Belém…

– Por que botar os peitos da Fafá nesse seu delírio romântico?!

– Ritinha ficou chocada.

– É como é conhecido o Morro Dois Irmãos, uma das paisagens mais famosas daquele paraíso, bobona – explicou Gabi, que, vale dizer, nunca fora a Fernando de Noronha, conhecia o lugar apenas pelas matérias que lia nas revistas.

– Você fica chata quando está apaixonada – reclamou Ritinha, séria.

Gabi mostrou a língua para Ritinha que, por sua vez, mantinha sua língua mais afiada (e sincera) do que nunca.

– Dizem que a Suzaninha ficou com outro cara e ele viu – contou Manu, em tom de revelação importantíssima, voltando ao foco da fofoca.

– Soube que *ele* traiu a Suzaninha – fez intriga Ritinha, para irritação de Gabi.

– Gente! Para com isso! Como vocês são fofoqueiras! – estourou Gabi. – Isso tudo é papo de recreio! A gente nunca vai saber o que aconteceu! E se aconteceu é passado! Vamos mudar de assunto?

Segundos de silêncio. Segundos de consideração, de consternação. Segundos de solidariedade, de amizade. Mais alguns segundos. Mais uns poucos, em respeito à paixão de Gabi e…

– Eu tenho certeza de que alguém traiu ali – soltou Ritinha.

– Eu também! Aposto com você! – concordou Manu, enfaticamente.

Nem é preciso dizer que Gabi ficou furibunda. E reagiu:

– Pois eu não tô nem aí pra quem traiu quem, o que eu quero é namorar o Di! Eu quero o Di pra mim! Quero chamar o Di de Di, dizer Di para o próprio Di! Di, eu te amo, Di!

– Mas assim Di não vai aguentar Gabi! – espetou Manu.

– É mesmo! Fala sério! Chama o cara de Diogo, vai! É um saco esse negócio de Di! Di rima com Gabi e fica ridículo – estrilou Ritinha.

– Ri-*díííí*-cu-lo! – frisou Manu.

– Mas Di foi feito para Gabi. E Gabi ama tanto Di… – Gabi ignorou as duas.

– Se isso continuar, Ritinha vai matar Gabi – provocou Ritinha.

– Ele está se aproximando, gente, está quebrando o gelo. Ontem mesmo ele me pediu para passar o ketchup para ele na cantina! – revelou, empolgada.

– Oh! Ele te pediu o ketchup? – debochou Manu.

– Depois de meses inteiros de… troca de olhares? – ironizou Ritinha, rindo.

– Agora sim! Por causa disso a gente tem certeza *absoluta* de que ele vai chegar em você e te chamar para sair – completou Manu, rindo.

– Meninas, por favor, não debochem de um coração apaixonado.

– Fala sério! Além de apaixonada você está brega. Ninguém merece você apaixonada, Gabi! – brincou Manu.

Se apaixonada ela já estava uma mala, imagina apaixonada que não consegue alcançar o alvo da paixão? Gabi viraria um contêiner. E vamos combinar que aturar amiga chorosa falando a cada dois segundos da paixão perdida não é mole, não, hein! Para poupar seus ouvidos de amolações futuras, as duas começaram a cogitar ir com Gabi. Afinal, melhor ajudá-la a conquistar o cara e fazê-la feliz para sempre do que ouvi-la reclamar da vida para sempre.

– Eu vou logo avisando que não sei se meu pai vai me deixar ir para a Vida d'Ouro.

– Seu pai? Maior estilo general? Ele vai amar essa viagem, Ritinha! – empolgou-se Gabi. – Isso quer dizer que vocês… vocês vão comigo? – perguntou Gabi, carinha carente de filhote de labrador em vitrine de *pet shop*.

Manu e Ritinha ficaram sem ação. Por mais que o lado são dentro delas gritasse "Nãããão! Não vai cair nessa roubada!", o lado mosqueteira berrava mais alto.

Paixão. Gabi estava apaixonada. E precisava delas. Em sua cabecinha enciumada, ela sozinha não conseguiria manter sua rival afastada todo o tempo de Di. Ela precisava de suas companheiras inseparáveis para executar planos de afastamento dos dois na Vida d'Ouro. E, principalmente, para planejar o passo a passo de sua conquista. Gabi agora estava definitivamente disposta a flechar Di e alçá-lo ao posto de seu namorado.

A colônia de férias era uma oportunidade e tanto para ela criar coragem e se aproximar do Di (ou fazer Di se aproximar dela, o que preferia), falar com o Di, perder a vergonha com o Di, quebrar a barreira com o Di, dar um beijo no Di. A hora era agora. A colônia as esperava. Havia muito trabalho a fazer.

– Tá bom, Gabi, nós vamos falar com nossos pais… – disse Manu.

– É, mas não acostuma, não… – alfinetou Ritinha.

– Yesssssssssss! Amo vocês, amo vocês! Obaobaoba! Obrigada, obrigada, obrigadéééésima!

Era preciso transformar uma paixão platônica em real. Em sete dias. As três amigas inseparáveis de Resende deveriam entrar em ação urgentemente. Esquerda, volver!

Que mala!

Sentados no sofá de couro vermelho na pequena porém aconchegante sala de estar de sua casa, o pai e a mãe de Ritinha ficaram mais que surpresos com o pedido da filha.

– Isso é que é viagem boa para pedir para a gente, minha filha! – disse, orgulhoso, seu Onofre.

– Nunca achamos que você se empolgaria com a ideia de ir para essa colônia! Dizem que o esquema lá é muito rígido – ponderou sua mãe, Cecília.

– É, mas eles estão planejando várias atividades legais para este ano, vai ter até megashow-surpresa – disfarçou, zero empolgada, para não entregar a paixão de Gabi para os pais.

– Será que é do Slavabody Disco Disco Boys? – brincou Onofre.

– Claro que não, né, pai? Deve ser de alguma banda brasileira mesmo.

– Ficar sem a sua agitação durante uma semana? Isso é que são férias! Pago feliz! – espetou o pai mal-humorado da Ritinha.

– Onofre, não implique com a menina! – bronqueou Cecília. – Pagaremos essa viagem com o maior prazer. Parabéns pela sua iniciativa, querida. Ficamos muito orgulhosos por você querer passar uma semana aprendendo na prática o que é disciplina. Vai voltar uma filha ainda melhor.

Ritinha riu amarelo, pensando nas horas de sono que perderia, nos dias em que não iria ao shopping sem hora para voltar e no tempo que não passaria vendo vídeo e navegando na internet… Uma semana inteirinha. Perdida.

A poucos quilômetros dali, na ampla sala da casa de Manu, seus pais não acreditavam no que ouviam.

– Nós íamos mandar você para lá nas férias de dezembro, para você não pegar muito frio, mas já que prefere ir agora, nós adoramos a ideia – disse Maria Clara, com a boca ainda inchada da aplicação de Botox que fizera mais cedo.

– Olha como adolescente surpreende a gente, Maclá. Nunca achei que a nossa filha nos pediria para ir para a Vida d'Ouro. O que houve, Manu?

– Nada. Deu vontade de ir, vai a maior galera. Vai ser divertido – disse Manu, sem sombra de divertimento no olhar.

– E como é o esquema lá? – perguntou Afonso. – Meninos num canto, meninas no canto oposto, não é?

– Claro, pai! Os meninos ficam na Casa da Colina e as meninas ficam na Casa do Lago. A gente só se junta durante o dia, nas atividades e exercícios, depois vai cada um para o seu lado.

– Ah, bem!

– E a Gabi e a Ritinha? Vão ficar com você no quarto? – quis saber Maclá.

– Não dá para saber. A gente encheu o saco do diretor da escola para ele interceder pela gente junto aos organizadores da colônia, mas nunca se sabe…

– E as crianças menores? Elas têm vez nessa colônia? – questionou a mãe de Manu.

– Na Casa do Lago ficam as meninas da quinta série ao segundo ano. Já a galera da primeira à quarta série fica em outra casa, a Casa dos Novilhos, a alguns quilômetros dos dois casarões principais. Ela é enorme e é dividida em dois pavilhões. No da esquerda, ficam as meninas, no da direita, os meninos. A gente quase não esbarra com os novilhos, acho que tem só uma festa de confraternização com eles.

Tudo explicadinho, pais mais que felizes, três dias depois, Manu e Ritinha puseram-se a fazer as malas. A de Gabi, claro, já estava pronta.

Ritinha resmungava, Manu xingava e Gabi comemorava.

– Oba, oba, oba! Não acredito que vocês vão comigo!

– Nem eu! – disse Ritinha, emburrada.

– Isso é uma prova de amor, hein, Gabi? Você vai ficar devendo essa pra gente!

– Ô, meninas! Amo vocês! Amo vocês! Vai dar tudo certo, vou voltar de lá namorando o Di e vou ser a menina mais feliz do mundo!

– Botou repelente, Manu? – quis saber Ritinha.

– Sete.

– Incenso? – perguntou Gabi.

– Uns trinta – respondeu Manu.

– Odeio incenso – disse Ritinha.

– Tira o incenso, Manu – pediu Gabi.

– Eu gosto de incenso.

– Eu também gosto de incenso, mas a Ritinha odeia incenso e você sabe

que ela vira uma vaca quando é contrariada. E a gente não pode brigar nessa viagem.

– Não sou vaca – mugiu Ritinha.

– Tira o incenso, Manu – insistiu Gabi.

– Incenso é ridículo! É literalmente queima de dinheiro – bradou a caçula do grupo, justificando-se.

– Como você é chata, Rita de Cássia! – chiou Manu, retirando os incensos da mala.

– O que mais a gente leva para esse fim de mundo? – Ritinha quis saber.

– Roupas para suar, brincar, malhar, calça jeans velha para a gente fazer esquibunda na lama… – disse Gabi.

– Que nojo! Eu não quero fazer isso, sujar a minha calça inteira! Posso levar meu skate?

– Deve! A colônia tem uma pista irada – contou Gabi.

– Será que é lá que você deixa de ser BV? – instigou Manu.

– Só se eu encontrar um cara legal. Não me atrai nadinha a ideia de ficar trocando cuspe com um menino que eu acabei de conhecer.

– Eca, Rita de Cássia! – reagiu Manu. Era o segundo "Rita de Cássia" daquela tarde. O negócio estava sério. – Beijar não é trocar cuspe!

– Desculpa. Eu quis dizer… saliva.

– Dâã… – fez Manu.

– Sério, Ritinha, você já pensou que não é nada impossível conhecer um garoto por lá e se apaixonar? – comentou Gabi.

– Eu? Me apaixonar? Para ficar chata que nem você? Nem morta! Tô fora. Uma de nós apaixonada já está de bom tamanho. Vou viajar para aproveitar. Se é que eu vou conseguir aproveitar alguma coisa.

Malas prontas, no dia seguinte o trio partiria para a Vida d'Ouro, a colônia de férias mais adorada por dez entre dez… pais responsáveis, como anunciava o slogan.

Sábado, de manhã, Maclá e Afonso, os pais de Manu, estavam a postos para levar a filha e as duas amigas, que foram dormir lá na noite anterior, para a porta do colégio, de onde sairiam os ônibus para a colônia.

Às sete horas da manhã começaram a chegar os tripulantes da caravana. Em pouco tempo, a rua do Zé se transformou num formigueiro de mães e filhos

se despedindo e se abraçando e se beijando. Meninos e meninas agitados, tagarelando sem parar, chegavam e logo corriam para pegar os melhores lugares num dos oito ônibus.

No carro, Gabi era só sorrisos, Manu era o retrato da desilusão e Ritinha mantinha sua tromba firmemente amarrada.

– Lá não tem esse negócio de ficar, não, né? – checou Afonso, ao volante.

– Afonso, elas têm 13, 14 e 15 anos, e beijam na boca, Afonso. Se toca, Afonso! *Helloou*, Afonso! – debochou a mãe de Manu, para risadas coletivas no banco de trás. – É normal meninas dessa idade beijarem na boca! É assim, agora, Afonso, os tempos mudaram! Acorda, A-fon-sooo! Podem beijar na colônia se quiserem, meninas. Tá liberado!

As três riam no banco de trás. Maclá era divertidíssima, a mãe mais animada, mais sarada, mais gente boa de Resende.

– Não diga isso nem brincando, Maria Clara! Além dos coordenadores, a colônia é cheia de monitores, normalmente exalunos ou alunos do terceiro ano. Eles estão lá para tomar conta delas e não deixar que essa beijação desbragada aconteça – tentou se enganar o pai de Manu.

– Não seja tolinho, Afonso!

– Os monitores ficam direeeeeto com as monitoras e até com as monitoradas mais velhas, tio – entregou Gabi.

– É praticamente uma regra – acrescentou Ritinha.

– Todo mundo sabe, vários casais se formam todo ano na colônia… – suspirou Gabi, entregando, com o brilho dos olhos, que sonhava fazer parte de um desses casais na volta.

– O quê? Como assim os monitores "ficam", Gabriela? Desenvolve esse raciocínio, Gabriela – pediu o pai de Manu.

– Obrigada, hein, gente? Obrigadésima! – Manu enraiveceu-se com as amigas. Voltou-se para o pai: – Paizinho, queridinho, até parece que você não sabe que todo menino mais velho faz sucesso com as meninas mais novas! É normal que as meninas se derretam pelos monitores.

– Minha filha, mamãe te ama. Mas se você pegar um monitor, que ele seja sarado, ou pelo menos bonitinho. Você é tão linda, mas anda pegando uma sucessão de meninos feios e malvestidos que me dá um desgosto tão grande!

– Maria Clara! – Afonso teve um ataque.

– Lá só tem monitor gato, tia Maclá, não se preocupa – comentou Gabi.

– Que meninos feios e malvestidos são esses, Manuela?

– Sei lá, pai. Viagem da mamãe! – disse, irritada até a alma, mastigando a mãe com o olhar. Maria Clara, por sua vez, divertia-se com suas gracinhas para deixar a filha irritada até a alma.

– Que *sucessão* de meninos feios e malvestidos é essa, Manuela? – insistiu Afonso.

– Para, pai! – disse Manu, vermelha até o dedão do pé, não crendo naquele diálogo surreal.

– E desde quando você *pega* meninos, Manuela? Por que você pega pessoas, minha filha? Que coisa horrorosa!

– Ih, Afonso, deixa de ser antiquado, larga a menina! – cortou Maclá, sempre empolgada, o assunto em defesa da filha.

Quando se aproximaram da rua da escola perceberam que não daria para parar perto dos ônibus. Tiveram de dar uma volta e pegar um trânsito lento e chatinho que as deixou agoniadas. Depois de muito rodar pelas pequenas ruas adjacentes, encontraram enfim uma vaga numa travessa.

Gabi quicava de ansiedade no banco de trás, Afonso não era exatamente um bom motorista. Na verdade, o pai de Manu era o que se convencionou chamar de domingueiro, aquele sujeito que só tira o carro da garagem aos domingos e dirige lentamente, estabanadamente, avoadamente, desatinadamente. Barbeiro mesmo.

Ninguém merece domingueiro atravancando o trânsito. E ninguém merece domingueiro estacionando. Na vaga em que caberia um caminhão, Afonso demorou 14 idas para a frente, 14 de marcha a ré, entre o carro da frente e a picape de trás, cinco longos minutos que as deixou ainda mais atrasadas, e o pessoal da colônia não era de esperar (a rigidez começava desde a partida).

Afoitos e apressados, tiraram a bagagem do porta-malas e andaram alguns cansativos metros sob as árvores da simpática travessa que dava na rua do colégio carregados de mochilas, bolsas, malas, sacolas. Tudo pesadíssimo, claro. Alguma dúvida? Três meninas, com bagagem para sete dias. Eram quilos e quilos de roupa, gloss, maquiagem, escova, secador de cabelo, revistas, livros, bobagens femininas.

– Essa viagem está sendo uma mala desde agora – reclamou Ritinha, para não perder o hábito, atolando-se com a bagagem.

Estavam bem atrasadas. Beeeem atrasadas. E os pais de Manu terminaram

por deixá-la ainda mais atrasada com tanto beijo esmagado, com tanto abraço apertado, como se ela fosse passar sete anos na Tailândia sem nenhum contato com o mundo.

A mãe de Manu, boca inchada, chegou até a ensaiar um choro. Mas chorar doía. É que aproveitando a ida à dermatologista, Maria Clara pediu que a médica desse uma "levantada em seu olhar". Resultado, olhar cinco anos mais novo, mas sem direito a lágrimas. Muito menos a sentimentos. O botox da testa (sim, ela também botou na testa) a deixou sem expressão. Na fisionomia de Maclá, estar triste era igual a estar alegre, que era igual a estar cabreira, que era igual a estar com medo, que era igualzinho a estar eufórica. Sempre a mesma cara. E ela pagou para isso! Para levar injeção! Para ficar com cara de cirurgia plástica!, conversava consigo mesma Manu no silêncio do seu quarto.

Plastificada e botocada, Maclá só queria saber de beijos.

– Beijo, Gabi!

– Beijão, tia! Obrigada pela carona!

– Beijo, Ritinha!

– Beijo, tia, beijo, tio! – despediu-se Ritinha.

– Beijo, filhonaaaa!

– Beijo, mãe! Beijo, beijooo! Caramba! – disse Manu, esquivando-se das garras maternas. – Agora chega de beijo! A gente precisa ir! É melhor correr, gente – apressou-se a loirinha.

Quando olhou para o lado, percebeu que Gabi não estava com elas. Era só o que faltava! Naquela muvuca, perderam Gabi de vista. Assim, num piscar de olhos. Mas como?

– Cadê a Gabi? – perguntou Maclá.

– Foi para o ônibus… – mentiu Ritinha, para não preocupar a mãe de Manu. – A gente pediu para ela guardar lugar para a gente, um do lado do outro.

– Então, está bem. Ótima viagem, meninas, aproveitem! Beijoooo!

Assim que Maclá e Afonso foram embora, as duas partiram à procura da apaixonada chata, que evaporara sem deixar pista. Esquivando-se de grupinhos que batiam papo animadamente e de pais e mães e avós chorosas, elas andaram um bom tempo carregando suas tralhas. Anda daqui, anda de lá, anda mais um pouco. Suas malas pareciam a cada segundo mais pesadas. Onde se metera a mala apaixonada?, perguntavam-se Ritinha e Manu.

– Será que ela entrou num ônibus? – indagou Ritinha.

– Melhor checar. Eu entro nesse primeiro daqui e você dá uma olhada no segundo da fila – disse Manu.

Ambos os ônibus estavam uma zona. Gente saindo pelo ladrão, um falatório que beirava o insuportável, música alta. Não tiveram outra alternativa a não ser meterem-se no meio da cabeçada. Procuraram nas poltronas, no banheiro… nada!

Desceram dos ônibus desoladas. Entraram em dois apenas e tinham mais seis para vasculhar! Mas por que Gabi entraria num ônibus e sequer avisaria a elas?

– Será que ela não foi comprar alguma coisa para beber? – sugeriu Manu, com preguiça assumida de entrar em todos os ônibus para procurar a amiga.

– No começo da rua tem o quiosque da Lu e da Cris, que vende aquele doce de nozes que a Gabi adora – lembrou-se Ritinha.

– Boa! Vamos ver se ela está lá – comandou Manu.

No caminho, emburradas e suando até a alma de tanto carregar para cima e para baixo aquele trambolho de bagagem, avistaram uma pequena multidão logo adiante, com crianças, adolescentes, mães, avós, cachorros, gatos, bichos de pelúcia… Era a fila para assinar a presença e também o espaço de rua escolhido pelos pais para o último aceno, o último beijo, o último afago nos filhos.

Desconfiaram da muvuca e se embrenharam nela para conferir o bafafá. E quem estava lá? Quem? Quem? Gabi, claro. Fisionomia tensa, ruga de preocupação entre as sobrancelhas, estalando todos os dedos da mão, o que fazia quando estava nervosa, mordendo a boca a cada dois segundos, andando de um lado para o outro.

– Assina lá, gente, assina logo! Temos problemas. Temos problemas graves!

Ô-ou! Como assim aquela viagem nem começara e já estava com cara de pior viagem do mundo? Como assim?

Manu e Ritinha entraram na fila, procuraram as listas de suas respectivas turmas e seus nomes e assinaram o mais rápido que puderam. Gabi não estava nada bem. Parecia ligada numa tomada, de tão elétrica e ansiosa.

– O que foi que houve? – perguntou Ritinha.

– Também quero saber, mas conta andando, vamos procurar um ônibus

para entrar, a gente precisa ver se ainda tem lugar bom para sentar – disse Manu.

– Não, mesmo! Vamos ficar aqui fora esperando o Di chegar.

O quê? Hum… Como? Assim… dá para repetir?

– Como é que você sabe que o Di não está aí?

– Vi na lista da turma dele. Por favor, meninas, esperem aqui comigo, por favor!

Um minuto de silêncio se fez. Os semblantes de Manu e Ritinha transformaram-se. Pareciam visivelmente consternadas com o drama da amiga. Gabi estava apaixonada, precisava delas. Urrava por elas. Manu, a primeira mosqueteira, carregada de mala e cuia, verbalizou:

– Não tem a menor condição de eu ficar aqui com esse peso todo nas costas esperando o Diogo chegar. O Diogo é seu, você que espere sozinha.

– Ei! Cadê o companheirismo? Cadê o "uma por todas, todas por uma"?

Xi! O clima esquentou. E a muvuca à volta sentiu o mesmo, tanto que parou para prestar atenção no aumento de tom das envolvidas no bate-boca nada escolar.

– A Manu está certa, Gabi. Se o Diogo está atrasado, o problema não é nosso – rosnou Ritinha.

Uau! Elas estavam suuuupersinceras naquela manhã.

– Eu te ajudei a escolher a roupa para a festa da Tuca na semana passada e é isso que você me dá em troca, Manu? Por causa daquele vestidinho azul-piscina que combina com seu olho que o Miguel ficou com você.

Golpe baixo, Gabriela!

– Tá bem, tá bem! – irritou-se Manu. – Eu fico aqui com você, sua chatona. Mas depois você devia carregar as malas para a gente até o ônibus, como forma de gratidão.

– Beleza, eu vou para o ônibus – decretou Ritinha.

– Se você ficar eu te dou um skate novo – gritou Gabi.

– Proposta tentadora, mas… não, obrigada. Estou muito feliz com o meu – disse, virando-se para tomar o rumo do ônibus mais próximo.

– Se você ficar aqui comigo eu, eu, eu… bordo numa camiseta os dizeres *Sou linda, sim, e daí?* e te dou de presente!

– Eu, hein! – espantou-se Ritinha.

– Então eu te dou o CD novo do Jimmy Low Sugar Bakers.

– Comprei ontem.

– Ai, Rita de Cássia, como você é difícil! Então eu peço para a mamãe fazer aquela farofinha de alho que você gosta e mandar todos os dias para a sua casa.

– Não quero.

– Te dou o que você quiser, então!

– Quero que você me ensine a andar de patins.

Não! Tudo menos isso!, pensou Gabi, em pânico. Ritinha era a pessoa mais desajeitada quando o assunto era se equilibrar sobre patins. Toda a sua destreza no skate ia para o ralo quando ela calçava os patins.

– Mas você não leva jeito. Você é péssima patinando!

– E você é péssima amiga. Se fosse boa amiga, me apoiava e começava a me ensinar agora.

– Mas…

– Você que sabe… é pegar ou largar…

– A gente já tentou e deu errado, Ritinha! Você cai. Você simplesmente cai – disse Gabi, desolada. – Toda hora!

– Então tchau. Espero vocês no ônibus.

No desespero, Gabi gritou:

– Fechado! Eu ensino!

Ritinha suspirou, irritada – ela jurara que Gabi jamais aceitaria sua proposta. Não fazia muito tempo, Gabi passara uma semana indo diariamente até a casa de Ritinha para ensiná-la a patinar. Os tombos e os micos foram inesquecíveis e incontáveis, sem contar que Gabi ganhou várias manchas roxas pelo corpo por conta das vezes que a afobada e estabanada da Ritinha caiu em cima dela.

As aulas acabaram quando a caçula do trio de amigas perdeu o equilíbrio e empurrou Gabi sem querer de cara no chão. Saldo dessa história sobre rodinhas: queixo roxo, sangue escorrendo no rosto, um dente lascado e Gabi traumatizada.

Manu e Ritinha acabaram se conformando com a situação mala e Gabi empolgou-se por ter a companhia das duas melhores amigas naquele momento de angústia passional. Puseram-se a esperar.

A pequena multidão do lado de fora ficava cada vez menor, os carros dos pais iam embora, esvaziando a rua, aos poucos, os alunos iam se acomodando nos seus assentos… E, finalmente, o burburinho deu lugar ao silêncio.

E elas lá, esperando Di.

Cinco minutos se passaram. Nada do Di. Seis minutos, seis minutos e seis. Nem sombra do Di. Sete minutos e meio, as costas do trio doíam, sete minutos e trinta e cinco, esperando o Di, esperando o Di, oito minutos, um trovão soou lá longe, mas Di nem sonhava em dar sinal nas imediações. Oito minutos e quarenta e sete, a irritação com a espera começava a tornar as coisas mais complicadas, todo mundo queria partir logo.

Dez minutos, chegou um retardatário, o Léo, um magrelinho, da sétima C. Mas onde estava Di? Di, que era bom, neca! Di, que interessava, nadinha de nada. Di, a razão pela qual elas estavam ali, não aparecia nem de longe no horizonte.

Onze minutos e dezesseis segundos de ausência berrante de Di, caiu um pingo grosso de água na cabeça de Manu. Não, não era ar-condicionado.

– Ah, não! Essa chuva vai acabar com a minha escova! Acordei uma hora antes de vocês para alisar meu cabelo e não vai ser por causa do Di, que a partir deste momento eu odeio oficialmente, que vou ficar horrorosa – chiou.

– Se esse Di não vier, eu corto o seu cabelo o mais curto possível quando você estiver dormindo, Gabriela – ameaçou Ritinha, entre os dentes.

Gabi pareceu assustada. Mas não com a possibilidade de Ritinha estragar suas madeixas. Nem com a irritação pungente de Manu.

– Será que ele desistiu? – disse chorosa.

– Eu espero que não, Gabriela! Eu espero que não! Eu só estou aqui por causa desse moleque. Eu acho bom ele vir! – exasperou-se Manu, botando a mochila sobre a cabeça, para proteger-se da chuva.

– Se ele desistiu, eu vou até a casa do infeliz para saber o que aconteceu – comentou Ritinha.

Gabi ficou ainda mais aflita.

– Eu estou estranhando, ele é pontual.

– Como é que você sabe?

– Li no blog dele – disse, olhando mais uma vez para um lado, para o outro. Olhou para o chão, como que envergonhada. – Vocês… vocês consideram a hipótese de ele não vir?

– Claro. Imprevistos acontecem. Ele pode ter ficado doente – opinou Manu.

– Ou pode ter voltado para a Suzaninha – espetou Ritinha, sem dó nem piedade, mais irritada ainda, pois a chuva agora caía forte.

Enfurecida e já cheia de pingos d'água pelo corpo, rosto e cabelos, Gabi conseguiu reagir educadamente à provocação:

– Não voltou, não, sua chata. Eu vi que a Suzaninha já está no ônibus há séculos, foi uma das primeiras a chegar.

Um inspetor da colônia se aproximou do trio e pediu que elas se dirigissem a um ônibus, a caravana sairia em um minuto.

Mas ainda faltava Di.

– Mas, e o Diogo, aluno da oitava B? Um menino de sobrancelhinha grossa, cabelinho lindo, cheirooooso…

– Sinto muito, não vamos esperar nem mais um segundo.

Não era possível! O motivo daquela viagem não dera as caras. Que azar! O coração apaixonado da adolescente apaixonada estava em frangalhos. E agora? Ela viajava? Não viajava? Ah, não ir por causa dele também já era demais! Isso não tinha a cara da Gabi.

Cabisbaixa, triste toda a vida, ela disse para as meninas, com um fiapo de voz:

– Vamos escolher um ônibus e entrar para ver se tem lugar…

– Olha lá ele, Gabi! – apontou Manu.

– Onde? – quis saber a enamorada de Resende, virando a cabeça bruscamente, ansiosamente, procurando com os olhos o que eles mais gostavam de olhar nos últimos tempos. Coração palpitando de felicidade, sorriso escancarado se abrindo no rosto.

Era ele! Era ele! O garoto de olhinhos cor de mel, sobrancelha grossa, nariz afilado e maxilar forte. Sério, compenetrado, peladeiro perna de pau, vidrado em Matemática, maior enrolador nas provas de História, metido a engraçadinho, cantor e surfista nas horas vagas… Aquele garoto ali, que fazia as pernas de Gabi tremerem, sua barriga remexer, seus olhos virarem, passaria uma semana inteira, 24 horas por dia, ao seu lado. Uma semana!

A alegria que subiu pelo peito de Gabi nessa hora foi grandiosa, quente, inédita. Amedrontadora até. Não podia sequer ser comparada a qualquer outro sentimento de felicidade extrema pelo qual já passara. Que coisa doida essa

sensação…, pensava. Olhar para ele já era tão bom. Tão bom…

– Até que enfim! Vamos, então? Eu já não estou sentindo os meus pés, minhas pernas. Está tudo formigando, preciso sentar! – resmungou Ritinha.

– Vamos ver que ônibus ele escolhe e vamos atrás – decretou Gabi, voltando a dar as cartas.

Manu e Ritinha entreolharam-se e disseram uma para outra, sem emitir uma palavra: Essa viagem vai ser chaaaataaaa…

– Vamos, meninas, vamos! O Di está entrando no ônibus pintado de rosa – ordenou a apaixonada chata, chata, chata, partindo na frente, sem nem olhar para as amigas, como se estivesse hipnotizada.

– Impressionante. Nos últimos tempos a Gabi tem estado estranha… – constatou Ritinha.

– É, não está mais ouvindo ninguém, não interage com ninguém. Agora ela só ouve seu… seu… coração apaixonado – debochou Manu. – Ou deveria dizer… *apaixochato?* – completou, rindo.

A dona do coração *apaixochato* em questão ouviu e não gostou da piadinha.

– Quando vocês sentirem o que eu estou sentindo vão entender por que eu estou agindo assim, tá? É uma coisa inexplicável.

– Esse negócio de paixão é mesmo esquisito, né? – pensou Ritinha em voz alta.

– Bota esquisito nisso. Sempre me perguntei por que será que uma menina vê mil garotos todos os dias e, de repente, um deles mexe com ela de um jeito diferente. O que faz uma menina se encantar por um menino e não por outro? – indagou Manu.

Subiram a escada do ônibus, que parecia uma verdadeira festa sobre rodas. Gente em pé, gente sentada nos encostos das poltronas, gente conversando, gente jogando, gente dançando, gente dormindo mesmo naquela algazarra…

Era tanta gente de pé que mal dava para procurar assentos para se acomodarem. Andaram, andaram e não acharam nenhum em que pudessem sentar juntas. O ônibus estava praticamente lotado. Os únicos lugares que restavam vazios eram bem na frente do ônibus, perto de um coordenador, onde tinham se acomodado os mais quietos e desinteressantes alunos, os mais *nerds*. Traduzindo, elas sentariam no lugar menos legal de todo o ônibus, sinônimo de

certeza de tédio pelas próximas quatro horas, o tempo de duração da viagem.

Passeando as pupilas pelas poltronas, Manu, indignada, viu uma cena irritante. Ela ergueu as sobrancelhas o mais que pôde para mostrar para as amigas o espanto. Gabi e Ritinha levaram seu olhar para a direção que apontavam as sobrancelhas de Manu.

Qual não foi sua surpresa quando perceberam que Di era a animação em pessoa e, pior, já estava confortavelmente acomodado na poltrona reclinável que os amigos, que o rodeavam, haviam guardado para ele.

Pior! O papo estava a-ni-ma-dís-si-mo. Eles riam alto, mexiam no cabelo e se davam soquinhos amigáveis vez ou outra. Uma felicidade plena, gigante, alegria de comercial de supermercado. E nessa felicidade infindável, Gabi viu Di, mas Di nem notou Gabi.

Di estava no melhor lugar do ônibus, bem no fundo, ponto disputadíssimo, praticamente uma primeira classe rodoviária. Claro, o fundão era sempre privilegiado, dali dava para ver tudo o que acontecia em qualquer lugar do veículo sem torcicolo ou pito do coordenador. Dali era possível participar de tudo, olhar tudo, puxar brincadeiras. Diversão garantida por quatro horas seguidas.

Manu e Ritinha fulminaram Gabi com os olhos.

– Gente, a culpa não é minha! Não posso fazer nada se o Di é bem relacionado e tem amigos gente boa que guardam lugar para ele! – defendeu-se, antes de qualquer acusação.

Inacreditável que aquilo estivesse acontecendo logo com elas, que adoravam zonear nas viagens e passeios do colégio. Gostavam de cantar, de fazer guerra de bolinha de papel…

Como se não bastasse sentar-se longe de Di, os olhos grandes de Gabi viram o que ela não queria ver jamais.

A princesa do colégio, Suzana Pessoa de Oliveira, a Suzaninha, estava sentada numa poltrona exatamente ao lado da de Di! Ela, Suzaninha, sua arquirrival, e Di, seu futuro quase namorado, estavam separados, oh, céus!, apenas por um pedaço de corredor.

Que lástima!

– Fica forte, amiga. Fica forte – consolou Manu.

– Não acredito que eles vão ficar um do lado do outro a viagem inteira… – entristeceu-se Gabi.

– Não fica assim, vai, essas coisas acontecem. Pronto, já aliviei seu sofrimento, agora eu pre-ci-so ir me sentar, essas malas estão pesadas, eu estou com sono e cansada de ficar em pé – reclamou Ritinha.

– Você está certa, vamos sentar. Vocês já perceberam que vai ter que ser lá na frente, né? – observou Manu.

– Ah, não! – chiaram as outras duas.

– Não tem jeito, vamos ter que ficar na frente com os *nerds*, os monitores e um coordenador – frisou Manu.

As três caminharam para a frente como quem caminha para a forca.

O ônibus partiu. Uma bolinha dura de papel vinda lá de trás acertou em cheio a cabeça de Gabi. Três poltronas na frente, Ritinha e Manu sentaram nos – fazer o quê? – assentos situados na primeira (primeira!) fila do ônibus, mas pelo menos uma ao lado da outra.

Aquela viagem ia ser longa.

Na estrada

Naquelas férias, a maioria dos adolescentes que se inscreveram para os sete dias na Vida d'Ouro estudava no Zé, mas o ônibus levava também alunos de colégios como Professor Blásio e São Judas Tadeu.

Manu e Ritinha estavam tão injuriadas que nem tiraram "zerinho ou um" para decidir quem sentaria na poltrona ao lado do aluno mais esquisito da escola (uma das três que restavam vazias). Praticamente obrigaram Gabi a sentar-se ao lado de Tadeu Mattoso, um menino de cabelos ruivos e pele bem branca, fanho, que falava cuspindo e soltava puns altíssimos e com alto teor de fedor em plena sala de aula. Além disso, diziam as más línguas, não era lá muito chegado num banho.

Enquanto as três observavam, emburradas e em silêncio, a chuva insistente que caía do lado de fora, a parte de trás do ônibus virara uma *rave* animadíssima, dessas que vão até de manhã. Uma festa com direito a refrigerantes, sucos variados, biscoitos doces, biscoitos salgados, biscoitos com gosto e textura de isopor e até, luxo dos luxos, sanduíches, que algumas mães prepararam para a viagem. A galera do fundo estava realmente se divertindo a valer.

Grunf!, pensaram em coro Manu, Gabi e Ritinha.

Elas estavam irritadas, incomodadas com aquele barulho todo e por não fazer parte dele. Tudo culpa da Gabi, pensou Manu. Não fosse a apaixochata, ela e Ritinha estariam acomodadas há muito mais tempo em lugares decentes, com pessoas conhecidas em volta. Mas Gabi já estava pagando por seus pecados.

– Que linda a equação que o professor Mateus passou ontem, né?

– Desde quando equação é linda, Tadeuô? Fala sério! – estourou Gabi, limpando do olho a saliva que escapuliu da boca de Tadeu bem no "s" do professor.

– Eu adoro Matemática. Matemática é esplêndida. Adoro essa palavra, esplêndida. Esplêndido vem do latim, ah, o latim! – delirou Tadeu Mattoso, duas cusparadas consecutivas, no tim do latim.

Gabi se irritou.

– Ih, Tadeuô, não viaja! Na boa, você escolheu a pessoa errada para conversar, Tadeuô! Eu odeio Matemática, odeio o professor de Matemática, odeio a letra do professor de Matemática, simplesmente não entendo Matemática. Meu cérebro registra quantas tatuagens tem uma atriz da Globo, mas não registra Matemática. Aí vem você e puxa assunto justamente sobre Matemática, Tadeuô? Logo comigo, que não entendo que diferença vai fazer na minha vida eu saber equação? – desandou a falar Gabi, cuspindo a raiva por estar longe de Di no coitado que cuspia.

– Você ronca? – mudou de assunto Tadeu Mattoso inesperadamente.

– Não.

– Quer saber por que as pessoas roncam?

– Não!

– O que causa o ronco é uma obstrução parcial das vias respiratórias, que pode ocorrer por vários motivos, como rinite, sinusite e desvio do septo nasal. Li na internet – explicou, ignorando a negativa de sua vizinha de poltrona.

– Ah, tá. Vou pegar meu bloquinho para registrar essa superinformação – debochou Gabi, virando-se para o lado, para tentar impedir aquele chato de continuar.

Ela tinha mais o que fazer (pensar no Di, pensar no Di e pensar no Di), mas… Tadeu Mattoso gostava de puxar conversa.

– Você sabia que os porcos-espinhos copulam 365 dias por ano, estando a fêmea em período de reprodução ou não?

– Que mané porco-espinho, Tadeuô? Pirou?

– Eu gosto de porco-espinho.

– Eu odeio porco-espinho! Tô nem aí para porco-espinho!

– Quantos músculos será que eles mexem enquanto copulam, hein? Hein?

– Sei lá, Tadeuô!

– Você sabia que para sorrir a gente usa 14 músculos?

– Fala sério, Tadeuô! Que assunto nada a ver!

– E aposto que você não sabe quantos músculos a gente movimenta para beijar. São 29… – disse Tadeu, sedutor, levantando as sobrancelhas seguidamente e aveludando a voz.

Ô-ou!

Para desespero de Gabi, Tadeu Mattoso, o fanho que cuspia, continuou,

decidido, aproximando-se dela, com claras segundas intenções:

– Tadeuô, que cara é essa, Tadeuô?

– Cara de quem nunca beijou, cara de quem não sabe como é um beijo…

Oh, não! Ele lançou para ela um olhar de tigre apaixonado de desenho animado, enquanto limpava a baba que escapou da boca no "sabe".

– Será que você não gostaria de me dar um b…

Enquanto Gabi berrava por dentro NÃO! NÃO! ALGUÉM ME AJUDA! SOCOOOOORRO!, foi salva por um cutucão no ombro.

Ela imediatamente pensou que era Di, que desceria de um cavalo azul-celeste (Gabi odiava branco, achava sem vida. Por isso, desde sempre seu cavalo branco era cavalo azul-celeste, sua cor preferida), a tomaria nos braços, encheria seus lábios de beijos demorados, daria um tabefe no abusado do Tadeu, mandaria um "Essa gata é minha, Tadeuô!" e a levaria no colo para a parte de trás do ônibus, onde ela seria saudada como a princesa do reino.

Não era Di.

– Pensamos num plano e viemos falar para você – sussurrou Manu.

– Ai, que bom! Eu estava quase me jogando da janela com esse garoto puxando um papo mais chato que o outro. O que vocês pensaram?

– *Eu* pensei – fez questão de frisar Manu. – Acho que nós precisamos descobrir o que se passa lá atrás, saber o que está acontecendo entre o Di e a Suzaninha.

– Oba! Que bom que vocês pensaram num plano! Eu não consigo parar de pensar no Di e na Suzaninha, estou morrendo de curiosidade para saber o que está rolando lá atrás. O problema é que não posso ficar olhando, para não dar bandeira.

– Sua angústia vai acabar, estou indo agora mesmo para aquela bagunça descobrir tudo e contar para você – revelou Ritinha, com cara de James Bond de saia.

– Você, Ritinha? Que linda!

– Eu preferia estar dormindo e babando na minha poltrona, lógico, mas fui praticamente obrigada a ir pela Manu.

– Claro, eu que tive a ideia! Vai, Ritinha, vai logo!

– E se der traz alguma coisa para a gente comer – pediu Gabi.

– E para beber também, se não for pedir demais – completou Manu.

– É pedir demais! – rosnou a caçula do trio, virando-se para trás irritada até a raiz do cabelo.

Ritinha dirigiu-se para a muvuca, deixando vaga por alguns minutos sua poltrona, onde Gabi logo se aboletou e começou a esmagar a mão de Manu. Ela estava ansiosa, com medo do que a amiga mais nova poderia descobrir naquela zona rodoviária.

Foi preciso meter o cotovelo para abrir o caminho, aquilo parecia carnaval da Bahia, a praça Castro Alves lotada de povo, a temperatura mais alta, a galera dançando com os braços para cima, azarando, cantando aos berros. Galera que parecia a cada fração de segundo menos tímida, mais atirada, mais entrosada, mais descontraída.

A caçula do trio de amigas logo viu que não seria fácil avistar Di. Ainda mais porque, além do muro de pessoas, ela tinha de aturar outros obstáculos. Uma idiota que soltava bolas de sabão que teimavam em estourar na sua cara e outro idiota que pisou com força numa bola de gás bem atrás dela, dando-lhe um susto daqueles. E Ritinha o-di-a-va levar susto.

Para terminar de queimar seu conhecido e curtíssimo pavio, pisou num resto de brigadeiro que repousava já esmagado no chão para, logo em seguida, com o outro pé, acertar em cheio um chiclete mastigado. A missão de Ritinha estava ficando mais chata, mais irritante, mais insuportável do que imaginara. "Com licença" daqui, "com licençaaaa!" dali, ela acabou achando Di. Que estava de pé, de costas para Suzaninha, que por sua vez dormia como um bebê, de costas para as costas de Di.

Ufa!

Vai ver eles nem notaram a presença um do outro, pensou Ritinha. As amigas de Suzaninha jogavam palavras cruzadas e tiravam fotos umas das outras com seus celulares. Os amigos de Di brincavam de se dar soquinhos e rolavam de rir minutos a fio. Vez ou outra um se entretinha sozinho fazendo embaixadinhas com uma bola de meia.

Di era o Ronaldinho da hora. Sentia-se um rei com a redonda no pé. E era bom. Uma, duas, três, mata no peito, ajeita, e nada de a bola cair. Sete, oito, nove, troca de perna, cabeceia, chuta mais. Trinta e um, trinta e dois, trinta e três, apara nas costas. Até Ritinha, que não tinha o menor interesse por futebol, parou para ver o showzinho. Para ele só existia aquela bola. E para Ritinha, a certeza de que Gabi não corria nenhum perigo.

Era chegada a hora de dar a notícia às amigas e isso significava ir para a

frente do ônibus, ou seja, voltar para as trevas, para o silêncio total, para a escuridão, para o espaço mais monótono e sem vida do globo terrestre, para o lugar onde os minutos simplesmente não passavam. E era preciso (oh, não!) enfrentar novamente aquela multidão contente e saltitante e, justamente por isso, irritante. A passos obrigatoriamente lentos, esbarrando num aqui, noutro acolá, forçando passagem aqui, dando um empurrãozinho ali, Ritinha dirigiu-se de volta para seu assento. Era estafante vencer aquela selva de estudantes empolgadésimos.

Seu estômago apitou no meio do caminho de volta e a fez lembrar as comidas que vira repousando numas poltronas. *Sandubas* suculentos, pedaços de torta, brigadeiros, biscoitos recheados, biscoitos de queijo com cheiro de chulé… Ritinha tinha um fraco por biscoitos fedorentos. Esse do cheiro de chulé era um dos seus preferidos. Virou-se para pegar um saco e um refrigerante.

Numa poltrona estavam todos os tipos de guloseimas. Abertas, fechadas, mexidas. Irc! Para Ritinha, então, irc! Irc! Irc! Com cara de nojinho e prendendo a respiração, ela procurou um saco fechado. Achou, pegou e abriu uma latinha de refrigerante, que estava devidamente num isopor na frente das poltronas dos biscoitos.

A festa parecia estar ainda mais cheia e Ritinha, de repente, viu-se esmagada. Surpreendida por uma menina que passara correndo para mostrar um esmalte coloridésimo para uma amiga, ela perdeu um pouco o equilíbrio e quase caiu.

Quando tornou a equilibrar-se, o ônibus deu uma freada brusca e seu corpo cambaleante resolveu cair de vez. E para frente. Provavelmente de quatro.

Que humilhação!

Pelo menos Ritinha não ia cair de bunda. Resignada, esperou o tombo, sabia que não dava para lutar contra ele. Com as duas mãos ocupadas era impossível usar os braços para reaver o equilíbrio.

Ela só não se estabacou em pose comprometedora porque caiu bem no colo (fala sério!) de um (caraca!, mil vezes caraca!) me-ni-no de outro colégio. Que mico, não acredito que caí no ônibus, sou o primeiro mico da viagem! Eu vou matar a Gabriela, foram as últimas coisas que pensou antes de espatifar no peito do pobre do garoto o biscoito e o refrigerante.

E quem estava em volta não resistiu e estourou numa gargalhada. Ritinha tinha a esperança de que, se não gritasse e se não houvesse estrondo, as

pessoas não veriam e, consequentemente, não ririam. Que nada! Riram, apontaram, comentaram, desdenharam… aquela crueldade básica de adolescentes.

Como se não bastasse ter virado o centro das atenções, ela precisava lidar com a vergonha (e com o nojo) de ter jogado aquela farofa gosmenta de biscoito de chulé com *refri* na camiseta de um desconhecido.

– Mil desculpas, mil desculpas, mil desculpas… – ela dizia sem parar, vermelha como um pimentão, sem conseguir olhar no olho profundamente azul da vítima da gosma.

– Nossa, como isso fede! – reclamou ele, com ênfase no ponto de exclamação.

– Eu sei, eu sei! Mil desculpas, mil desculpas, mil…

Envergonhada mais do que nunca estivera na vida, Ritinha afastou-se com os olhos vidrados no chão, a roupa com resquícios da farofa gosmenta, um fedor indecifrável. Enjoativo. Ofensivo.

O cheiro afastou a multidão e em pouco tempo ela estava de volta ao lado das amigas. Ainda roxa.

– Que houve? Ai, meu Deus, o Di ficou com a Suzaninha!? Pode falar! Estou preparada para tudo – descontrolou-se a nada preparada Gabi.

– O Di está ignorando a presença da Suzaninha! E a Suzaninha não está nem aí para o Di! Nem aí! Ela está dormindo! Dor-min-do! – estourou Ritinha. – Não está rolando clima nenhum entre eles, Gabi, nenhum! Só na sua cabeça! Eu não acredito que caí nessa roubada de viagem por causa desse SUPOSTO climinha! – desabafou em si bemol.

– O Di está ignorando a presença da Suzaninha! E a Suzaninha não está nem aí! Não viaja, Rita de Cássia! Não existe *suposto* clima! Está rolando um *climão* entre eles, eu não estou pirando! Os dois têm se olhado diferente nos últimos dias. Volta lá e vê se a Suzaninha continua dormindo. Isso está muito estranho, a Suzaninha deve ter te visto e resolveu fingir que estava dormindo para você passar esse recado para mim.

– Será? Que espertinha a Suzaninha! – reagiu Manu, com pinta de As Panteras.

– Volta lá, Ritinha! – pediu Gabi.

– É, Ritinha! E traz um rango para a gente dessa vez, pô! – completou Manu.

– Alooou! Um minuto de atenção, por favor! Eu acabei de pagar o maior micão da minha vida, derrubei Coca-Cola e biscoito num menino que eu nunca vi na vida. Estou morta de vergonha!

– Ah, é por isso que você está fedendo desse jeito? Que horror! Achei que tinha algum bicho morto lá atrás.

– Não, não. Sou eu, mesmo – assumiu Ritinha, pau da vida.

– Que nojo! Você não foi ao banheiro se lavar? – perguntou Gabi, cara de náusea.

– Não! Era muita gente me olhando e rindo da minha cara, preferi sair logo de lá. Acho que dá para entender, né?

– Você vai assim até a colônia? – perguntou Manu, enjoada.

– Vou, por quê?

– Por nada…

– Não volto lá atrás nem sob tortura, quando chegar à colônia eu tiro essa roupa, tomo um banho…

– Ainda bem que você não vai assim do meu lado.

– Mas vai do meu – irritou-se Manu. – Moço, quanto tempo falta para chegar na Vida d'Ouro? – perguntou para o motorista, que olhou no relógio para dar a previsão.

– Três horas e vinte minutos.

– Ah, não! Fala sério! – desolou-se Manu.

– Você sabe quantas milhas um submarino atômico percorre em três horas e vinte minutos? – perguntou Tadeu Mattoso para Gabi, assim que ela voltou para sua poltrona.

Isso é que são férias!

A chegada

A viagem demorou uma eternidade, como o trio previra desde o primeiro minuto. Mas, assim que avistaram do ônibus o desenho das montanhas do vale em que ficava a Vida d'Ouro, abriram um sorrisão. Elas e todos os passageiros. Aí foi uma batucada só: estudantes festejando, improvisando sambas, músicas e marchinhas de Carnaval. Um engraçadinho até gritou: "Olha a Vida d'Ouro aí, geeeente! Chora cavaco!"

Em pouco tempo o comboio de ônibus cruzou as imensas porteiras da colônia de férias mais especial que já se vira. Um grande lago verde embeveceu as retinas reluzindo a luz do sol. Cercado de árvores, entre elas vários ipês amarelos e roxos, ele dava ao local de 700 mil metros quadrados uma aura outonal, um clima de locação de comédia romântica.

Completavam o cenário o campo de futebol, cercado pela pista de corrida, a quadra de vôlei gramada, a pista de skate, a pequena montanha que coberta de lama virava o "morro do esquibunda", o estábulo, o ginásio onde aconteciam as competições, o pequeno teatro de arena, a Casa dos Novilhos, a Casa da Colina, a Casa do Lago… tudo impecavelmente cuidado. E tudo absurdamente verde, limpo e florido. O impacto de tanta beleza junta? Aplausos e óóós coletivos dos adolescentes, que não pararam um minuto de clicar a paisagem com suas inseparáveis câmeras digitais e seus celulares com câmeras.

Meninos primeiro. Não que o pessoal da colônia não fosse cavalheiro, é que a Casa da Colina ficava antes da Casa do Lago, por isso os representantes do sexo masculino desembarcaram antes das garotas. Os ônibus pararam e uma algazarra de vozes se formou quebrando de vez o silêncio bucólico do lugar.

A Casa da Colina era uma ampla construção em estilo colonial. Toda branca, janelões azuis, pé direito alto, verde por toda a parte e um riacho na parte de trás cujo barulhinho bom embalava o sono dos hóspedes à noite.

Gabi, de rabo de olho, observava os meninos saírem do ônibus aos berros, socos e pontapés, um implicando com o outro, um zoando com a cara do outro. Di e seus amigos demoraram a passar por ela. Aposto que ele está se agarrando com a Suzaninha e esqueceu que precisa desembarcar, mordeu-se de ciúme Gabi.

Di foi o último a sair do ônibus. Quando passou por Gabi, ela sentiu seu perfume e gelou. Ele sequer cumprimentou a apaixonada, passou direto. Mas, para sua surpresa, virou-se quando já estava na escada. De lá, com o cabelinho caindo no rosto, lançou-lhe um olhar sedutor, um olhar malandrinho, do tipo "eu sei que você está aqui. E gosto disso". Pronto. Bastou para Gabi voltar a ser a felicidade total em pessoa. Agora ela tinha novas esperanças, aquele jogo não estava perdido. Talvez Suzaninha estivesse mesmo dormindo quando Ritinha fora averiguar horas antes.

Assim que Di saiu, Gabi foi correndo para a poltrona exatamente atrás das amigas, antes ocupada por um CDF

– Vocês viram o olhar do Di para mim?

– Vimos.

– Então chegaram à conclusão de que é real a minha chance de conquistar o menino mais lindo da escola! – suspirou a apaixonada. – Eu não estava viajando!

– Gabriela! Um, ele não é o menino mais lindo da escola. Longe disso. Dois: tem sido assim há um tempão! Você olha para ele, ele olha para você, mas nada acontece! Esse olhar não muda absolutamente nada – resmungou Ritinha enquanto o motorista virava a chave na ignição para conduzir o veículo até a Casa do Lago, alguns metros adiante.

– Pois é! Por isso que eu vim para cá, para mudar tudo! Para pegar o Di de jeito! Para deixá-lo completamente apaixonado por mim!

– Uma noite dessas, como quem não quer nada, a gente pode propor a brincadeira da garrafa, o que você acha? – sugeriu Manu, solícita.

– Verdade ou Consequência?

– É.

– Menor condição. Não quero que o meu beijo com o Di seja assim, nada romântico, nada especial, na frente de todo mundo, por causa de uma garrafa estúpida. Quero que seja mágico.

Sem que elas percebessem o pequeno trajeto, já que estavam entretidas com o futuro primeiro beijo de Gabi e Di, em poucos minutos o ônibus chegou à Casa do Lago, que era ainda maior do que a Casa da Colina, com quartos impecavelmente limpos, camas feitas de madeira nobre, piso de tábua corrida escura e um varandão que rodeava toda a casa, com piso de cerâmica branco enfeitado por poltronas de treliça e redes coloridas, que davam ao local

aspecto de mostra de decoração.

Entre uma casa e outra, ficava o refeitório, de onde saía um cheirinho de comida que abriu ainda mais o apetite da sempre esfomeada e gulosa Ritinha. Aliás, a vontade de se instalar logo nos quartos para almoçar o mais rápido possível tomou conta de todas as meninas, que em um pulo estavam prontas para desembarcar, de pé, com malas, revistas, estômago vazio e tudo o mais que carregavam.

As três amigas foram as primeiras a entrar na casa. Lá, foram recepcionadas por madame Lilu, uma espécie de governanta, que beirava seus 75 anos e era a responsável pelas boas-vindas das meninas e pela coordenação geral do casarão. Quando todas as garotas de todos os ônibus estavam alinhadas na imensa sala de estar, uma ao lado da outra, ela começou a falar:

– Sejam bem-vindas à Casa do Lago. É com enorme prazer que acolheremos vocês nessas férias. Mas, todas sabem, temos regras rígidas e não aceitamos reclamações, que é o que mais acontece quando divulgamos quem fica em que quarto – avisou. – Antes de mais nada, preciso explicar que escolhemos os quartos de acordo com o perfil de cada estudante. Nossa intenção é promover uma interação maior entre vocês, a proposta é que vocês saiam daqui com novas e duradouras amizades. Cada quarto conta com oito camas, que devem ser impecavelmente feitas por vocês logo após o primeiro badalar do sino, às cinco e meia da manhã. A casa é enorme e, portanto, dividida em setores. O setor A, no canto leste da casa, e o setor B, no oeste, cada um com quatro quartos. Em todos eles ficam alunas do sexto ao nono ano do ensino médio e do primeiro e segundo anos do ensino médio. A divisão é apenas para facilitar os monitores na hora de elaborarem gincanas, jogos e atividades e não para gerar qualquer tipo de rivalidade.

Madame Lilu não estava para brincadeira. Seu rosto enrugado não lembrava, nem de longe, o de uma avozinha fofa, e sua bengala e seu uniforme branco e marrom, pomposo e aparentemente pesado, davam a ela uma aparência austera, de personagem misteriosa de filme de terror.

Manu, Gabi e Ritinha estavam tranquilas. Ritinha era ótima aluna, a preferida de dez entre dez professores, e tinha ido com as amigas dar uma chorada básica para Ubaldo Manganelli, o diretor da escola, o que mais babava pela aluna nota 10, pedindo a ele que intercedesse por elas junto aos organizadores da colônia. A conversa na sala do diretor, regada a cafezinho e

biscoitos amanteigados, deu ao trio a certeza de que ficaria e dormiria unido durante os sete dias.

– Vou pedir com carinho. Acho linda essa amizade, não acredito que o pessoal da colônia vá fazer alguma objeção em botar vocês três no mesmo dormitório – foram as palavras de Ubaldo.

Enquanto as outras meninas estavam tensas que só elas, com medo de cair num quarto de desconhecidas, ou metidas, ou sem graça, Manu, Gabi e Ritinha estavam confiantes, plácidas, apenas esperando sem ansiedade o anúncio de seu quarto.

Com sua voz firme e grossa, Madame Lilu dizia oito nomes e sobrenomes e, bam!, batia sua bengala com força no chão. Era a senha para as citadas darem um passo à frente. O segundo bam era o aviso para elas formarem uma fila. O terceiro anunciava o nome do quarto e uma monitora as encaminhava. E nem um pio! Ai de quem contestasse!

Seis grupos já haviam partido, faltavam mais dois. Havia apenas dezesseis meninas naquela enorme sala.

– Beatriz Senna, Lana Rangel, Raphaela Silveira, Joana Águas, Maria Paula Jardim, Letícia Aguiar, Manuela Fortes e Gabriela Paz Junqueira – ela disse, antes de bater forte a bengala no chão.

Todas alunas do Zé, exceto Raphaela, que era do São Judas Tadeu. Manu, Gabi e Ritinha ficaram sem entender nada. Devia ter algum erro, elas deveriam ficar no mesmo quarto.

– Mas a Ritinha… O Ubaldo Manganelli, que é o diretor da nossa escola, prometeu que…

– Nem mais um pio, garota! Que petulância! Você conhece as regras. Se a Raphaela, que é de outra escola, reclamasse, eu até entenderia. Ela, sim, poderia chiar, pois não conhece ninguém do quarto. Mas não, preferiu ficar quieta, como deve ser.

– Não tenho culpa se ela é assim. Eu sou diferente, eu luto pelos meus direi…

– Mais uma palavra e é você quem lava a louça do almoço de hoje – protestou madame Lilu, batendo com força a bengala no chão de madeira.

O choro de Manu subiu até a garganta. Que grossa!, pensou. Nem minha mãe fala assim comigo.

– Vocês vão para o Quarto Lilás Lindo, setor A – anunciou, antes do *bam!*

derradeiro, que forçou a fila a andar cabisbaixa rumo ao seu aposento.

Ritinha estava atordoada, mal tinha caído a ficha de que não ficaria com suas melhores amigas quando veio o anúncio das ocupantes do último quarto, o Quarto Fruta-do-Conde, setor B.

– Tatiana Forli, Bárbara Guillobel, Renata Parkinson, Carolina Rieggs, Ana Luísa Paternot, Marina Santos, Rita de Cássia Simão da Silva e Suzana Pessoa de Oliveira.

Nãããão! Não podia ser! Suzana Pessoa de Oliveira, a Suzaninha! Mil vezes não! Ritinha ficara no mesmo quarto de Suzaninha, a arquirrival de sua melhor amiga! Não! Não! Não! Ninguém merece!

Ritinha não sabia o que estava mais: irritada, chocada, solitária, chateada ou desolada. Logo ela caíra com a Suzaninha! Acordaria e dormiria com ela pelos próximos sete dias. Que azar!

Ao terceiro *bam* da bengala de Madame Lilu, as meninas seguiram em fila indiana para seu quarto.

Àquela altura, Manu e Gabi já estavam quase prontas para almoçar. Botaram suas malas debaixo de suas respectivas camas e retocaram o gloss antes de ir para a porta da casa esperar por Ritinha, que voou para o chuveiro assim que chegou ao quarto.

De pé, escovando os cabelos, Manu deu um ligeiro piti com Gabi.

– Tem cor mais sem graça do que lilás? Tem cor mais oposta à palavra "lindo" do que lilás? Ou é rosa ou é roxo! Lilás é o meio do caminho, é feio, nada fica bem com lilás. Lilás é uma cor que não valoriza nada em mim, nada! São absolutamente medonhas essas paredes lilás. Socorro!

– Eu não estou nem aí para o lilás! Eu estou é feliz da vida!

– Não sei como você consegue estar feliz nesse quarto pavoroso, e ainda por cima sem a Ritinha!

– É justamente por isso que eu estou feliz!

– Pelo quarto ou pela Ritinha? Não entendi.

– Pela Ritinha, Manu!

– Como assim? Eu achei péssimo ela ter que ficar no quarto daquela Suzaninha! Péééssimo! Poxa, ela veio para cá por sua causa, o ideal seria que nós três ficássemos juntas!

– Pois é, vocês vieram para cá para me ajudar! Olha aí o universo

conspirando para tudo dar certo no meu futuro relacionamento super-romântico com o Di! E viva os anjinhos dos relacionamentos super-românticos!

Anjinhos dos relacionamentos super-românticos?! Fala sério!

– Traduz, Gabriela – pediu Manu.

– Você não percebe? A Ritinha cair no quarto da Suzaninha é perfeito! Lá ela vai seguir os passos da Suzaninha, vigiar a Suzaninha, ouvir o que a Suzaninha fala, ver o que a Suzaninha faz, saber se a Suzaninha fala do Di para as amigas, o que ela fala… eu ganhei uma espiã no time adversário e nem tinha pensado nisso!

Manu estava boquiaberta. Por não ter pensado nisso antes e pela alegria infinita de Gabi.

– Não é certo você pensar assim. Ela vai ficar longe de nós, sofrendo, triste, irritada. Ela é a mais nova, grudada com a gente…

– Manu, ficar lá não é nenhum fim do mundo! Ela vai passar os dias inteiros com a gente, só na hora de dormir é que não vai ter a nossa companhia. Não pode ser tão ruim assim.

– Não sei, não… A Ritinha odeia ficar sozinha, odeia se sentir um peixe fora d'água, e é isso o que ela é no quarto da Suzaninha.

– Deixa comigo, eu vou conversar com ela agora no almoço, aposto que ela vai entender que irá me ajudar mais do que nunca ficando no quarto da Suzaninha.

– A Ritinha? Entender? Acho difícil…

Uns quarenta minutos se passaram até que todas as meninas se arrumassem lindas e cheirosas para o primeiro almoço da Vida d'Ouro. A caçula do trio de amigas inseparáveis enfim apareceu cabisbaixa na sala de estar. Manu ficou com pena. Antes mesmo de expressar sua solidariedade e oferecer seu ombro a ela, foi pega de surpresa:

– Vou embora. Depois do almoço vou ligar para casa e pedir para a minha mãe me buscar.

– O quê? – perguntou Gabi.

– Não vou ficar sete dias ao lado das meninas mais metidas, mais sem assunto e mais vazias da escola.

– Mas…

– Não tem "mas" nem meio "mas". Eu te adoro, Gabi, mas nem adianta me

pedir para ficar. Estou decidida.

– Por quê? Você não pode achar que é um sacrifício dormir no mesmo quarto com algumas pessoas só porque elas são… vazias.

– Seria um sacrifício enorrrrrme dormir com a Suzaninha, que, por si só, já é uma mala. Acontece que eu não conheço NINGUÉM naquele quarto. Acho todas chatas e de nariz em pé, não tenho assunto com nenhuma delas.

– Mas você vai só *dormir* com elas e quando a gente dorme não conversa! Além disso, você vai estar tão cansada que vai apagar e nem vai perceber a presença delas. Ô, Ritinha, fica!

– Não.

– Por mim!

– Não!

– Ia ser perfeito você lá de espiã, averiguando as coisas, ouvindo as fofocas, sabendo aonde vai e com quem vai a Suzaninha…

– É, isso ia ser legal, mesmo. Bancar a espiã… – Ritinha pendeu a cabeça para um lado com o olhar fixo no horizonte. Íris saltitantes brilharam por um momento, dando a Gabi a certeza de que convencera a amiga. – Mas não vai rolar. Vamos comer? Depois eu ligo para casa.

Ui! Gabi não convencera a amiga. Nem perto disso. Ritinha estava decididésima. Cabeça feitésima, certésima de que não poderia, em hipótese alguma, permanecer naquele fim de mundésimo.

Por essa as mosqueteiras de Resende não esperavam. Ritinha desistira ao primeiro obstáculo! E Gabi ficara sem uma fortíssima aliada no seu time. Aquela história, que era para ser a história mais irada de sua vida, não estava nada irada. Nada irada.

No refeitório, crianças e adolescentes lotavam as imensas mesas de madeira. Em pouco tempo, estava servido o almoço de boas-vindas, que era simplesmente dos deuses. Estrogonofe de carne com batata frita e arroz. Que sabor, que textura, que gostosura, que rango bom!

De sobremesa, torta de banana sensacional, com uma calda de caramelo que era um atentado à boa forma, mas uma maravilhosa sensação para o estômago.

– Sei que vou engordar alguns quilinhos comendo esta torta, e sei que não poderia comer, por causa da minha carreira, mas não resisto.

– Que carreira? – perguntou Gabi.

– De modelo, ué – respondeu Manu.

– Fazer uma foto para o calendário da loja de ferramentas do amigo do primo do vizinho do seu avô não significa que você tem uma carreira – provocou Ritinha.

Manu fez uma cara feia para Ritinha. Gabi não resistiu e riu. Manu acabou rindo também. Ritinha, com seu olhar sapeca e maroto, soltou uma gargalhada. As três riram juntas, riso gostoso, demorado. Manu sabia que a amiga torcia por ela e por seu sonho de virar modelo. Era só implicância. Era só Ritinha sendo Ritinha. Além do mais, Manu sabia que Ritinha estava irritada e quando ela estava irritada, salve-se quem puder! A baixinha não poupava ninguém.

O riso morreu e elas entreolharam-se por um instante. Ritinha iria embora dentro de pouco tempo.

– Fica, Ritinhaaaa! – pediu Manu, carinhosa. – Vou sentir saudade desse seu mau humor, dessa sua implicância, dessa sua chatice.

– Eu também, sua ranzinza resmungona! – fez coro Gabi. – A gente te ama!

Ritinha esticou o braço para elas e as três se deram as mãos.

– Gente, eu também amo vocês, mas isso aqui… para mim… vai ser muito, muito ruim, muito ruim – deu uma pausa, suspirou, olhou para os lados e enfim completou: – *Muito* ruim!

– E se você usar isso como um desafio? Por que você não usa a colônia para aprender que obstáculos sempre aparecem no meio do caminho, mas cabe à gente olhar para eles de uma maneira diferente? Por que você não faz do seu quarto de metidas um obstáculo para vencer com maestria?

– Ih, Gabi, você está levando muito a sério os livros de autoajuda que a Babete te emprestou, para com isso! Não estou nem um pouco a fim de obstáculo, muito menos de maestria, seja lá o que isso for. Quero ir para casa ficar de papo para o ar. Eu estou de férias! Nunca devia ter vindo, isso sim.

Manu e Gabi olharam-se tristes, resignadas. Voltariam com Ritinha para Resende? Não, Gabi não toparia, tinha o fator Di nessa matemática. E Manu jamais deixaria Gabi sozinha. Já que estava na chuva, que se molhasse de uma vez. Mas que a colônia ficaria bem sem graça sem aquela reclamona que se achava brava feito um pit-bull, ah, isso ia.

Enquanto a cabeçada devorava a sobremesa, Terror, o coordenador mais velho e mais antigo da colônia, que tinha esse apelido porque vivia dando susto nas pessoas, pediu a palavra.

– Meninos, meninas, meus queridões, minhas queridonas… A Vida d'Ouro é uma colônia de férias única, ímpar. Espero que vocês saibam aproveitá-la da melhor maneira possível. Nossa primeira atividade começa já, já, mais precisamente daqui a uma hora e meia, e será um torneio de queimado. Todos os quartos de cada casa se enfrentarão no ginásio em partidas eliminatórias até que vença o melhor.

As reações foram as mais variadas. Empolgadas comemorações, com direito a u-hus e palmas, mas também vaias e injuriadas reclamações. Reclamações dos mais velhos, que acharam aquilo coisa de pirralho, reclamações dos pirralhos, que reclamaram das reclamações dos mais velhos, reclamações de pirralhos que reivindicaram jogar com os mais velhos e reclamações dos mais velhos, que desafiaram os pirralhos (embora muitos estivessem adorando secretamente virar pirralhos de novo).

Não teve conversa. Todos jogariam. E ponto final.

Terror, o coordenador gente boa de voz grossa e pele sardenta, botou ordem no refeitório:

– Meus queridões, minhas queridonas… o torneio de queimado sempre causa reações exacerbadas. Uns adoram, outros odeiam. Tomem o torneio como a primeira lição da Vida d'Ouro: observem seus comportamentos diante de uma coisa que não querem fazer, olhem para dentro e percebam como vocês funcionam sob pressão, como trabalham em equipe. Queremos que vocês reflitam, só isso. Mas queremos que vocês, acima de tudo, se divirtam.

Uma saraivada de aplausos e assovios estridentes tomou conta do refeitório. Após o discurso de Terror, a turma que adorou a ideia de jogar queimado finalmente se fez ouvir. Manu fazia parte do time dos insatisfeitos e resmungou com as amigas:

– Por causa desse torneio ridículo, vou estragar a minha unha logo no primeiro dia, e eu fiz ontem.

– Achei que a tarde de hoje seria livre. Pô, primeiro dia! Estava a fim de dar uma caminhada, fazer uma yoga…

– Vamos ter que arrumar tudo correndo, trocar de roupa e ficar lindas para tacar bola uma na outra. Coisa estúpida. Odeio queimado – frisou Manu.

– Odeio queimado – confessou Gabi.

– Eu gosto de queimado – soltou Ritinha, a única do grupo que levava toda e qualquer competição a sério e não sabia perder.

– Eu adoro queimado. Acho que vou jogar. Depois eu ligo para casa – afirmou, com um brilho indisfarçável no olhar.

Gabi e Manu não conseguiram conter o entusiasmo com aquela empolgação repentina de Ritinha. Claro que ela se empolgaria. Estava sempre pronta para qualquer jogo: mímica, futebol de botão, totó, pingue-pongue, handebol, vôlei. Era ótima em esportes com bola e se gabava disso. Imagina se perderia a chance de se redimir consigo mesma do mico que pagara mais cedo no ônibus! Quero ver alguém zoar da cara da primeira campeã da colônia, refletia enquanto mastigava com gosto seu pedaço de torta.

O torneio

Gabi e Manu ficaram tão felizes com a animação de Ritinha que nem se deram conta de que poderiam enfrentar seu time. E nem se tocaram de que o time da amiga teria Suzaninha e que, ao lado dela, Ritinha, a fominha de bola mais famosa de Resende, lutaria com unhas e dentes pelo posto de vencedora do primeiro torneio da colônia.

No caminho de volta ao quarto, Ritinha viu o menino em quem esbarrara e jogara refrigerante e biscoito, mas fingiu que não o viu.

– Ô, sua derrubadora de coisas fedorentas! Não vai falar comigo, não, é? – chamou ele, quando ela já estava na escada da casa branca e azul em que ficava o refeitório.

Roxa do couro cabeludo ao dedinho mindinho do pé, Ritinha disse apenas um "oi" tímido e saiu correndo, olhos apertados, como se mastigados por uma vergonha enorme, que ela odiava sentir. Ele ainda perguntou:

– Posso saber seu nome?

Mas ela nem ouviu. Apressou o passo e em pouquíssimo tempo estava no quarto Fruta-do-Conde (que era lotado de frutas-do-conde pintadas no teto e nas paredes. Ah, e nos edredons também). Mas já era uma outra Ritinha. Com gana de jogo, com gana de bola, com gana de queimar uma, duas, três, todas as adversárias.

Vencer aquele torneio, com alunas de outros colégios, teria um gostinho ótimo, muito melhor do que os campeonatos do Zé. No dia seguinte, já rodava à boca pequena, haveria torneio de handebol, outro esporte em que ela era simplesmente a melhor. Suas mãos chegavam a coçar. Queriam bola, bola, bola. Ficar na Vida d'Ouro… hum… não parecia tão má ideia agora.

– Nós precisamos montar uma tática. Ritinha, você é ótima, já te vi jogando várias vezes. O negócio é atacar forte logo no começo, para deixar as adversárias atônitas, atrapalhadas, com medo. Eu, você e a Guillobel atacamos e depois corremos para o fundo na hora do contra-ataque delas – decretou Suzaninha, assumindo o comando da equipe.

– E é melhor escapar do que tentar agarrar, hein, gente? – avisou Ritinha, tornando-se, de repente, cúmplice e, sim!, parceira de time da Suzaninha.

– E é preciso não ter pena de atacar as nossas amigas que estão nos outros quartos – disse Suzaninha, que pelo visto também não gostava de perder.

– Concordo. Jogo é jogo, amizade é amizade. Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa – brincou Ritinha, para risos gerais, o que a deixou surpresa e um tantinho convencida.

– Ah! Melhor fazer um rabo-de-cavalo, meninas. Jogar de cabelo solto é a maior roubada – opinou Guillobel.

– Levar água para a quadra também seria uma boa, vamos encher nossas garrafinhas – sugeriu Tati Forli.

– Eu sou boa de agarrar. Eu me garanto – gabou-se Carol Rieggs.

– Então só a Carol tenta agarrar, mais ninguém, combinado? – estabeleceu Suzaninha.

As paredes vibravam queimado, os poros das meninas clamavam por queimado. Para todo mundo ali, aquele torneio era sério à beça.

Já no quarto Lilás Lindo…

– Você acha que essa meia combina com esse tênis? Acho que já passei da idade de usar meia com desenho do Taz. É muito infantil, você não acha?

– Essa meia não combina nada com esse tênis, Manu. E eu se fosse você não ia com tênis novo, não. Vai que ele começa a apertar no meio do jogo! Aliás, não entendo por que você comprou um tênis e trouxe para uma colônia de férias. Para acabar com ele em uma semana?

– Não, sua chata. Porque era fofo. E rosa. Quero jogar com esse e pronto – disse Manu, vasculhando no *nécessaire* de meias uma meia tão fofa quanto seu tênis fofo. – Você viu o meu gloss, Gabi?

– Gloss? Você vai jogar queimado de gloss, maluca?

– Claro! Quero estar linda. Hoje à noite tem festa, ou seja, existe a possibilidade de beijar. Melhor eu ir gatinha para ver e ser vista agora à tarde, que a luz é melhor e deixa a gente mais bonita.

– Quem te disse isso, Manu?

– O fotógrafo que fez o meu book. É por causa da luz que durante o dia meu olho fica mais azul do que à noite.

– Eu acho que eu sou bonita sempre, de noite e de dia, com luz, sem luz… – esnobou Gabi, implicando com Manu.

– Dââ! Com que short eu vou, sua "bonita sempre"? O rosabebê, o rosa-

susto, o rosa-chiclete ou o rosa-rosa?

Uma hora e meia se passou até que o sino convocando os hóspedes para o campeonato tocou. Meninas e meninos saíram aos montes da Casa do Lago e da Casa da Colina. A empolgação e o espírito olímpico tomaram conta de cada pessoa naquele vale verde. Muitos iriam jogar; foram correndo, já se aquecendo, para não distender nenhum músculo na hora do jogo e desfalcar seus times.

Manu e Gabi também foram correndo. De mãos dadas. Perninha direita com perninha direita, perninha esquerda com perninha esquerda. Ui! De tão sincronizadas, pareciam estar numa coreografia. Bizarra, obviamente. Dava para ver de longe que a dupla não era lá muito chegada em esportes – corrida era um deles. Estavam atabalhoadas, desastradas, afobadas, sem rumo, pareciam uma gazela e uma avestruz fugindo apavoradas de um elefante selvagem. Com direito a mãos desmunhecadas e fresquinhas na altura do peito e tudo. De rolar de rir.

Na pressa, tropeçaram, e Manu acertou em cheio, com seu tênis fofo, novo e tinindo de limpo, uma poça de lama funda, velha e tinindo de suja. E nada fofa.

Iiiirc!

Manu teve um ataque histérico:

– Nãããão! Não acreditoooo! Vamos voltar para eu trocar de tênis, Gabi!

– Claro que não, que garota sem noção! Joga com esse mesmo, eu falei para você não vir de tênis novo – reagiu a morena, caminhando apressadamente na frente da amiga. – Se a gente atrasar, nosso time já começa perdendo ponto.

Quando chegaram, o ginásio já estava cheio, a arquibancada lotada, empolgada e barulhenta. Agora todo mundo já estava louco para jogar, para torcer. Os "novilhos" tinham ido assistir e as meninas do quinto ano ganharam roupas e pompons de animadoras de torcida. Uma festa de cores e gritos.

Primeiro, claro, as damas. O torneio dos meninos aconteceria depois.

Quarto Amarelo Belo, do setor A, X Quarto Morango Silvestre, setor B. A fruta ganhou de lavada, eliminando o quarto da cor. Depois foi a vez das meninas do Quarto Banana d'Água X Quarto Vermelho Vivo. Deu fruta na cabeça. Hora de Gabi, Manu e as meninas do Quarto Lilás Lindo enfrentarem as meninas do Quarto Jaca-do-Pará.

Na quadra, a disputa foi fácil. Beatriz Senna, do Lilás Lindo, jogava com cara de brava, era ótima arremessadora, tinha força no braço e levou o time nas costas. Uma, duas, três meninas queimadas nos primeiros minutos do jogo. Em pouco tempo a partida estava ganha. Suzaninha observava atentamente a tudo, as táticas, as técnicas, os dribles das adversárias.

– A Bia é perigosa. Se a gente cair para jogar com as Lilás, você marca ela, Tati – coordenou a técnica não oficial do time.

Chegara a vez de Ritinha entrar em campo. Fruta-do-Conde X Verde-Água. Com a agilidade e a rapidez de sempre, foi a estrela do jogo. Ela e Suzaninha fizeram altas jogadas, queimaram, agarraram, arremessaram para as companheiras de time queimadas, deram tapinhas nas mãos uma da outra, deram-se sorrisos de incentivo… E comemoraram muito cada ponto. "Boa, Ritinha!", "É isso aí, Suzaninha!"

Não bastasse o show de bola e os u-hus gritados em dupla, Ritinha e Suzaninha esquivavam-se dos ataques jogando-se no chão de forma cinematográfica, meio "Matrix", só faltava o efeito de câmera lenta e as roupas pretas do Keanu Reeves. Acabaram ganhando a simpatia da torcida, que não parava de gritar "É! Campeãããã!". Resultado: o quarto Fruta-do-Conde ganhou fácil, fácil.

Pausa para beber água. Restaram quatro times. Enquanto Ritinha e Suzaninha combinavam as jogadas e preocupavam-se com o torneio, Manu e Gabi estranhavam o comportamento da amiga.

– Que intimidade repentina é essa com a Suzaninha? – enciumou-se Manu.

– Até tapinha na bunda dela a Ritinha deu, você viu? – irritou-se Gabi. – Na bunda!

– Ela está estranha… Nem veio aqui falar com a gente…

Alheia aos comentários das duas, Ritinha corria no lugar, jogava água no rosto, alongava-se, conversava com as parceiras de time como se elas fossem suas velhas conhecidas. As mesmas meninas que ela criticara antes de conhecer, as mesmas meninas que ela julgara nariz em pé, vazias, metidas e sem assunto, sem nem mesmo ter conversado com elas.

As garotas do Fruta-do-Conde esperaram o anúncio das semifinais de mãos dadas, uma pedindo à outra calma e garra na hora do jogo, um tal de beija para cá, afaga dali… uma união de fazer inveja. Abraçaram-se forte, abraço apertado, abraço de esportista. O Fruta-do-Conde não era um quarto, era um time de verdade. Um time de primeira.

Foram anunciadas as partidas das semifinais: Lilás Lindo X Banana d'Água, Fruta-do-Conde X Morango Silvestre. Ao soar do apito, começou o primeiro jogo.

As meninas do Lilás Lindo se contundiram logo no começo, numa desastrada e hilária tentativa de Manu de agarrar a bola. Ela acabou perdendo o equilíbrio e caindo de mau jeito em cima de Gabi, que caiu em cima de Lana e o efeito dominó atingiu o time inteiro.

A peleja foi disputada, mas Lilás Lindo acabou vencendo, de novo por causa das jogadas artísticas de Beatriz. Com a derrota do Banana d'Água, as arquibancadas não perderam tempo e entoaram o debochado coro "Bananas! Bananas! Bananas!". Estava explicado por que ninguém nunca gostou de ficar nesse quarto, em mais de 70 anos de colônia.

Fruta-do-Conde X Morango Silvestre, os dois melhores times da Casa do Lago, sem dúvida. Tensão à flor da pele, último gole d'água antes de entrar na quadra, o sinal da cruz e… foi!

Ritinha, apesar de bem marcada, conseguiu fazer pontos espetaculares, queimando quadris, coxas e braços das adversárias com classe e elegância. E que categoria! Suzaninha vibrava com cada ponto da companheira e, junto com ela, liquidou em pouco tempo as meninas do Morango Silvestre, que saíram da quadra azedas e desmoralizadas.

Restaram dois times. Dois times na grande final. Fruta-do-Conde e Lilás Lindo. Só um deles seria campeão. Só um chamaria a atenção de toda a colônia e ganharia respeito e admiração de todos. Pela primeira vez, as três amigas estavam separadas, em quartos separados, em times separados. Pela primeira vez, disputariam um primeiro lugar.

– Estamos ferradas. A Ritinha vai acabar com o nosso time – desabafou Manu.

– Que nada, duvido que ela tenha coragem – disse Gabi. – Aquilo me ama – brincou.

Do outro lado da quadra…

– Eu marco a Gabi, ela odeia levar bolada nas coxas, acha que ficam roxas e ela adora aquelas pernas. Vou mirar bem no seu ponto fraco – sugeriu Ritinha.

– Boa! Eu ataco a Manu, então! – disse Suzaninha.

No Lilás Lindo, a conversa também girava em torno do jogo:

– Eu ataco a Suzaninha, aquela metidinha fresquinha patricinha. Vai ser bem bom tacar umas bolas nela – arquitetou Gabi, ao pé do ouvido de Manu.

– Que feio, Gabriela! – repreendeu a loirinha. – Isso aqui é uma quadra, não um ringue. Nada de briga.

– Ah, olha quem fala… Foi exatamente num ringue que você transformou o banheiro do Maracanã no show do Slavabody, não lembra, não? Você não tem moral nenhuma para me dar bronca! – espetou Gabi.

Manu foi salva pelo apito de Sidney, o juiz, que apitou e convocou os times para a quadra. Lilás Lindo foi chamado para a partida e quando entrou em campo em fila indiana alguns meninos chegaram a puxar um coro de "Lindas! Lindas!", em alusão ao lindo do quarto, mas o debochado "Barangas! Barangas!" falou mais alto e pegou rapidamente nas arquibancadas, o que deixou Gabriela e Manu roxas de raiva e vergonha e as Frutas-do-Conde com um risinho indisfarçável no canto da boca.

Quando o Fruta-do-Conde entrou em campo, a morna recepção do time anterior virou coisa do passado. Agora o estádio fervia numa chuva de aplausos, assovios criativos, u-hus coletivos e gritos de incentivo que deram uma injeção de autoconfiança na equipe.

Todas posicionadas, Ritinha e Suzaninha capitaneavam o time e falavam-se através de códigos, tal qual as jogadoras de vôlei. Manu e Gabi, agora totalmente competitivas, rangiam os dentes a postos para, na primeira oportunidade, transformar suas adversárias em poeira.

Sidney apitou e a pelota rolou solta na quadra do ginásio da Vida d'Ouro. Logo de primeira, Ritinha atingiu uma Lilás, Rapha, que não aguentou segurar o rojão e deixou a bola cair. Do campo das queimadas, jogou a bola como se fosse uma flor nas mãos de Suzaninha, que agarrou, não perdeu tempo, mirou em Manu e mandou bala.

A bola se aproximava em câmera lenta da loirinha de Resende, que mal ouvia os berros das meninas, traumatizadas pelo episódio do jogo anterior: "Não agarra! Não agarra, Manu!"

Manu agarrou. Agarrou bonito.

Mas jogou a bola no chão no segundo seguinte.

– Minha unhaaaaaaaaiiiii! – urrou de dor.

Não, não era frescura *manuelística.* A unha do seu indicador tinha virado para cima quase que totalmente. Além da dor tinha aquela sensação

desconfortável de unha virada, quem já passou por isso sabe como é.

Ritinha correu ao encontro da amiga, que chorava copiosamente com direito até a *buá* escandaloso. Àquela altura, o jogo estava paralisado e os dois times interessadíssimos nas cenas do próximo capítulo protagonizado por Manu, que chorava de nervosismo, de vergonha, de tudo.

Suzaninha, fisionomia séria e preocupada, saiu da quadra correndo em direção ao banco, onde pegou um *nécessaire* branco de bolas vermelhas cheio de apetrechos. Um deles, um imprescindível alicate. Voltou para a quadra e abriu caminho calmamente entre as esportistas curiosas que se aglomeravam em volta de Manu.

– Sai daí, mulherada! É horrível essa multidão em cima dela, ela precisa respirar! – ordenou, firme.

Multidão horrível dissipada, Suzaninha sentou-se no chão, onde a loira tinha se jogado de dor, pegou sua mão e analisou-a meticulosamente, com os olhos apertados, com cara de expert no assunto.

– Como eu suspeitava. Caso comum de dobramento de unha fraca. Tem salvação e é para já – diagnosticou, cheia de certeza.

Pegou o alicate e, com precisão cirúrgica, desvirou a unha de Manu. Nenhum derramamento de sangue, nenhum bife tirado por acaso. Olhou fixamente as mãos da loirinha por alguns segundos. Sacou um mertiolate e botou um pouco na unha desvirada, para não infeccionar. Deu uma última averiguada no dedo da adversária e…

– Você precisa mudar de manicure, Manu. Suas unhas estão cheias de cutículas! Se quiser, eu te indico a minha, ela é ótima, pontual, vai em casa e não é nada careira – sussurrou Suzaninha o "laudo" no ouvido da adversária.

– Minhas unhas já estão com cutícula? Jura? Caraca, eu fiz ontem! Qual o nome da sua manicure?

– Jurema. Um a-mor! Tira cutícula que é uma beleza! O telefone dela é 3546-98…

– Chega, né, gente? Se vocês estão de conversinha, sinal de que a Manu já está boa. Agora vamos jogar! A gente está aqui para jogar! – reclamou Gabi, enfurecida ao perceber o teretetê das duas.

Sidney, o juiz, se meteu:

– O que você me diz, Suzaninha? Ela pode continuar a jogar?

– Sim, ela está apta para voltar ao jogo – disse Suzaninha, pinta de

médica, seguida de piscadela simpática de um olho só para Manu, que agradeceu e retribuiu com outra piscadela.

Suzaninha botou ordem na casa e comandou seu time de volta ao seu lado da quadra. A torcida foi ao delírio ao ver que o jogo continuaria. Aplausos ensurdecedores saudaram os times.

– Bora ganhar esse jogo, galera! – exclamou, já correndo para o seu campo.

Manu ainda estava assustada com a boa vontade da rival e deixou escapar, quase que num sussurro:

– Que fofa!

Sussurro que o ouvido de tuberculoso de Gabi ouviu muito bem.

– Que vaca! – disse ela sem dó nem piedade, ou mesmo motivo para tamanho xingamento.

– Como assim, Gabi? Vaca é tudo o que a Suzaninha não é!

– Está bom, a Suzaninha é uma vaquinha, então. Prefere? – debochou.

– Você é que está parecendo um quadrúpede falando assim. A garota saiu do campo dela para me ajudar e ela mal me conhece! Não é possível que você não consiga esquecer esse ciúme idiota pelo menos numa hora dessas!

– Ela não foi esse amorzinho com você à toa, Manu! Ela fez isso justamente para você e a Ritinha ficarem do lado dela, virarem amiguinhas dela. A Suzaninha é muito mais espertinha do que eu pensava. Ela quer roubar vocês de mim! Ela só está fingindo que é legal para me atingir, será que você não vê?

– Que viagem! Você tá doida, Gabi!

O jogo recomeçou. Manu, queimada, foi para o outro lado e conseguiu queimar Renata de cara. Renata, na área das queimadas pelas Lilás, bem que tentou, mas não conseguiu queimar ninguém. A bola foi direto para o lado do Fruta-do-Conde e voltou queimando Lana com força, vinda como um cometa da mão de uma comemorativa e saltitante Ritinha.

Lana passou por Ritinha rangendo os dentes, tensão no ar. Ela bem que tentou revidar, mas Ritinha agarrou e marcou mais um, em cima da melhor das Lilás, Beatriz Senna. Bia, por sua vez, mandou a bola com vontade em Ritinha, que, numa atuação inspirada, agarrou firme e numa rápida girada tacou a pelota em Joana, que agarrou e queimou Ana Luísa, que quase chorou de raiva.

Em pouco tempo as Lilás Maria Paula, Letícia e Joana e as frutas-do-

conde Carol e Marina também foram queimadas. Apenas Gabi e Manu estavam no campo das Lilás. No time da fruta, a situação era melhor. Ritinha, Suzaninha, Barbara e Tati intocadas, as outras quatro queimadas.

O jogo começava a ficar dramático, o suor borbulhava, a temperatura aumentava, um clima de alta voltagem no ar. Ritinha decidiu cruzar a bola para Carol, que estava queimada. Ela não conseguiu queimar nem Gabi, nem Manu, que desviaram da bola.

A bola acabou indo para o campo das frutas e quem pegou foi Suzaninha. Ritinha, a essa altura, estava com pena de Manu (por conta do episódio da unha), e por mais que tivesse combinado de marcar Gabi… poxa, era Gabi! Ela sabia que, na prática, a frase de efeito que dissera mais cedo para as companheiras de time, "jogo é jogo, amizade é amizade", era só da boca para fora. Falar é fácil, fazer é que é difícil, pensou.

A redonda estava com Suzaninha, que mirou em Manu e acertou em cheio. A loirinha foi desolada para o campo das queimadas, achando que a partida estava perdida. Mirou com toda vontade em Tati, que escapou e deixou a bola correr para fora do campo. Foi Suzaninha quem correu para pegá-la.

– Vai lá e queima a Gabi! Vamos ganhar esse jogo agora, Ritinha! – disse Suzaninha, dando a bola na mão de sua companheira.

Com o suor correndo na testa e a boca seca como se estivesse sem água há dias no deserto, Ritinha não conseguiu dizer "não, me arrependi, não quero mais queimar a Gabi". Gabi, por sua vez, encarou Ritinha no fundo dos olhos. Ritinha preparou-se para jogar a bola botando o braço direito para trás (ela só arremessava com uma das mãos) e…

– Vai você, Suzaninha! Eu não consigo. Ela e a Manu são minhas melhores amigas.

– Tá bom! – disse Suzaninha, feliz, antes de arremessar uma bola indefensável e memorável na parte externa da coxa direita de Gabi.

Pronto, acabou. Era das meninas do Fruta-do-Conde o primeiro campeonato da colônia. Não demorou para a voz do locutor ecoar pelo ginásio:

– Fruuuutaaaa-doooo-Condeeeee, o primeiro quarto campeãããão naaaaa Vida d'Ouroooooo, a melhoooooor colôniaaaa que existeeee!

Não deu outra. As Frutas eram a alegria em estado bruto. Urros, gritos, abraços esmagados (ou upas, como Ritinha, Manu e Gabi preferiam chamar),

lágrimas de alegria, rodinha de comemoração aos pulos, “Ah, ah, uh, uh, a Vida d’Ouro é nossa! Ah, ah, uh, uh, a Vida d’Ouro é nossa!”, uma confraternização tão lotada de felicidade e sorrisos quanto final de Olimpíadas.

Do outro lado, um time cabisbaixo e triste de dar dó. E a desilusão em forma de garota apaixonada. Gabi era a melancolia em pessoa. Não só por ter perdido para o time da Suzaninha, mas por ter sido queimada pela Suzaninha, no ponto final, o ponto da vitória. E na frente de centenas de adolescentes, Di inclusive. Caraca, que sinistro. “Muita humilhação, muita humilhação!”, ruminava ela em silêncio.

Mesmo com carinha snif-snif de bulldog abandonado, Gabi não queria chorar em público, não queria que sua rival a visse em frangalhos. Nunca. Jamais. Pagar micão? Eu não!, pensava. Suas companheiras se abraçavam, choravam, desabafavam. Gabi se imbuiu de espírito esportivo e levantou o ânimo das meninas:

– Gente! Jogo é assim, um perde, outro ganha. A vida é assim. A gente fez o nosso melhor, mas hoje o dia foi delas, amanhã pode ser o nosso! Cabeça para cima, galera! – gritava, batendo palmas, decididérrima a melhorar o astral do time. – Azar no jogo, sorte no amor! – completou o discurso, quase eufórica por ter-se lembrado na última hora da máxima dos perdedores. Será que ela se aplicaria à sua vida? Será que Di cairia de amores por ela ao vê-la arrasada com a derrota? Será que Di consolaria Gabi? Será que Di beijaria Gabi?

Os pensamentos de Gabi levaram uma bolada dos berros de Beatriz, a melhor jogadora do Lilás Lindo:

– Ser vice é a pior coisa do mundo! Vice é uó! – gesticulava.

– Logo no primeiro dia de colônia a gente perde? Eu sou uma sequelada, mesmo! Não consegui agarrar nem aquela bola ridícula da Ritinha – reclamava Lana.

– Não fala assim, Lana! O importante é competir! – tentou Gabi.

– Frase idiota! Quem inventou essa frase nunca subiu no primeiro lugar de um pódio! – rosnou Lana, que, a quem interessar possa, nunca subira num pódio.

Gabi não desistiu, continuou a consolar suas companheiras de time. Ela era a pessoa certa para isso. Afinal, não estava mais tão triste. Tudo bem, até podia estar se sentindo mal por ter sido queimada e derrotada pela Suzaninha,

mas uma coisa nessa história era muito mais importante: Ritinha. Sua atitude deixara Gabi aliviada. Ao contrário do que pensara, ela não perdera sua amiga para Suzaninha. E sabia que jamais perderia. Nem mesmo por causa de um jogo (uma das duas coisas que Ritinha mais amava na vida – a outra era banana cortada em rodelas com leite condensado, nham, nham).

Na hora da premiação, enquanto as Lilás lindas e chorosas limpavam as lágrimas, as Frutas-do-Conde davam a volta olímpica mais empolgada que aquele ginásio já vira. A cena, filmada e fotografada à exaustão pela galera da geral, munida de vááááários celulares com câmera, foi apoteótica. Ritinha e Suzaninha, as heroínas do time, sentindo-se as rainhas do Olimpo, foram ovacionadas pelas arquibancadas e até levantadas pelas companheiras de time ao som de ip-ip urra e de um rap ruim toda vida, criado por Carol e cantado em uníssono pelo time:

"Fruta-do-Conde é dez

Fruta-do-Conde é demais

Fruta-do-Conde arrebenta

Fruta-do-Conde é da paz"

Manu estava inconsolável com sua medalha de prata no peito e só não foi cabisbaixa para o quarto chorar as mágoas da derrota, como as outras, porque Gabi não perderia Di jogar de jeito nenhum. E Gabi não podia ver Di jogar sozinha. Manu teria de ficar com ela para ver Di também. Logo Di, para quem Manu não estava nem aí. Mas… fazer o quê? Amiga é para essas coisas…

Manu e Gabi foram para a arquibancada procurar um lugar para assistir aos jogos. Encontraram e logo aninharam-se. Manu botou a cabecinha no ombro de Gabi, ainda mastigando a derrota, até que Gabi levou um susto quando uma voz disse em seu ouvido:

– Posso sentar aqui com vocês?

Era Ritinha. Gabi abriu um sorrisão.

– Claro que pode! – respondeu, genuinamente feliz. – Mas você… não quer comemorar com as suas amigas?

– Minhas amigas estão aqui – disse Ritinha, sentando-se no meio das duas e agarrando suas bochechas.

– Você… não vai ligar para os seus pais… para eles virem… te buscar? – perguntou Manu.

– Eu decidi ficar até o fim da colônia.

– Oba! Que notícia boa, Ritinha! – exclamou Manu.

– Isso aqui ia ficar muito sem graça sem você.

– E eu não sei? – brincou a caçula.

As três riram, olharam-se cúmplices e abraçaram-se. Abraço gostosão, sabe? Apertadaço. Esmagadaço. Um upa como havia muito não se davam. De melhor amiga para melhor amiga. Vitoriosas ou derrotadas, melhores amigas sempre.

Ouviu-se o apito inicial. O campeonato masculino começara. O time Fliperama, quarto de Di, perdeu logo de cara. Di era muito ruim de queimado. Di era péssimo com uma bola na mão. Di saiu xingando e fazendo gestos feios, muito feios. "Queimado é jogo de mulherzinha, pô!", rosnava Di. Pelo visto, Di não sabia perder. Di era bobo, bobo, bobo.

A humilhação

Manu, Gabi e Ritinha deixaram o estádio com as pálpebras pesadas denunciando que o trio sonhava com pelo menos uma hora de sono. Chegando à Casa do Lago foram em disparada para seus aposentos, para se jogar na cama até a hora da chamada para o jantar. Não sem antes tomar um banho, porque suor e cabelo ensebado não combinam nada com lençóis limpinhos e cheirosos, né, não?

Manu e Gabi mal caíram na cama e puseram-se a dormir como anjos. Ritinha teve de entrar no seu quarto pé ante pé para não acordar suas companheiras de time, que estavam praticamente desmaiadas, curtindo o merecido descanso dos vencedores. Tomou uma chuveirada e, assim que avistou sua cama, mergulhou no colchão e dormiu como um bebê.

Ao cair da noite, enquanto as meninas do Lilás Lindo se arrumavam tagarelando para o jantar, Manu não conseguia levantar. O corpo pesava na cama, os olhos não abriam de jeito nenhum. A cada tentativa de acordá-la ela reagia com um imediato "só mais cinco minutinhos, cinco minutinhos".

Os cinco minutinhos viraram dez, vinte, e Manu nada de acordar.

– Manu, daqui a pouco eles vão tocar o sino para chamar para o jantar e você ainda está dormindo! – avisou Gabi.

De olhos fechados, a loirinha balbuciou:

– Não estou dormindo, não. Estou só olhando para dentro.

E virou de lado, com o travesseiro entre as pernas, alheia ao tititi do quarto.

O sino tocou e aí, sim, Manu levantou-se num susto. Rapidamente enxugou a baba, ajeitou o cabelo, foi para a frente do espelho, botou gloss e perfume e escovou as madeixas. Quando Madame Lilu bateu à porta para verificar o estado do quarto e checar se estavam todas alinhadas para seguir para o refeitório, levou um susto com a cama de Manu. Amarrotada, desgrenhada, lençol saindo do colchão, travesseiro com pinta de que saiu da boca de um jacaré e, pecado dos pecados, papéis de bala espalhados por toda a cama e mesinha de cabeceira entulhada de tralhas.

– O que é isso, mocinha? – perguntou madame Lilu, ríspida, enquanto

olhava com cara de nojo para a cama de Manu. – Isto aqui é o lugar que você dorme, não um chiqueiro!

– Mas…

– Não pedi sua opinião. Após o jantar, por sua causa, todas as suas colegas de quarto terão de voltar para o quarto. Só liberarei o Lilás Lindo para o luau depois que a princesa deixar sua cama um brinco.

Protestos gerais.

– A gente não tem nada a ver com ela! – disse uma das garotas.

– Se ela é bagunceira o problema é dela! – argumentou outra.

– A gente vai perder o começo do luau por causa da Manu? Que injustiça! – resmungou uma terceira.

– Não, não, injustiça, não. Aqui nós vivemos em grupo e seguimos regras preestabelecidas. Ninguém, NUNCA, vai para uma atividade enquanto o quarto INTEIRO não estiver no padrão Vida d'Ouro de qualidade.

– A minha cama está no padrão Vida d'Ouro de qualidade! Olha só! – defendeu-se Lana Rangel.

– Mas aqui a *sua* cama não interessa, mocinha! O que interessa é o conjunto, a harmonia do grupo. Chega de conversa, já para o refeitório. Depois, todas de volta. Só saem para a festa com a minha anuência! – disse Madame Lilu, antes de dar meia-volta e sair marchando do quarto com sua bengala.

Glup!

Bravérrima a madame Lilu. Uma generala a madame Lilu. Praticamente uma pit-governanta a madame Lilu.

Manu começava a suspeitar de que madame Lilu não gostava dela.

– Não é pessoal. Ela é assim com todo mundo – Gabi tentou consolar a amiga.

Manu saiu para jantar sob os olhares irritados das companheiras Lilás, que seriam as únicas a voltar para o quarto, só por causa dela, em vez de seguir para a festa depois da refeição. Que saco!, era o pensamento coletivo. Andaram em silêncio até o refeitório.

As festas eram o ponto alto da colônia. Divertidas, lotadas, com o astral lá em cima, refri gelado, belisquetes de primeira. Tudo de bom! Mas, vale frisar, festa na Vida d'Ouro era festa daquele jeito Vida d'Ouro de ser. Assim: antes

de cada festa, alguns adolescentes eram sorteados para ajudar na produção. E na cozinha, no atendimento, no som, na faxina. Primeiro o trabalho, depois a festa. Até o fim da colônia, todos os adolescentes acabavam passando por todas as áreas e sempre tinham coisas boas para contar do aprendizado.

O rega-bofe daquela noite era um luau. Luau 100% havaiano, com direito a colares havaianos, música havaiana, comidinhas havaianas, organizada pelos (obviamente) monitores surfistas, e nada havaianos, da Casa da Colina.

– Estou achando ridícula essa festa. A gente está a léguas do mar, no meio do mato, nada *menos* a ver com o Havaí do que isso aqui. Tinha que ter uma festa country! Rodeio, vaca, boi! – disse Ritinha, com sua sinceridade habitual, entre uma garfada e outra no refeitório.

– Vai ter festa country – tratou de antecipar Tati.

– Com música sertaneja? Não! – brincou Suzaninha.

As meninas riram.

– Sertaneja eu até aturo. Eu acho. Pagode é que não dá – soltou Ritinha.

– Mas vai se preparando porque vai rolar um pagodão na colônia. Show do Semente do Morro Bamba, u-hu! – comemorou Carol.

– Ah, não! Diz que é mentira, por favor! – provocou Suzaninha.

– Eu odeio pagode, samba e tudo do gênero! – argumentou Marina.

– Também não é assim, vai! Não mistura no mesmo saco samba de raiz com esse pagode *mauriceba* pavoroso, por favor! – corrigiu Ritinha.

– Pois eu odeio tudo, só gosto mesmo de rock – entrou na conversa Ana Luísa.

– E hip hop? Hip hop é tuuuudo na vida! – sugeriu Renata.

As meninas concordaram. No quarto das Frutas-do-Conde, o batidão e os versos ácidos do hip hop eram unanimidade. Todas amavam. O papo musical no refeitório destoava do resto das mesas, que só comentavam a festa que viria a seguir.

Fofoca básica que rolava entre talheres: Di iria tocar violão no luau. Uau!

Ah, sim! Di tocava violão. E Gabi amava violão. Já imaginava o amado, depois que ocupasse o posto de seu namorado, compondo músicas inspiradas nela e cantando à *la* João Gilberto no seu ouvido a pérola "… vamos deixar desse negócio de você viver sem mim, não quero mais esse negócio de você viver assim".

– Será que o Di vai cantar também? – perguntou Gabi a Manu, assim que se sentaram na mesa reservada ao Lilás Lindo.

– Defequei para o Di, Gabi! – urrou Manu, ainda pau da vida com a baita bronca de Madame Lilu.

– Eca! A gente vai comer agora, sua nojenta!

– Pois é, defecar é uma palavra muito mais bonita do que a outra que eu podia ter usado, cag…

– Eu sei qual é a outra palavra, Manuela, não precisa dizer! – Gabi tapou a boca de Manu, rindo.

O jantar correu bem. E quando todos pareciam satisfeitos e começaram a esvaziar o refeitório para lotar o caramanchão onde aconteceria o luau, Ritinha apareceu na mesa das amigas.

– Vamos para a festa?

– A gente não pode. Todo o mundo do quarto vai ter que voltar para esperar a *Manu* arrumar a cama – resmungou Gabi, com desgosto no olhar e uma indisfarçável irritação.

– Sério?

– Seriíssimo – Gabi virou-se para a loirinha dorminhoca. – Mas vai ser bom para você aprender, Manu! Aqui não é a casa dos seus pais, não tem ninguém para arrumar a sua bagunça, não! – disse, em tom de bronca entalada.

– Eu sei, não precisa jogar na cara! Eu vou tentar encarar esse castigo como uma lição, mesmo.

– Não é castigo, é só uma pequena punição por você ser bagunceira onde não devia.

– Castigo, punição, tudo a mesma porcaria. E… puxa vida! Eu já pedi desculpas para você e para as outras, vai. Prometo que vou fazer tudo o mais rápido possível.

– Como, se você nunca fez uma cama na vida? – provocou Ritinha.

– Pois é, o que me assusta é justamente isso, você é a maior mimada que eu conheço! Nunca fez uma cama!

– Ei! Eu não sou mimada! – irritou-se a loirinha.

– Não é, mesmo, Manu. Desculpa. Você é mimadésima! – brincou Gabi. – E a sua cama está toda desarrumada, com lençol para fora do colchão e tudo! Não estou botando nenhuma fé nessa sua rapidez.

– Nem eu!

– Nossa, que amigas legais eu tenho – ironizou Manu, enfurecida com tanta sinceridade.

– Ô, Manu, a gente estava brincando! Na verdade eu estou bem triste com essa situação, deve estar sendo chatão para você causar um problema desses para as meninas – lamentou Ritinha, visivelmente com peninha da amiga querida, da amiga do peito, da amiga de infância. Fez um breve silêncio, enquanto apoiava sua mão sobre as de Manu e Gabi, puxou o ar lenta e profundamente e disse: – Vou nessa, então. A gente se vê lá.

– Ei, ei, ei! Como assim "vou nessa"? Espera aí! Vamos combinar o seguinte: gruda no Di. Segue os passos do Di. Se o Di for ao banheiro, vai atrás. Se o Di e a você-sabe-quem se aproximarem, você arruma um jeito de afastar os dois. Beleza?

– Ah, Gabi! Não viaja! Era só o que faltava! Não vou ficar grudada no Diogo. Alou! Além disso, sinto dizer, mas separar a Suzaninha dele não vai impedir os dois de ficarem juntos em outra ocasião que a gente não esteja por perto. Não é por aí que você vai conquistar o cara.

Gabi entristeceu-se.

– A Ritinha está certa. É você quem tem que fazer alguma coisa para chamar a atenção dele. Afastar o Di da Suzaninha não é exatamente uma boa estratégia.

Um minuto de silêncio e…

– Você é chata. E você também – irritou-se Gabi. – Vamos logo para o quarto, Manu. Já que não vou contar com a minha espiã eu mesma tenho que estar por perto para observar todos os movimentos do Di e da Suzaninha. E acho bom você ser rápida mesmo com os lençóis.

– Tá bom! Tá bom! Tchau, Ritinha! Aproveita o luau e espera a gente.

– E fica de olho no Di só enquanto eu não chego, mesmo que de longe? *Purfa!* – implorou Gabi, terminando o pedido com sua abreviação preferida, a de "por favor".

– Fico, sua mala! – implicou Ritinha, dando uma piscadela e um sorriso para Gabi.

Quando Manu e Gabi voltaram ao quarto de paredes lilás, as meninas estavam todas com a cara amarrada, com as bundas encostadas na parede, à espera da dupla. Madame Lilu estava na porta.

– Por que a demora? Isso é falta de consideração com as suas colegas de quarto, sabia? Falta de consideração com o quarto como um todo.

Ô, madame chata!, pensou Manu.

– Desculpe – pediu, já tirando o edredom da cama para ajeitar o lençol sob a batuta de seis meninas com pose de pastor alemão. Gabi também tinha um pastor alemão bem bravo dentro dela, mas não deixou transparecer, não queria ver a amiga mais chateada ainda.

Todas assistiram à atuação de Manu arrumando sua pequena zona. A menina de longos cabelos louros e lisos era simplesmente um desastre como arrumadora de cama. Logo se embolou com o edredom, tropeçou e caiu, gerando riso das demais lilás lindas. Vermelha de vergonha, levantou-se e ajeitou o lençol. Ia pegando o edredom no chão para jogar em cima da cama quando…

– Não senhora! O lençol deve ficar absolutamente sem rugas, e o seu está parecendo um maracujá – Madame Lilu bancou a engraçadinha.

Mais riso das meninas, que agora davam o braço a torcer: até que aquela punição estava divertida. Não se importavam mais em chegar atrasadas ao luau. O show involuntariamente cômico de Manu era muito melhor do que qualquer festa. Era engraçado vê-la em apuros, atolada, desastrada, derrubando coisas e perdendo de 10 a zero para um jogo de lençol, edredom, fronha e travesseiro.

A loirinha tentou deixar a cama um brinco, como exigia Madame Lilu. Puxou o lençol numa ponta, puxou em outra, esbarrou na mesinha de cabeceira, derrubou um abajur, pegou-o no chão e com ele derrubou o porta-retratos que trouxera de casa. Fazendo uma força absurda, conseguiu a dificílima tarefa de pôr o edredom em cima da cama. Arrumou as rugas e percebeu: estava do lado errado. Tudo de novo.

O tempo passava e Madame Lilu não estava gostando nada daquela demora.

– Ande, menina! Que lerdeza! Não suporto gente lerda!

Depois de pedir para Manu desamassar o travesseiro e a fronha vinte e sete vezes, madame Lilu deu a ela um saco de lixo pequeno.

– Agora arrume esses papéis de bala que a senhorita deixou cair pelo chão.

Manu abaixou-se para catar seus papéis de bala, uma humilhação. Quando

todos os papéis estavam no saco, madame pediu:

– Que tal arrumar sua mesinha-de-cabeceira também? Para que tanta foto, tanta maquiagem, tanto chiclete, tanto papel de carta? Bota na gaveta, menina, isso aqui não é a casa da mãe Joana!

Manu pegou sua mochila e começou a tacar tudo nela.

– Eu disse gaveta, mocinha, não mochila. E disse para você *arrumar* sua mesinha, não para botar a poeira embaixo do tapete. Que atrevimento!

As lilás lindas já não estavam achando tão engraçado. Começaram a ficar inquietas, queriam ir para o luau, queriam aproveitar! Gabi, mais do que nenhuma lilás, também queria ir para o luau. Já haviam se passado mais de dez minutos e a atolada da Manu ainda não conseguira deixar seu canto no quarto ao gosto de madame Lilu.

Catorze minutos e dezoito segundos. Foi esse o tempo que Manu levou para arrumar tudo. Quando madame enfim liberou as meninas, todas saíram em disparada. A pressa era justificável. Cada minuto de atraso era um minuto de diversão perdido. E à espera delas estava uma noite havaiana, com direito a tochas e clima romântico no ar. E a noite, como se sabe, é uma criança. Muita coisa poderia acontecer. Muita coisa.

O luau

Assim que madame Lilu liberou a turma para a festa, Gabi pegou Manu pelo braço, atropelou as companheiras de quarto e foi a primeira do Lilás Lindo a chegar ao lugar do luau, um caramanchão que abrigava uma mesa com petiscos, chocolate quente e chás para espantar o frio e uma pista de dança feita de areia, onde todos sacudiam o corpo, de meia (descalço não dava, a temperatura estava perto dos 10° C), em volta de uma enorme e charmosa fogueira.

A baixa temperatura e o céu divinamente estrelado deixavam a noite com cara de noite de felicidade, de noite de harmonia, de noite perfeita, de noite romântica, de noite… ups!… decepcionante, isso, sim.

Quando corria os olhos pelo local à procura de Di, Gabi viu Di, sim. E viu Suzaninha também. Apoiados na mesa das comidinhas, os dois conversavam animadamente.

– Não acredito! Ele está conversando com ela e a Ritinha não está junto para ouvir! Cadê a Ritinha? Chegou muito antes da gente!

– Gabi! Ela disse que não ia ficar de babá do Di e você entendeu! Deixa de ser histérica.

– Mas a Suzaninha está dando um mole gigante para ele e ele não tem como escapar. Olha lá, olha lá!

– Não tem como escapar? Você não está falando sério, está?

– Claro que estou, dá uma olhada neles: ele está claramente tentando se afastar dela, empurrando o ombro dela, empurrando a grudentinha da Suzaninha para longe dele, mas a sonsa finge que nem percebe.

– Ele está fazendo *carinho* no ombro dela, Gabi!

– Não!

– Claro que está!

– Não está!

– Está!

– Está! – admitiu Gabi, emendando num suspiro. – Droga. Eu preciso ir até lá! Não, não tenho coragem. Mas quero ir. Vou. Não vou. Não consigo. Cadê a

Ritinha?!

– Caramba, cadê a Ritinha? Também quero que ela apareça, ficar com você sozinha a noite toda vai ser pior do que ter a bruxa Lilu marcando em cima.

– Será que ela já foi para o quarto?

Não, Ritinha não estava no quarto. Ela engatara desde que chegara um papo tímido, lotado de risos e silêncios intermináveis com Leandro, o menino em quem derrubara biscoito no ônibus.

Leandro era alto, se bobear do nono ano ou, quiçá, do primeiro ano. Cabelos cacheados e dentes brancos, brancos, brancos, olhos azuis, azuis, azuis, nariz papagaio e boca do tipo almofadinha, bem grossinha. Mais charmoso que bonito, mais conteúdo que estética.

E foi ele quem puxou assunto, para surpresa e roxidão imediata de Ritinha.

– Oi, menina-que-derruba-coisas-nos-outros. Você vai correr de mim de novo ou posso conversar com você agora?

Ela virou-se com o coração fazendo tremer cada célula de seu corpo.

– Pode – disse, quase sussurrando (quando ficava nervosa, a voz de Ritinha virava um fiapo).

– Eu me chamo Leandro. E o seu nome qual é?

– Quê?

– Quero saber o seu nome.

– Eu… É… Não entendi, desculpa…

– Como é que você se chama? – insistiu.

– Aah, tá. Tá ótimo. Agora entendi, entendi agora, agora, sim. Arrã. Meu nome, né? *Você* quer saber o *meu* nome, é isso? Meu nome… meu nome…

Por incrível que pareça, Ritinha teve um branco. Pela primeira vez na vida, vieram todos os nomes do mundo na sua cabeça (Jucileia, Shirlene, Hermione, Madonna, Teresa Batista, Ceci, Emília, Capitu, Elba, Ivete, Gal, Xuxa, Sandy, Gisele, Britney, Avril, Joss, Pitty, Clarice, Eurídice, Isabel, Rapunzel), menos Ritinha.

– Se você não quiser dizer tudo bem, eu entendo… – disse Leandro, faróis azuis agora tristes e apagados.

Num salto, como se tivesse lembrado naquele momento do nome que a acompanhava havia treze anos, Ritinha disse:

– Rita! É Rita o meu nome! – enfim declarou, aliviada, sorrisão no rosto, o que gerou sorrisão maior ainda de Leandro. – Rita de Cássia. Ritinha. Ri-ti-nha. Meu pai me chama de Rita de Cássia, minha mãe de Rita, às vezes de Ritinha, e as amigas só me chamam de Ritinha. Meu professor Edivaldo me chama de Ritoca e o Anísio, de matemática, só me chama de dona Rita, mas a maioria dos professores me chama de Rita de Cássia. A Kelly da cantina só me conhece por Ricássia. Ricássia é horrível, mas eu adoro a Kelly da cantina, então tudo bem ela me chamar de Ricássia. Ricássia parece ricaça. E ricaça é que eu não sou. Minha amiga Manu é que é rica. Não que eu seja pobre, mas também não sou rica. Eu gosto de Rita de Cássia e gosto de Ritinha também. Gosto dos dois. Gosto bem do meu nome, sabe? Rita. Ri-ta.

Ainda meio atônito com o discurso prolixo de Ritinha Ritoca Ricássia (feito sem respirar em velocidade de locutor de corrida de cavalos) em torno do próprio nome, Leandro quis saber:

– Posso te chamar de… Rita, então?

– Deve – disse sem pensar, deixando escapar um sorriso, fitando pela primeira vez os faróis infinitamente azuis de seu interlocutor.

– Rita rima com bonita – ele deu uma de… hum… vá lá… poeta.

Ritinha não esperava por essa! Virou um pimentão na primeira sílaba de "bonita" e teve a impressão de que até o seu couro cabeludo ruborizara com o galanteio. Mesmo morrrrrta de vergonha, conseguiu camuflar a timidez e arriscou:

– Você acha?

– Acho não. Tenho certeza que rima: Rita, bonita. Ita, ita.

Bola fora, Leandro! Fala sério, Leandro! Não era exatamente isso que a Ritinha queria saber, né, Leandro? Garotos são leeeentos…

– Não, não foi isso que eu quis dizer, deixa para lá…

Clang, clang, clang, clang... A cabeça de Leandro levou um tempo bem maior do que o necessário para processar o óbvio até que…

– Você… você quer saber se eu te acho bonita?

Caramba! Até que enfim! Palmas para ele!

– Imagina! Claro que não! Que ideia! – Ritinha fez um breve charminho, seguido de uma breve pausa, seguida de um inesperado: – Por quê? Você acha? – sucumbiu novamente à curiosidade que a comia por dentro.

Ui, Leandro também não esperava por essa. Ui, Leandro ficou sem ação.

– Eu não te acho bonita, Rita.

Ai!

Não, Leandro! Não é assim que se faz! Isso não se fala para nenhuma mulher, tenha ela a idade que for!

Mas, para felicidade de Ritinha, o discurso não tinha terminado. Ufa! Ele puxou o ar lentamente para completar com clareza seu raciocínio.

– Eu te acho *muito* bonita – disse ele.

Mandou muito bem o Leandro. Muuuuito bem. Demorou, mas mandou.

Agora era ele quem estava colorido de vermelho dos pés à cabeça, envergonhado, com os olhos vidrados no chão. Mas nem por isso deixou de ver o sorriso indisfarçavelmente feliz que seu elogio fez brotar no rosto de Ritinha.

E bem no meio desse climão, desse diálogo de conquista, dessa atmosfera pré-beijo, Ritinha resolveu mudar de assunto.

– Eu estudo no Zé, e você?

Ô, Ritinhaaaa! Por quê? Estava indo tão bem!

– No São Judas Tadeu – respondeu Leandro, sem esconder o desapontamento com o novo rumo da conversa.

– Olha – começou, desviando imediatamente seu olho do dele –, mil desculpas pelo estrago que eu fiz na sua camiseta, Leandro, mil desc…

– Para de pedir desculpas! Acidentes acontecem. E o do ônibus foi bom, na minha opinião.

– Foi? Por quê? – Ritinha se fez de sonsa.

– Porque, desde que você jogou aquela gororoba em mim, eu fiquei a fim de te conhecer melhor.

Para tudo!

Rita Ritinha Ricássia ficou passada. Rita Ritinha Ricássia teve a sensação de que um Boeing acabara de cair sobre sua cabeça.

– Você… você… você… quer me conhecer melhor? É isso mesmo? Você tem certeza de cada palavra que você acabou de dizer?

– Certeza absoluta. Eu quero muito te conhecer melhor, Rita bonita. Muito mesmo – ele disse, emendando numa pausa curta para continuar, jorrando sedução pelos poros: – Posso?

Verdade seja dita: Leandro estava inspiradíssimo.

Ritinha engoliu em seco. *Gluuuuup!* Cadê o manual que ensina como se responde a uma pergunta dessas?, confabulou. Sério, como é que se reage numa hora dessas?

Cada menina reage de uma maneira, é claro, mas a baixinha de Resende resolveu ter um ataque de riso. Isso mesmo. Rita de Cássia Simão da Silva, a Rita, caiu na gargalhada. Justamente nessa hora. Sua barriga doía de tanto rir.

Leandro olhava para ela num misto de assustado com encantado.

Quando acabou o estouro de risos, ela ficou tomando fôlego. E pensando…

"Estou a fim de te conhecer melhor, estou a fim de te conhecer melhor. Posso? Posso? Posso?" Qual o código que eu preciso decifrar nessa pergunta?, questionava-se Ritinha. Ele pode me conhecer melhor? Eu quero que ele me conheça melhor? A resposta é sua, Rita de Cássia, é você quem decide, diz logo, acaba logo com isso!, deu em si mesma uma pequena bronca. Na dúvida diz que sim, na dúvida *diz que sim!*

– Sim, eu deixo. Agora preciso ir. A gente se… a gente se… a gente se… ô, meu Deus! A gente se…

– Vê? – ele completou a frase, sorriso maroto, e visivelmente arrebatado, grudado no rosto.

Isso, sua burra! A gente se vê! Vê! V + Ê! Qual foi a dificuldade?, perguntava-se Ritinha enquanto dizia, meio afobada:

– Isso! A gente se vê, pois é, isso que eu quis dizer, eu quis dizer isso, exatamente. Exatamente isso. Isso aí que você disse. Então tá, era só isso, tchau.

– Ei! – ele disse, segurando-a pelo braço. Ela virou-se. – Se tocar música lenta vou te chamar para dançar, tá? – completou, dando um beijo em sua mão.

Pausa! Ele beijou a mão de Ritinha, que nunca tivera a mão beijada na vida, achava que esse tipo de cavalheirismo era coisa de gente grande. E antiga. Mas a-do-rou!

Adorou mais ainda o fato de ter reparado nas mãos de Leandro. Lindas! Perfeitas na opinião de Rita Ritoca Ricássia, a maior especialista de Resende em mãos alheias. Unhas sem nenhum sujinho, bem cortadas, não roídas… E a mão dele na mão dela… nossa! Causou um verdadeiro incêndio dentro de Ritinha.

– Tá bom. Eu danço com você – ela respondeu, dando um sorriso sincero e

escancarado que brotara no coração. Sorriso estranho, sorriso novo, sorriso diferente de todos os sorrisos que já dera. Depois saiu apressada.

Ainda esbaforida, Ritinha encontrou as amigas.

– Caraca, onde é que você estava? O que você estava fazen…

– Estava com o Leandro.

– Leandro? Quem é Leandro?

– Ah… um garoto aí… que eu conheci…

Nossa, que discurso lotado de reticências! E Ritinha não era uma pessoa chegada a reticências. Se ela fosse um ponto, seria o de exclamação, com toda certeza.

– Conheceu onde? – quis saber Manu.

– No ônibus… É o garoto do ônibus…

– O mesmo em que você derrubou biscoito?

– Biscoito… – concordou Ritinha.

– Mas você já não tinha pedido desculpas? – meteu-se Gabi.

– Desculpas… – repetiu Ritinha, apatetada.

– Pois enquanto você estava de papo com esse zé ninguém que você conheceu no ônibus, a Suzaninha ficou horas conversando com o Di, horas! E você não estava nem de longe olhando! Ela deu o maior mole para ele e…

– Menos, Gabi, menos. Você não está vendo o que está acontecendo? – cortou Manu.

– Estou vendo o que não está acontecendo. Minhas amigas não estão me ajudando a conquistar a minha paixão, a minha paixão está sendo vítima do assédio de uma menina fácil, minha paixão está simplesmente ignorando a minha presença nesse luau.

– Deixa de olhar para o próprio umbigo, Gabriela! Pelo que estou percebendo, você não é mais a única apaixonada aqui. Não é, Ritinha?

– Hã? – fez a caçula do trio de Resende, absorta em seus pensamentos.

– Olha aí! A Ritinha está apaixonada! – matou a charada Manu.

– Apaixonada… Apaixonada? Não! Claro que não, não viaja!

– Como é que você explica essa bobeira, esse olho brilhando, esses suspiros? Como é que você explica não ter dado uma só bronca na Gabi até agora, com todo esse ataque por causa do Di?

– Ela deu ataque, foi? Quando?

– Xiiii… – soltou Gabi, cabreira.

– Você está *xonada*, Ritinha! Completamente *xonada!*

– Bem-vinda ao clube. Clube porcaria, chato e sem graça. Mas bem-vinda mesmo assim – resmungou Gabi.

– Eu não estou apaixonada, estava só de papo. Mas ele tem os olhos tão lindos…

– Sei! – disse Manu.

Ritinha precisava mastigar melhor os minutos que acabara de viver, as palavras que acabara de ouvir das amigas. E de Leandro. Não, ela não estava apaixonada. Ou estava? Ó, dúvida!

Na verdade, ela estava balançada. Não pôde deixar de sentir um certo orgulho por ter chamado a atenção de um garoto tão pintoso e gente boa. Logo ela, que nunca se achou especialmente bonita, chamara a atenção de um cara charmoso, bom papo, de olhos azuis.

Ai, ai, o amor. Mas era amor? Era paixão? Era frio na barriga fenomenal? Ritinha precisava de tempo para pensar, para entender por que aquele menino a deixara tão esquisita, tão estranhamente feliz.

O luau estava perfeito, músicas ótimas, gente se divertindo, gente paquerando, gente querendo beijar, gente querendo ser vista. Pouco antes das dez da noite, o DJ encerrou os serviços e deu lugar a Di, que subiu ao palquinho montado para a festa ao lado do amigo Pezão, que tocava bongô. A dupla foi ovacionada pela plateia. Gabi era a que mais se esgoelava:

– Lindo! Maravilhoso! Gostos…

– Para com isso! Assim ele não vai dar mole nunca para você – opinou Ritinha, em ritmo de bronca.

– É, Gabi! Garotos não gostam quando a gente puxa o saco deles e nem quando a gente os trata bem. Eles perdem o interesse na hora.

Gabi seguiu o conselho das amigas e emudeceu. Não sem antes procurar Suzaninha com os olhos, para checar o comportamento da rival. Ela não estava nem aí para o que acontecia no palco, parecia muito mais interessada no babado que suas amigas lhe contavam numa animada rodinha longe dali.

Visivelmente nervoso, Di começou a tocar. E a cantar. Desafinou um pouquinho no começo e tropeçou numas notas, mas aos poucos foi ficando à vontade, com direito a pose de *pop star* e tudo.

E cantou uma música de sua autoria, *Garota Douradaça*, olhando quase todo o tempo para Gabi, o que a deixou completamente derretida. *Menina do cheiro de mar / do sorriso lindo/ mesmo indo ou vindo/ eu quero te beijar.*

Como compositor Di era ótimo cantor, como deu para perceber. A letra, além de péssima, não dizia cré com lé, mas Gabi, cega de paixão, achou que ela era uma prova do amor de Di por ela. Di amava Gabi, indo ou vindo, ela acreditava, Gabi teria um final feliz com Di. Gabi, cheiro de mar em forma de garota douradaça, beijaria Di. Será?

Gabi passou a meia hora de duração do show suspirando apaixonada, sem dar uma palavra com as amigas. Depois, foi atrás de Di. Queria parabenizá-lo pela apresentação.

Arrã. Era só isso, sim.

– Até que enfim você resolveu tomar a iniciativa, dar o primeiro passo.

– Eu não vou dar o primeiro passo. O que eu vou fazer é dar os parabéns.

– Você está adorando esse pretexto para ir falar com ele, né? – atiçou Manu.

– Claro que estou. Isso não é dar mole, isso é aproveitar uma oportunidade.

Quando chegou perto de Di, Gabi pediu às amigas que ficassem por ali, mas sem grude. Ela queria ficar sozinha com seu amado.

Uma pequena rodinha de meninas que viraram tietes (ah, o que um palco não faz com um simples mortal!) cercava Di, que adorara virar o centro das atenções e dos olhares femininos.

Faltava pouco tempo para acabar a festa, o sino tocaria em exatos trinta minutos. Ah, festa lá era assim. Tinha hora para acabar, porque no dia seguinte, bem cedinho, tinha café da manhã e ordenha de vacas.

Gabi conseguiu, depois de muitos "com licença", chegar perto de Di, que a recebeu com um sorriso sincero no rosto.

– Eu adorei o show, Diogo – elogiou, achando um tanto estranho chamar sua paixão pelo nome e não pelo apelido que repetia a cada cinco segundos. – Muito irado!

– Que bom que você gostou. Fico amarradão – disse, fazendo Gabi corar pela primeira vez em anos. – E *Garota Douradaça?* O que você achou? Primeira vez que eu canto para uma galera – quis saber.

(Um breve parêntese se faz necessário. Di devia ter dito "primeira vez que

eu tenho *coragem* de cantar para uma galera", porque, francamente, ô, musiquinha ruim! Ô, musiquinha caída, ô, musiquinha lamentável! Musiquinha sem nexo, musiquinha que nunca devia ter saído da gaveta.)

– Fala sério! Eu ameeeeei *Garota Douradaça!* Linda! Linda demais! Muito fofa! Toca na alma da gente! A melhor música que eu já ouvi na vida!

Deu para perceber que a paixão de Gabi, além de cega, era surda também, né?

Di pareceu feliz com a resposta empolgada.

Um silêncio intenso nasceu e ficou ali entre os dois um tempo. Olharam para baixo, olharam um para o outro, para baixo, um para o outro. Sorriram, sorriram mais um pouco.

– Vou beber alguma coisa. Quer ir comigo?

– Arrã – respondeu imediatamente Gabi, embevecida.

Di finalmente dera o primeiro passo.

– Vou tomar uma água. Minha garganta está seca, estou nervoso até agora.

Õõõõõõõ! Que coisa linda! O Di está admitindo que está nervoso! Ele confia em mim, isso já é maravilhoso! Perfeito!, comemorou Gabi mentalmente.

– Você acha que a galera curtiu o som da gente?

– O quê? Todo mundo amou! Vocês arrebentaram! – ela vibrou.

Ele quer saber a minha opinião! A minha opinião é importante para ele! Acho que eu vou desmaiar!, surtou Gabi em silêncio.

A conversa sobre o show e sobre música (um dos assuntos preferidos de Gabi) seguiu até o último badalo do sino que anunciava o fim da festa e convidava todos de volta aos seus aposentos.

Gabi foi dormir nas nuvens. Descobrira que Di tinha o mesmo gosto musical que ela, o mesmo apetite por descobrir coisas novas, os mesmos filmes preferidos. Eles combinavam! Aquilo, sim, era uma descoberta e tanto e já valera a ida à colônia. Mas ela estava só começando. Ainda faltavam 6 dias.

O beijo

Antes mesmo de o sino tocar Ritinha acordou com o cantar dos galos. Aliás, por que os galos cantavam de madrugada? Essa pergunta sempre atormentara Ritinha, que resolveu fuçar na internet para descobrir a resposta. Aprendeu que, ao contrário do que pensava, os galos não cantam para irritar e acordar as pessoas. A cantoria tem a simples finalidade de demarcar um território. Cocoricando, o galo mostra que domina o espaço onde mantém de quatro a oito galinhas sob seus cuidados.

Saber isso não deixou Ritinha menos injuriada naquela hora. Dorminhoca convicta, que prezava cada segundo de sono, principalmente o matinal, ela se irritou profundamente com a cantoria, que acordara ela e mais uma colega de quarto, Ana Luísa, exatos trinta e sete minutos antes de o sino tocar.

– Que injustiça! – reclamou Ritinha ao olhar no relógio.

– Vamos dormir de novo. Fecha os olhos que o sono vem. Temos ainda um bom tempo para dormir – sussurrou Ana Luísa, para não acordar as demais.

– Eu sei! Mas não consigo voltar a dormir depois que acordo! – resmungou, aborrecida até a raiz do cabelo despenteado.

Ana Luísa não ouviu. Ao que parecia, ela era o oposto de Ritinha. Fechou os olhos e, pimba!, já estava sonhando.

Ritinha, olhos alertas e abertos, foi trocando a irritação por outro tipo de sentimento. Um sorriso leve e brejeiro estampou seu rosto. Ô-ou! Sim, sim, ela estava pensando em Leandro, Leandro do ônibus, Leandro do luau, Leandro, simplesmente Leandro.

Era bom pensar nele.

Fechou os olhos e pôs-se a lembrar a noite anterior. Os olhares, as ondas inéditas de calor que sentira enquanto conversava com ele, a sensação de conforto e bem-estar ao seu lado, as coisas que ele disse, os gestos, o jeito dele.

Acabou dormindo. E, claro, sonhando com os olhos azuis mais lindos que já vira.

O sino badalou às cinco e meia em ponto e Ritinha acordou sorrindo pela primeira vez em toda a sua vida. Àquela hora!

– Bom-dia, sol! Bom-dia, céu! Bom-dia, nuvens! Bom-dia, graminha verde! – saudou a paisagem da janela.

Só não precisava da "graminha verde", mas tudo bem.

Dentro de pouco tempo, ela encontraria novamente Leandro. Leandro, Leandro, Leandro. Ele não saía da sua cabeça, o que a deixou espantada. Nunca conseguira dormir depois que abria os olhos. Naquele dia conseguira e, melhor, sonhara! E viva o Leandro!

Do outro lado da Casa do Lago, Gabi e Manu também acordaram com sorrisos no rosto. Manu porque conversara um bom tempo com um gatinho do primeiro ano do seu colégio, um gatinho do segundo de outro colégio e um terceiro gatinho menos gatinho que os outros, do nono ano de um terceiro colégio. Ufa!

Gabi não cabia em si de contentamento. Conversara com Di, elogiara Di, rira de Di, para Di, com Di. Para ela, agora mais apaixonada ainda, Di era a fofura das fofuras, a outra metade de sua laranja.

O trio de amigas encontrou-se no refeitório. Lá, aconteceu o esperado. Ritinha olhou fixamente para Leandro, que olhou fixamente para Ritinha. Di olhou Gabi, que se derreteu por Di, e todos os meninos olharam para Manu, que olhou para todos sem se derreter por nenhum.

Dois dias se passaram nesse ritmo de olha e pisca, e vai e vem, e esbarra e sorri. Dias de esporte, diversão, aprendizado, oficinas teatrais, workshops de culinária, provas de atletismo, torneios de handebol e de vôlei, campeonato Vida d'Ouro de futebol, aulas pedreira de educação física, de acrobacia… Dias em que todos acordavam cedo para ordenhar vacas, dar milho às galinhas e alimentar os bezerrinhos.

Quando não estava conversando com Leandro, que a cada dia estava menos tímido, Ritinha tentava convencer as amigas de que Suzaninha não era exatamente uma cobra.

– Ela é fofa – definiu.

– Fofa?! – desconfiou Gabi.

– Fofa! – insistiu Ritinha. – Bem fofa.

– Fofa-fofa? – quis saber Manu.

– Fofa-fofa! – garantiu Ritinha.

– Aaah, mas ela não é fofa-fofa mesmo! – esperneou Gabi.

– Você não conhece a menina! Não fica alimentando raiva de uma pessoa por causa de um ciúme bobo, que você nem sabe se tem fundamento.

– Tem fundamento, sim! Eles se olham diferente, já disse!

– Viagem da sua cabeça! Ela nem fala nele! A Suzaninha não está nem aí para o Diogo!

Uau! Revelação bombástica, silêncio brutal.

– Se você der uma chance para a Suzaninha, aposto que ela conquista você. Ela é que nem a gente. Palhaça, divertida, meio atolada, gosta de dançar, fala pelos cotovelos, adora jogar no computador, leu todos os Harry Potter, adora rosa mas usa mais preto, não perde *Malhação*, ama bife com batata frita, faz todos os testes de revista e é ótima em campeonato de pum.

– Ah, não! Nessa eu não acredito! A Suzaninha solta pum?

– Eu achava que a Suzaninha nem cocô fazia! – brincou Manu.

Ritinha e Gabi caíram na gargalhada com a palavra usada pela amiga. Uma palavra daquelas na boca de Manu, uma loirinha patricinha bonitinha educadinha… quem diria? Foi engraçado.

– Entendi aonde você quer chegar, Ritinha – disse Gabi. – Fica tranquila, prometo que vou pensar nisso com carinho, tá? Vou rever todos os meus conceitos sobre a Suzaninha.

– Preconceitos! – corrigiu Ritinha.

– Tá bom! Vou rever os conceitos e os preconceitos, sua chatinha!

– Oba! – comemorou a caçula do trio de amigas.

– Mas para de elogiar essa menina porque agora é de *você* que eu estou ficando com ciúme!

As duas se abraçaram, com cara de choro.

– Ah, não, gente! Olha o mico! Choro não combina nada com essa cena, fala sério! – provocou Manu, jogando-se em cima das amigas para abraçá-las também.

No quarto dia, a intimidade entre os adolescentes aumentara e as brincadeiras começaram a acontecer. Àquela altura, a cumplicidade entre meninos e meninas da colônia era nitidamente outra. Agora, todos se conheciam pelos nomes, os casais já estavam meio definidos, os olhares eram cada vez mais explícitos, as intenções cada vez menos veladas.

Manu ficara com outros dois meninos: Lucas e Zé Maurício. E não gostara

exatamente de nenhum. Leandro e Ritinha continuavam devagar, conversando e "se conhecendo", como ela gostava de dizer. Gabi e Di olhavam-se e falavam-se e azaravam-se descaradamente, mas beijar, que é bom, nada!

Naquela noite haveria uma esperadíssima e concorridíssima festa à fantasia, todos os adolescentes queriam trabalhar nessa festa, principalmente na parte de figurinos, que eram praticamente disputados a tapa. Era preciso até senha para experimentar e escolher uma fantasia. Algumas meninas levaram suas fantasias de casa e improvisaram Carmens Mirandas, Pittys e Negas Malucas. Os meninos eram mais bem-humorados e além das fantasias de bate-bola, levaram roupas de gari, de Chapolin e até de Papai Noel.

No fim da festa, foi feito o sorteio dos times da Gincana Maluca, que aconteceria no dia seguinte. Na gincana, a colônia se dividia em duas equipes com cerca de 80 pessoas cada uma. Pessoas de todas as casas, idades e sexos. As tarefas não eram fáceis, havia provas com alto grau de dificuldade e outras que eram praticamente impossíveis de realizar.

No sorteio, caíram na equipe Lua e Estrela Ritinha, Gabi e Manu, o que gerou u-hus animadíssimos do trio. Além delas, o nome de Di foi anunciado. "Yes! Yes!", fez Gabi, felicidade em pessoa, de mãos dadas com as amigas. Depois de Di, ela, Su-za-ninhaaaa! Nããããããããããõ!, esgoelou-se Gabi mentalmente. Isso é que é falta de sorte!

Após o anúncio dos nomes e das equipes (a outra se chamava Sol e Chuva. Vamos combinar que o pessoal da Vida d'Ouro não era muito criativo na hora de inventar nomes), a maioria das pessoas foi dormir, para acordar com a bateria recarregada no dia seguinte e não fazer feio na gincana. Algumas provas eram exaustivas e exigiam um ótimo preparo físico.

Manu e Ritinha já tinham ido dormir quando Gabi sentiu um tapinha em seu ombro.

– Pô… aê… beleza?

– Be… beleza…

– Pô, tô a finzão de falar com você, Gabi – disse Di, que para Gabi estava mais lindo do que nunca fantasiado de pierrô.

Com o coração batendo mais rápido do que jamais batera, Gabi, vestida de (coincidência fofa das coincidências fofas) colombina, tentou olhar firme para ele, sem desmoronar.

– Fala.

– O povo aí tá dizendo que tu tá a fim de mim. Aí… na moral… isso tá rolando?

Mesmo envergonhada, Gabi não perdeu a classe.

– Não sei – disse, emendando numa longa pausa. – Você quer que role?

Boa, Gabi!

– Pô, aê… eu ia ficar amarradão se fosse verdade…

Uau!

E agora?, refletiu Gabi.

Agora beija, ué!

Di foi mais rápido que os pensamentos de Gabi, e tascou-lhe um beijo na boca. Beijo demorado, beijo suave, beijo sentido, beijo quente, beijo carinhoso, beijo com a mão na cintura! E mão na cintura era um negócio seriíssimo para Gabi, tinha um significado e tanto para ela. Babete tinha lhe dito que mão na cintura é um sinal claríssimo de que a relação será séria, de que o menino está tão, mas tão apaixonado que não vai deixar a menina escapar nunca, nunquinha!

E o beijo do Di era de tirar o fôlego! Ô, beijo bom! Encaixou perfeitamente com o dela, como Gabi sempre suspeitara. Por que demorou tanto para acontecer?, perguntava-se ela.

Beijaram, beijaram, beijaram até perderem a noção do tempo.

O sino tocou e anunciou o fim da festa. Gabi de colombina, Di de pierrô, casal mais fofoleto do mundo, eles não se abalaram com as badaladas e continuaram a beijação.

O local da festa foi esvaziando, esvaziando, só restaram os dois, o céu, o silêncio. E aquele barulhinho bom de beijo, que ficava ainda mais gostoso a cada segundo, pois não era qualquer beijo, era um beijo desejado havia muito tempo. Não dava mesmo para parar.

Mas era preciso. Logo um monitor veio acabar com a festa particular do casal recém-formado.

Resignados, caminharam abraçadinhos em direção às suas respectivas casas (que lindos!), e despediram-se romanticamente. Di desejou boa noite e bons sonhos para Gabi. E lhe deu um último beijo que beirava a perfeição. Uau! Di era lindo, era cavalheiro e ainda por cima beijava bem. O que mais Gabi podia querer?

No quarto, com Manu, ela mal acreditava no que acabara de acontecer. Ela tinha, finalmente, conseguido conquistar sua paixão.

– Vocês estão namorando?

– Sei lá! Acho que sim. Ele não ia ser tão fofo comigo se não quisesse namorar.

– É, faz sentido – ponderou Manu, séria, para depois cantar, debochada. – Tá namorando! Tá namorando! Tá namorando! – Sem deixar de emendar na não menos debochada: – "Com quem será! Com quem será! Com quem será que a Gabriela vai casar? Vai depender, vai depender, vai depender se o Diogo vai querer!"

Gabi ria boba, feliz, pateta. Mas logo o sono bateu em Manu e no restante das Lilás, que adormeceram em pouco tempo. Gabi demorou a pegar no sono. Com a mão no peito, não conseguia se concentrar para dormir. Em vez de contar carneirinhos, ela preferiu relembrar as vezes em que Di pegou no seu rosto e a olhou longa e apaixonadamente. Que noite!

No dia seguinte, o refeitório era um burburinho só. Estavam todos agitados para a gincana, que começaria uma hora após o café da manhã. No canto de uma mesa, Gabi contava em minúcias para Manu e Ritinha o beijo, o romantismo, o entrosamento entre ela e Di. Enquanto descrevia empolgadamente a noite anterior para as amigas, Di apareceu no refeitório. O coração dela foi às alturas, suas pernas chegaram a tremer, Gabi estava mesmo trôpega de paixão.

Assim que seus olhos cruzaram com os dele, ela não resistiu e abriu o maior sorriso que já abrira para um menino. O sorriso mais lindo, mais puro, mais sincero que já dera para um representante do sexo masculino. Mas Di, infelizmente, não sorriu de volta. Deu-lhe apenas um aceno chocho, sem direito a sorriso, sem direito sequer a levantar de sobrancelhas. E foi direto para a mesa onde estavam seus amigos.

Gabi não entendeu nada.

– Ontem ele foi tão lindo, tão fofo…

– Garotos, humpf! – resmungou Ritinha, dando a mão para a amiga, que fez esforço para engolir o choro e não pagar o mico de chorar na frente dele.

– Vai ver ele não quer dar mole para você aqui, na frente dos amigos. Não conhece menino? – tentou amenizar Manu.

O baque no coraçãozinho de Gabi fora grande, mas ela não demorou a se

recompor. Conhecia bem a espécie masculina.

– É menino é assim, né? Fica com a gente e no dia seguinte não fala, fica bobo, com vergonha. Vai entender.

Menino idiota!, pensou Ritinha. Aposto que o Leandro nunca agiria assim.

E por falar na criatura, Leandro e ela esbarraram-se justamente na saída do refeitório. Na festa do dia anterior lamentaram juntos o fato de ficarem em equipes opostas. E não lamentaram só no papo, não! Esse lamento todo teve direito a abraços demorados. Sim, abraços! A relação estava evoluindo. Lentamente, mas estava evoluindo…

De frente um para o outro, enquanto a galera que terminara o café corria para o quarto para se arrumar para a gincana, os dois conversavam, avessos à algazarra.

– Vou torcer por você, Rita – disse, passando levemente os dedos pelo braço de Ritinha, que ficou imediatamente arrepiado.

– Que lindo! Eu também vou torcer por mim – fez graça.

Ele riu. E mostrou as covinhas. E ela adorava as covinhas dele.

– Eu gosto desse seu espírito esportivo.

– Eu não tenho nenhum espírito esportivo. Eu simplesmente odeio perder. Não sei perder. Odeio quem ganha de mim! E odeio subir ao pódio sem estar em primeiro lugar! E odeio quando zoam da minha cara dizendo que eu não sei perder! – declarou, enfezada.

– Mas você acabou de dizer que não sabe perder!

– Eu posso dizer, Leandro! Mais ninguém! Acho um desaforo! Ai, se eu pego alguém dizendo isso de mim, eu…

– *Eu* adoro quando você fica bravinha assim.

Ela ruborizou.

– E também adoro quando fica vermelhinha. Você é linda, Rita.

Linda! Ele chamou Ritinha de linda! E não tinha ninguém conhecido por perto para ouvir a declaração daquele deus grego em miniatura! Que droga!, pensou a baixinha.

Tudo bem que algumas meninas achavam Leandro alto demais, desengonçado demais, narigudo demais. Mas outras, como Ritinha, achavam Leandro lindo demais.

– Você me acha linda, mesmo? É sério? É só modo de dizer, né? – quis

saber, genuinamente incrédula.

– Eu acho você toda linda. "Você é linda mais que demais… você é linda sim…" – cantarolou a música de Caetano.

– Nossa… – suspirou em voz alta, meio sem fôlego, meio ofegante.

– Posso ter dar um beijo? – perguntou, na lata.

Depois de alguns segundos de hesitação, ela respondeu:

– Pode. Eu acho. Mas antes eu…

– Antes deixa eu te falar uma coisa.

– Isso que eu ia dizer.

– Mas eu disse primeiro.

– Não, *eu* quero te falar uma coisa.

– Beleza, mas eu quero falar primeiro.

– Não, não! O que eu tenho para falar é importante.

– Não mais do que o que eu tenho para falar para você.

– Ai, não! Não vai me dizer que você tem namorada! – ficou tensa Ritinha.

– Claro que não!

Ufa!

– O que é, então?

– Agora fiquei com vergonha!

– Não!

– Sim!

– Diz!

– Tá bom – ele disse, antes de fazer uma longa pausa para continuar: – Eu sou BV, Rita.

Como é que é?

– Como assim?!

– Eu nunca beijei.

Ela entendeu essa parte, garoto!

– Eu sei! Só não estou acreditando!

– Por quê?

– Porque é difícil acreditar que um cara como você é boca virgem! Ô, Leandro, você não tem espelho em casa, não, meu filho? Bonito desse jeito,

você podia ter beijado um bando de meninas.

Sem pestanejar, ele rebateu:

– Eu morei os últimos três anos numa cidadezinha nos Estados Unidos, lá é muito mais careta que aqui, ninguém beija assim tão novo, tão fácil. Só voltei ao Brasil há seis meses e estava esperando pintar a garota certa.

Fala sério!

Fofoooo!

Ainda surpresa e muito feliz por ser a "garota certa" para Leandro, chegou a hora de Ritinha fazer sua confissão ao bonito:

– Eu também sou BV.

Tchanãããã!

– E também estava esperando o garoto certo? – perguntou, sorrisinho feliz no canto da boca.

Ritinha não teve tempo de responder. Sua boca deixou de ser virgem exatamente no minuto em que ela tomou ar para dizer que sim, estava esperando o cara certo, um cara que significasse alguma coisa para ela, um cara que mexesse com seus sentimentos, que acelerasse seus batimentos cardíacos.

Aquela temporada na Vida d'Ouro ficaria na memória de Ritinha para sempre. Afinal, primeiro beijo a gente nunca esquece. Ainda mais primeiro beijo apaixonadinho como esse.

Meio tímidos e um tanto babadinhos, Ritinha e Leandro pararam de beijar e se olharam. Longamente.

– Melhor a gente ir – disse Ritinha, meio tonta de felicidade.

– Boa sorte, Rita.

– Boa sorte, Leandro.

– Vamos jantar na mesma mesa hoje à noite? Para comemorar o fim da gincana?

Õõõõõõ! Que lindo!

– Combinado.

Um selinho. Mais um. Mais outro. Mais um. O último. E mais um beijo longo e gostoso rolou entre o casal mais inusitado daquela colônia de férias. Dessa vez, Ritinha foi além e arriscou um cafuné, um carinho nas costas de Leandro. Depois, um abraço. Apertado, carinhoso. Era difícil para Ritinha

desgrudar de Leandro, parecia que ele tinha um ímã que a atraía para perto dele.

Chegando ao quarto, ela encontrou Suzaninha, que logo notou algo estranho no ar…

– O que houve com você? Está esquisita…

Apesar de louca para contar a grande novidade, Ritinha não podia dizer para ela que deixara de ser BV. Seria traição das graves com Manu e Gabi. Elas, sim, deviam ser as primeiras a saber.

– Posso te contar depois?

– Claro.

– Você não fica chateada?

– Que ideia, Ritinha!

– Então… posso te pedir uma coisa que eu estou precisando muito agora?

– O que é?

– Me dá um abraço?

Suzaninha abriu os braços e também um sorriso enorme e sincero. E foi nos braços dela que Ritinha encontrou o abraço que queria, o abraço de que precisava. Ainda com o coração acelerado e o corpo quente como um vulcão em erupção, ela precisava dividir com uma amiga a euforia, o ineditismo e o frio na barriga causados pelo beijo. E, àquela altura, a ex-arquirrival de Gabi já era uma amiga. Ritinha gostava de verdade de Suzaninha. E a recíproca era verdadeira. Abraçaram-se longamente, fraternalmente, carinhosamente. Aos poucos, foi caindo a ficha: os tempos de BV ficaram definitivamente para trás.

Abraço dado, beijo registrado para sempre na memória, Ritinha imbuiu-se de gana de jogadora e se arrumou para a gincana. Em pouco tempo, estava reunida com sua equipe na quadra do estádio.

Enquanto a muvuca esperava ansiosa pela primeira prova, Ritinha puxou assunto com suas duas melhores amigas.

– Eu tenho uma coisa para contar para vocês… – disse, olhinhos brilhando.

– Ai, meu Deus! – exclamou Manu.

– É o que a gente está pensando?

– Não sei… talvez… Rêrrê… Rerrerrê… Rerrê…

– Ih… conheço esse risinho bobo e sem ritmo aí… – instigou Manu.

– Eu… eu… eu não sou mais BV – revelou, tímida, sorrindo um sorriso que mostrava todos os dentes.

– Caraca, até que enfim! – brincou Gabi. – Sua boca já devia estar com teia de aranha por falta de uso!

– Dâ-â!

– Foi com o Leandro? – quis saber a loirinha.

– Claro, né? Quem mais poderia tirar meu BV?

– Beijar é a melhor coisa do mundo, né, Ritinha? – perguntou Gabi.

– Beijar eu não sei, mas beijar o Leandro… ah!, isso com certeza é a melhor coisa do mundo!

– Que fofa! – elogiou Manu.

– Você está *xonada?* – ficou curiosa Gabi.

– Não sei… acho que sim… sei lá… sei que ele é o cara mais maneiro que eu já conheci na vida. Ele é especial, doce, vive me abraçando, me fazendo carinho… Ele é… perfeito!

– Aê, Ritinhaaaaaaa! – empolgou-se Gabi.

As três se abraçaram e Manu e Gabi puxaram, bem alto:

– Tá namorando! Tá namorando!

– Shhh! – fez Ritinha.

Não que ela tivesse ficado chateada com as amigas. Que nada! Era charminho puro. Estava tão feliz que não seria de todo mal gritar para o mundo que ela estava, sim, namorando. Namorando e sentindo uma coisa muito boa dentro do peito, dentro da alma. E pensar que até outro dia ela era BV. BVzinha da Silva!

A primeira prova parecia simples. Cada um dos cinco participantes escolhidos pelas equipes tinha de subir correndo o morro de lama e descer de esquibunda 10 vezes. Quem completasse com o menor tempo ganhava mais pontos. Parecia moleza, mas já na terceira repetição os participantes demonstravam cansaço. O time de Leandro, o Sol e Chuva, levou a melhor.

Depois, os mesmos participantes da prova do esquibunda foram submetidos a uma volta olímpica na pista de corrida. O corpo pedia socorro, mas não dava para parar. Ritinha deu show de incentivo e a galera não deixou a peteca cair. Ponto para Lua e Estrela, que terminou antes.

Agora era preciso mais gente. A tarefa era montar uma banda, compor uma

música, montar um show com tietes, seguranças, cenário e todo o aparato tecnológico e convencer o júri de que a encenação era real. Prova difícil, trabalheira. Eles tinham até o almoço para ensaiar o número e apresentar para a comissão julgadora, formada por monitores. Ou seja, duas horas.

O primeiro time a cumprir a prova foi o Lua e Estrela. Rapidez e eficiência. Di ajudou com seus, hum, vá, lá, dotes musicais. Criou em poucos minutos uma canção enfadonha e ensaiou com Pezão, seu colega de banda. Gabi, que duas noites antes trabalhara ajudando os DJs das festas, ficou a cargo do som. A galera que fazia teatro interpretou seguranças e tietes escandalosas com perfeição. A comissão julgadora e a plateia adoraram *Menina da Pele Morena*, o novo hit de Diogo, com evidente inspiração em *Garota Douradaça.*

Abraços gerais, comemoração infinita e até… abraço de Manu e Suzaninha. Assim, de repente. Uma ficou na frente da outra e, opa!, não tinha como, a situação urrava por um *upa* apertado. Suzaninha abraçou Manu com vontade. A loirinha aproveitou a ocasião:

– Não sei se te agradeci o bastante por ter salvado a minha unha naquele dia. Muuuuuito obrigada.

– Imagina! Sei a dor que é uma unha virada. Arrepio só de pensar! – disse Suzaninha, sincera, tascando uma bitoca cheia de carinho na bochecha rosada de Manu. – Parabéns para a gente!

A gincana corria bem, embora mais difícil do que a do ano passado, este era o burburinho entre os participantes veteranos.

Prova de conhecimentos gerais. Agora, em apenas cinco minutos, um representante escolhido por cada equipe deveria responder a 50 questões de múltipla escolha sobre História, Geografia, Português, Matemática, política, economia e o dia a dia do Brasil e do mundo. Casca grossa.

Ritinha tirou de letra. A que mais fez pontos, de longe. Quase gabaritou a prova. A única coisa que não sabia? Que o carioca Lamartine Babo, autor de sucessos carnavalescos como "O Teu Cabelo não Nega", compôs os hinos dos principais clubes de futebol. Ticou Paulinho da Viola. Ui!

Prova de pingue-pongue em dupla. Suzaninha e Di foram escolhidos para representar a equipe e defenderam o Lua e Estrela com muita categoria. Perderam para o Sol e Chuva por pouco. Suzaninha chorou, Di consolou, Gabi odiou ver aquela troca de carinho. Estaria Suzaninha seduzindo Di, como ela suspeitara desde o início? Ou era viagem sua, como acreditavam Manu e

Ritinha? Não havia muito tempo para pensar nisso. Os monitores logo anunciaram a nova prova, a prova da água. Ganharia a equipe que bebesse mais água em um minuto. Sol e Chuva faturou fácil, escalando uns meninos trogloditas que pareciam capazes de beber um barril inteiro de água.

As duas equipes estavam empatadas.

Chegara a hora da prova maluca: a comissão julgadora, depois do rufar dos tambores, decretou: ganha quem mostrar um autógrafo legítimo de um astro internacional.

– Não acredito! Eu não trouxe nenhum do Slavabody! – chiou Ritinha.

– Nem eu! Caraca, como a gente é burra! – xingou Manu.

Chocada com a afirmativa, uma morena de uns 12 anos que elas nunca viram na vida se intrometeu, olhos arregalados:

– Vocês têm o autógrafo dos meninos do Slavabody Disco Disco Boys?! Como? Por quê?

– Xiiii, isso é uma longa história, depois a gente te conta – cortou Ritinha.

– Como vamos fazer? – angustiou-se Gabi.

Na equipe de Leandro, a Sol e Chuva, uma menina acabara de voltar da Disney com um autógrafo da Avril Lavigne, que vira no aeroporto. Gritou bem alto "Eu tenho! Eu tenho! Eu tenho!" para anunciar o feito e saiu em disparada para o quarto para procurar. A equipe Lua e Estrela ficou bem borocoxô. Será que havia alguma coisa a fazer enquanto a tal menina procurava a assinatura famosa?

– Por que nenhuma de nós se lembrou de trazer a agenda do ano passado, com os autógrafos dos meninos do Slavabody? – ainda reclamava Ritinha.

– Alou! Vamos focar na solução, gente, não no problema! – irritou-se Gabi.

– Não tem solução, Gabi! A gente perdeu! Perdeu!

A desolação de Ritinha por um instante contagiou as outras duas até que…

– Tem solução, sim! SEMPRE tem uma solução. Quem me ensinou isso foi a … Ba-be-te!

– Boa, Manu! Isso é um caso para Babete Labareda! – concordou Gabi, empolgada.

– Até parece! Aquela doida não ajuda nada, só atrapalha! – resmungou Ritinha, completamente ignorada pelas duas amigas.

Foram ao quarto pegar o celular para ligar para a prima maluquete de

Manu, a maior *resolvedora* de problemas de Resende. Queriam ver se ela dava uma ideia, alguma luz. O jogo estava praticamente perdido, mas como esperança é a última que morre resolveram tentar.

– Babete?

– Oi, Manu, chuchu, anu, jaburu, Nova Iguaçu! Que saudade!

– Eu também, Babete, chiclete, tiete… grumete! Tudo bem?

– Tudo fabuloso! Arrumei um trabalho sensacional!

– Que bom! Com o que você está trabalhando?

– Com música, com corpo, com energia, com suor, com persistência, com limites.

A descrição intrigou Manu que, mesmo atônita com aquele jeito doidinho de ser de Babete, quis saber:

– Nossa, fiquei curiosa! Conta, em que você está trabalhando?

– Eu agora sou uma respeitável… professora de lambada oceânica! Morra de inveja!

Como é que é?

– Lambada oceânica? Que é que é isso?

– No mês que vem vou ensinar uma gringalhada a mexer os quadris em pleno oceano, num navio divino, durante um cruzeiro chiquésimo de 45 dias. Por isso é lambada oceânica, entendeu? Eu que batizei a modalidade, obviamente.

– Arrã…

– A partir de agora pode me chamar, por favor, de Miss Labareda Ocean Lambada Boat Show Woman! Mas capricha no sotaque, hein? – ela disse, rindo, praticamente sem respirar.

Manu ficou assim, digamos, sem ação, sem achar palavras para dizer. Saiu-se com o bom e velho:

– Irado…

– Hum… Que "irado" chocho! Deixa de ser preconceituosa, Manu! Aposto que você está implicando com a lambada! Eu não posso fazer nada se os gringos do barco estão desatualizados com os ritmos brasileiros.

– Não é isso, Babete! É que eu não posso falar muito agora, eu estou no meio de uma gincana!

– Gincana?! Obaobaoba! A-do-ro gincana! Gincana onde, Manu? Gincana

de quê? Sou ótima em gincana, ótima. Espetacular! Ganhei muita gincana quando eu tinha a sua idade. Não faz muito tempo, faz pouco tempo. Um pequeno tempo. Um tempo pequetitinho. Sei que continuo uma superparticipante de gincana. Ana, ana, ana, eu adoro uma gincana! Ui, não, fala sério, odeio corinho! – desandou a falar Babete, acelerada como de costume.

– Ai, que bom! É por isso que eu estou te ligando. Para te pedir uma ajuda.

– Manda!

– A gente precisa do autógrafo de uma celebridade internacional. E rápido. Pode ser de qualquer época, de qualquer lug…

– Onde é que você está, Manu?

– Na Vida d'O…

– Vida d'Ouro, a colônia de férias? Conheço! Estou indo para aí, companheira! Câmbio, desligo.

– Não faz isso, maluca! Isso vai demorar e a gente não pode demorar, era só para você dar uma ideia para ajudar a gente…

Manu falava sozinha. Babete desligara o telefone na cara da prima, que não queria acreditar que aquela cena acontecera com ela.

– Babete! Alô, Babete! Vocês acreditam que ela desligou?

– Eu, hein! Por quê? – perguntou Gabi.

– Porque é doida, ué – disse Ritinha.

– Ela falou que estava vindo para cá, vê se pode!

– Que maluca! A Babete continua não batendo bem, né, Manu? – espetou Ritinha.

Enquanto isso, a menina da Avril Lavigne procurava ensandecida pelo seu autógrafo, revirando roupas, mochilas, sapatos, meias, armários e gavetas e… nada! Procura daqui, procura dali, até promessa para São Longuinho ela fez. Três pulinhos e três gritinhos em troca do autógrafo. Nada. Seis pulinhos, seis gritinhos. Nada. Dezesseis pulinhos num pé só e dezesseis gritinhos ao ritmo de *Cidade Maravilhosa*. Nada. Ao que tudo indicava, São Longuinho não torcia para a Sol e Chuva.

Além do trio de amigas de Resende, que foi pedir socorro à Babete, outros integrantes da equipe Lua e Estrela, que não eram bobos nem nada, também resolveram correr por fora.

Um grupo liderado pela Suzaninha foi à comissão julgadora. Meninos e meninas lotados de argumentos queriam convencer de qualquer maneira os organizadores da gincana de que vários autógrafos nacionais equivaliam, sim, a um internacional.

Nada feito. Eles estavam irredutíveis. E a equipe injuriada. Afinal, eles tinham várias assinaturas famosas. Só Flavinha Figueiroa tinha um caderno repleto de autógrafos. De artistas de primeiro time a ex-participantes de *reality show*, passando por cantores bregas, atores de peça infantil… tinha para todos os gostos e níveis de celebridade. Até do Ronaldinho um dos garotos tinha autógrafo. Não adiantou. "Mas ele mora há um tempão na Espanha, é praticamente gringo", ele tentou argumentar. "Negativo", dizia o monitor Olavo, com satisfeito ar nazista.

Já fazia mais de dez minutos que a garota fora para o quarto procurar a assinatura da Avril e não voltara. A tensão aumentava, mas a verdade, todos sabiam, mais minuto menos minuto ela chegaria com o pedaço de papel que daria a vitória à equipe do Sol e Chuva.

Faltava pouco tempo para encerrar o prazo de entrega do autógrafo. Caso nenhuma equipe se manifestasse, seria declarado o empate. A angústia da demora foi quebrada com um barulho que surgiu do céu. Vinha de um helicóptero que parecia querer pousar bem no campo de futebol da Vida d'Ouro. E que assustou a todos, pois nenhum helicóptero era esperado.

Antes mesmo que os coordenadores da colônia tentassem conter a algazarra, os adolescentes correram para ver a aeronave pousar. A curiosidade em torno do helicóptero era enorme, até porque a maioria das pessoas ali só tinha visto helicóptero em filme e novela. Ao vivo, e tão de pertinho, nunca!

Com o semblante tenso, afinal até eles tinham sido pegos de surpresa, os monitores e coordenadores tentavam entender o que exatamente aquela aeronave estava fazendo ali.

O mistério seria desvendado em pouco tempo.

Ah, Babete!

O helicóptero logo se aproximou do solo e levantou poeira, grama, terra, cabelos longos e as saias de algumas meninas antes de pousar. Depois da ventania, a hélice acalmou e da aeronave saiu ninguém mais, ninguém menos que Babete – cabelões ao vento, saia comprida e camiseta colorida de alcinha, um bracelete em forma de cobra em cada braço e os olhinhos de cílios enormes espremidos piscando rapidamente, procurando suas amigas mais novas, que estavam boquiabertas com o fato de a prima de Manu ter caído do céu. Literalmente.

O trio de Resende acenou e andou na direção da maluquete.

– Aí estão vocês! Oi, meninaaaas! *Xaudadiiii!* Queria pular de paraquedas para fazer uma chegada triunfal, mas o meu namorado não deixou, ficou com medinho. Posso com isso?

Chegada mais triunfal que essa? Fala sério!

Ainda atônitas com a presença da garota mais velha mais gente boa que conheciam, Manu, Gabi e Ritinha demoraram a entender o porquê da visita inesperada, enquanto o resto da galera se aproximava para ver de perto o que estava rolando.

– Babete, amada, quando eu pedi a sua ajuda não quis dizer para você vir até aqui me ajudar. Não queria te dar esse trabalho…

– Mas vocês não estão atrás de um autógrafo internacional?

– Estamos, mas como é que você vai arrumar isso aqui, nesse fim de mundo?

– Não vai dizer que quer botar a gente nesse troço para voar à procura de um autógrafo, Babete! Não temos tempo para isso! Além do mais, não entro nessa geringonça nem amarrada! – reclamou Ritinha.

– Gente, se eu voei até aqui é porque eu posso ajudar, né? Alou!

– Como? – perguntaram as três, em coro.

– Com o meu namorado.

– Seu namorado? E por que alguém aqui ia querer uma assinatura do seu namorado? Tem que ser famoso, Babete! E in-terna-cio-nal!

Babete ouviu Manu atentamente. Esperou a prima terminar de falar e, com um assovio estridente, chamou de dentro do helicóptero seu novo namorado:

– Teddy, honey, iu-hu!! Vem cá logo! Antes que elas percam essa gincana!

Da porta do helicóptero, com cara de mal-humorado e pinta de *pop star* entediado, surgiu ele, PJ Gut Gut Teddy Bear (lê-se Pi Djei Gât Gât Teddy Béar), ou Teddy, como os fãs o chamavam. Uma das maiores celebridades da atualidade, cantor de rap vencedor de oito Grammys, sarado, desbocado, tresloucado, polêmico, espalhafatoso e bom de marketing, cujo disco de estreia, que levava seu nome, vendera mais de 40 milhões de cópias em todo o mundo. Uau!

Manu, Ritinha e Gabi levaram um susto quando viram aquela figuraça do show business. Abriram as bocas e assim permaneceram, com o queixo caído e os olhos pulando da cara, completamente chocadas.

Um corinho vindo do fundão, puxado por uma menina da Casa dos Novilhos, nasceu fraco, mas, para sofrimento dos tímpanos presentes, tomou força na voz da galera.

– Oé, oé! PJ Gut Gut Teddy Bear! Oé, oé! PJ Gut Gut Teddy Bear!

Ui!

Para piorar, o grito de guerra terminava com três palminhas.

Três vezes ui!

– Fala sério! Que coisa cafona! – desdenhou Gabi.

– É! As pessoas não são nada talentosas na hora de inventar corinhos – acrescentou Manu.

– A gente tinha de descobrir quem cria esses corinhos pavorosos. Eles são realmente desnecessários – resmungou Ritinha. – Se bem que… ai, meninas, desculpe, mas não consigo fazer essa linha *cool*. Eu gosto de tietar. Oé, oé! PJ Gut Gut Teddy Bear! Oé, oé! PJ Gut Gut Teddy Bear! – entregou-se, berrando com toda a força do gogó.

Como era de se esperar, o maior astro mundial do rap gerou uma saraivada de aplausos, assovios e gritinhos de tietes. Meninos e meninas da colônia nem piscavam, simplesmente não acreditavam no que viam. Era uma visão, era um pássaro, era um avião? Não, era PJ Gut Gut Teddy Bear! PJ Gut Gut Teddy Bear, em carne e osso!

Até os monitores estavam atônitos e apenas assistiam a tudo o que se passava, sem conseguir interferir.

Para saudar o visitante ilustre, a plateia, ou melhor, a galera da colônia, começou a imitar os gestos dos cantores de hip hop. Levantaram um braço para cima e começaram a gritar em coro: "Iou! Iou! Iou!", com variações menos monossilábicas, como "Go Teddy! Go Teddy! Go Teddy!".

Sem dar um sorriso e sem mexer um músculo sequer da face, PJ Gut Gut Teddy Bear balançou o braço cheio de pulseiras prateadas. Histéricas, as meninas acenaram de volta, mas, que decepção!, ele não tinha acenado. Apenas ajeitara as pulseiras, eram mais de 20 em cada pulso.

Enquanto o astro se dirigia à Babete, rodeado por dois seguranças fortões e dando tapinhas não muito simpáticos nas centenas de mãos que surgiram em sua frente, a fofoca já rolava solta. Seria PJ Gut Gut Teddy Bear a atração principal da Vida d'Ouro naquele ano? Caraca! Seria PJ Gut Gut Teddy Bear a pessoa que entregaria o prêmio da gincana? Duas vezes caraca! O que PJ Gut Gut Teddy Bear estaria fazendo no Brasil? E quem era aquela doidinha que estava com PJ Gut Gut Teddy Bear? E que roupa estranha PJ Gut Gut Teddy Bear usava! PJ Gut Gut Teddy Bear era esquisiiiito…

– Anda ursão, assina aqui para a sua ursulinazinha totocapoca!

– Ursulinazinha totocapoca? – sussurrou Ritinha para as amigas, frisando bem casa sílaba.

Gabi e Manu imediatamente reagiram:

– Sshhh!

Na equipe adversária, os comentários não paravam:

– Caraca! Eu não acredito! Ele está aqui para autografar! – disse uma menina.

– Ele está aqui para dar a vitória à Lua e Estrela! Que moral, hein? – disse outra. – E pensar que a gente teve a vitória nas mãos!

Sorrindo apaixonado, ele assinou o pedaço de papel que sua namorada potocatocazinha segurava. Na mesma hora, Gabi pegou o autógrafo famosésimo e mostrou orgulhosa a Olavo. Pronto, estava encerrada a gincana, Lua e Estrela era a equipe vencedora.

Três vivas para a Babete! Viva! Viva! Viva! A sorte ajudou, sim, com o sumiço do autógrafo da Avril Lavigne, que não foi mesmo encontrado (no fim da gincana ela ligou para casa e soube pela mãe que deixara a assinatura da cantora em cima de sua mesinha de cabeceira), mas a prima doidinha de Manu resolveu o problema num piscar de olhos e foi a verdadeira responsável por

aquela vitória.

– Meninas do Brasil, vocês são as vencedoras! Oba!

– Graças a você, Babete! – agradeceu Manu.

– Totalmente graças a mim! Eu sou ótima! Viva eu! – disse, enroscada nos braços musculosos de PJ Gut Gut Teddy Bear.

As meninas riram e não resistiram, cantando em coro, a plenos pulmões:

– É a Babete, o-ba! É a Babete, o-ba!

– Ah, não, gente! Achei que vocês tinham parado com essa chatice! – resmungou.

– Paramos, mas esse momento pedia um corinho, né? – brincou Ritinha.

Depois, não sucumbiram à curiosidade:

– PJ Gut Gut Teddy Bear, hein, sua pegadora de famosos? – brincou Gabi.

– Por essa vocês não esperavam, né? – sorriu Babete.

– Claro que não! – disseram as três.

– Onde vocês se conheceram? – quis saber Manu.

– Na África do Sul. Eu estava lá aprendendo um pouco mais sobre a saliva dos rinocerontes. A baba deles é poderosíssima, melhor do que o melhor produto de cabelo que existe no mercado. Dá um briiiilho!

– Baba de rinoceronte no cabelo? Eca!

– Eca nada, Ritinha! Isso é lindo, é natureza, é o cosmo em harmonia com a civilização contemporânea!

– Hã? – fez Manu.

– O problema é que os pesquisadores quiseram dar sal para os coitadinhos dos rinocerontes para eles salivarem mais! Achei um crime deixar os bichinhos com sede em prol da vaidade humana. Reclamei, protestei, fiz cartazes, mas não adiantou nada. Pouca gente estava interessada nesse problema seriíssimo. Então resolvi voltar para casa com o pouco da baba que eu tinha coletado. No aeroporto, vi o Teddy conversando tristemente com cinco rapazes que depois descobri serem da sua equipe de cabeleireiros. Li os lábios de longe, saquei o teor capilar da conversa e me aproximei deles.

– O quê? Você teve a cara-de-pau de chegar perto do PJ Gut Gut Teddy Bear? – indignou-se Ritinha.

– Claro! Eu sabia que podia ajudar. Uns seguranças chatos tentaram me afastar, mas eu gritei tão alto que eles acharam melhor evitar escândalo. Então

me apresentei e logo dei ao Teddy o frasco com o *Cuspus Rinocerontus*. Ele botou algumas gotas no cabelo e em questão de segundos suas madeixas ficaram menos revoltas e com um brilho intenso e jovial. Ele pediu um espelho e se apaixonou perdidamente pelo que viu. E eu me apaixonei perdidamente por ele e por aquele cabelo espetacular na mesma hora.

– E ele? – quis saber Gabi.

– Teddy se apaixonou por mim no momento em que eu me apresentei como a salvadora do seu cabelo! E hoje, depois de tanto tempo juntos, eu sei que para ele o cabelo é tudo na vida.

– Caraca… E há quanto tempo vocês estão juntos? – perguntou Manu, curiosíssima.

– Estamos juntos há um mês e meio. É uma paixão imensa, avassaladora, sem precedentes na história universal – disse a maluquete. – E olha que eu tinha desistido desse negócio de beijar famoso, hein? Famoso é muito complicadinho, muito chatinho. Sem contar que namorar famoso é muito cansativo!

– Como é que é? – ficou intrigada Gabi.

– É! Vida de namorada de mega-hiper-supercelebridade internacional não é mole, não! É festa para cá, viagem para lá, shows de graça toda semana nos melhores lugares, *paparazzi* correndo atrás da gente, desfiles, visitas a camarins de artistas, pré-estreia dia sim, dia também, poses nos tapetes vermelhos da vida, nunca sei em que cidade do mundo eu vou acordar… Ô, canseira!

– Que metida! – disse Manu, rindo.

– É verdade que ele consegue arrotar o alfabeto inteiro?

– Eca! – fizeram Manu e Ritinha, com cara de nojão.

– É, infelizmente. Mas ele está parando. Agora só arrota até o jota. Fiz meu ursão prometer que vai parar totalmente até a semana que vem. Se não parar, namoro encerrado.

– Isso mesmo! Fez muito certo de pressionar o cara! – concordou Manu.

– É! Tá pensando que só porque é famoso pode ficar arrotando por aí? – fez coro Ritinha.

– Também não suporrrrrto arroto! – enfezou-se Gabi.

– E eu? Odeio! Um punzinho de vez em quando, ainda vá lá, mas arroto? Irc! – disse Babete, como sempre surpreendendo as amigas, que acabaram

rolando de rir do seu jeito tagarela e espontâneo.

Como não era a toda hora que elas tinham a oportunidade de checar fofocas publicadas sobre um *pop star* famosérrimo, continuaram o interrogatório:

– Ele usa mesmo cueca fio-dental? – perguntou Ritinha, brilho de futrica no olhar.

– Não, não usa, isso é invencionice da mídia. Se bem que… não é má ideia, sabia? Vou sugerir. Ele tem uma bundinha tão *butitinha*, tão empinadinha! Vocês repararam?

Não, as três não tinham reparado. E ruborizaram.

– Beleza, vermelhinhas – implicou Babete com as envergonhadas. – Agora eu tenho que ir. A gente embarca hoje à noite para as Bahamas. Ele vai gravar um clipe e eu vou mergulhar com os tubarões. Vou tentar provar para uns especialistas poloneses teimosos que é possível conversar em português com eles.

– Com os especialistas?

– Claro que não, Ritinha! Alou! Com os *tubas!* – respondeu, cheia de naturalidade.

– Com os… *tubas*, Babete? – perguntou Manu, chocada.

– É! Com um pouco de treino, eles podem aprender a articular algumas palavras no nosso idioma e se comunicar com os humanos! Assim, poderão reivindicar coisas, pedir comida, denunciar navios que matam peixinhos desbragadamente…

Ai! Mil e setecentas vezes ai!

Aquela era Babete. Não mudava! Que papinho sem pé nem cabeça! Melhor não contrariar, melhor não perguntar detalhes, refletiram as meninas.

– Tchau, gente! Até a próxima! Adorei ajudar vocês! Chamem quando precisar!

Babete foi embora como chegou. Quando elas se deram conta, o helicóptero já tinha levantado voo. Os participantes da colônia acenavam boquiabertos, olhando para o céu ainda sem acreditar que por alguns segundos viram e respiraram o mesmo ar de PJ Gut Gut Teddy Bear, o rei do rap. Uau! Aquilo é que era tarde tudo de bom. Tão tudo de bom que o pessoal da Sol e Chuva nem ficou muito triste com a derrota. Afinal de contas, eles viram PJ Gut Gut Teddy Bear, o ídolo dos ídolos, o maior ídolo das últimas semanas.

Valentina Calheiros, integrante da equipe Sol e Chuva, aproximou-se do trio de Resende quando a galera começou a dispersar, para matar a curiosidade:

– Quem era essa que estava com o PJ Gut Gut Teddy Bear?

– Babete Labareda, a menina mais famosa de Resende – disse Gabi.

– E é minha prima – fez questão de acrescentar Manu, toda orgulhosa, peito e nariz empinados.

Mais tarde, no jantar, de mãos dadas e olhares derretidos, Ritinha e Leandro não comiam, não olhavam para os lados e nem falavam. Não precisava. Seu silêncio dizia tudo. Paixão das boas.

Naquela noite não haveria festa. Depois da janta todos iriam para os quartos. A ideia era dormir cedo para acordar disposto para a caminhada de três horas e meia no dia seguinte, o penúltimo da colônia, pela linda mata que cercava a Vida d'Ouro. Caminhada com direito a banho de cachoeira gelado no fim, para os mais resistentes a frio.

No meio de tanto riso e animação entre talheres, uma carinha triste destoava. Apesar da vitória, Gabi estava triste toda a vida. No refeitório, Di voltou a olhá-la insistentemente, deu-lhe uns dois sorrisinhos tímidos… mas só. Em suma, fundira ainda mais sua cabecinha apaixonada.

Ela já não sabia o que pensar sobre o alvo de sua paixão. Num momento, parecia querer se aproximar dela de novo, no momento seguinte, ele a repelia. Vai ver ele quer só me olhar. Mas e os beijos? Será que não foram bons para ele como foram para mim? Meninos… impossível entendê-los!, sofria em silêncio Gabi.

O que ele queria? Ela ainda estava mastigando sua atitude, afinal, ele resolvera ignorá-la justamente depois de todos aqueles beijos gostosos! Ela não esperava aquele tratamento. E em vez de pensar Que garoto bobão!, martirizava-se Gabi, Ele não me ama! Ele não me ama!. No quarto, a lamentação aumentou, agora acompanhada por soluços. Lamentação solitária, vale dizer. Manu, naquela noite, demorou a ir para o quarto.

Ela ficara com Joaquim depois do jantar, aluno do terceiro ano do Zé e monitor mais cobiçado da colônia. Não era bonito nem feio, mas era charmoso, sedutor e o principal para fazer sucesso entre as meninas: era engraçado. Sabia como ninguém fazer rir as representantes do sexo feminino. Tinha os olhos pretos pequenininhos, sabia imitar várias vozes de desenho animado, fazia mágica, era praticamente um *showman*.

Ficar com ele foi bom. Mas não foi isso tudo. Tanto que dois, três beijos depois, Manu dispensou o rapaz e foi dormir.

Ao chegar ao quarto, foi logo contar para Gabi, que achava Joaquim todo bom e o paquerara meses a fio antes de se apaixonar perdidamente por Di.

– Gabi, eu tenho uma coisa urgente para te dizer.

– Ai, Deus, o que é? Não estou gostando dessa cara…

– Talvez você fique chateada…

– O Di ficou com a Suzaninha?

– A Suzaninha está dormindo há séculos! Fui eu que…

– Ah, não, Manu! Não vai me dizer que você…

– Eu fiquei com um garoto que…

– Não, não quero saber! Isso vai ser a maior decepção da minha vida, Manu! Não pode ser! – desesperou-se Gabi, tapando os ouvidos.

– Eu fiquei com o Joaquim – disse Manu, olhos no chão.

Gabi, enfim, respirou.

– Que alívio! E que susto! Graças a Deus foi com o Joaquim! Se tivesse sido com o Di eu matava você! Fazia picadinho de Manu agora mesmo! Mas com o Joaquim… tô nem aí pro Joaquim!

– Você não está chateada?

– Claro que não! Eu não tenho nada com ele, nunca tive! Só acho ele gatinho. Mandou bem!

– Gatinho ele é, mas não manda bem, não. Nosso beijo, como você diz, não encaixou.

– Não?! – Gabi pulou da cama, surpresa.

– Nada, nada. Fraquiiiinho…

As duas riram e estenderam mais um tantinho aquele teretetê noturno. Mas não demoraram a se dar boa-noite.

Gabi continuava sem entender o que se passava pela cabeça de Di. Queria ele afastar-se de vez dela? Queria ele pedir desculpas? Queria ele beijá-la de novo só para agir como um idiota depois? Ó, céus, quantas dúvidas!

Já Manu, bem… rodeada por essa onda de paixão, começava a dar sinais de que estava ficando de saco cheio daquela vidinha beijoqueira. Aquela vida de bitocas sem compromisso que ela gostava, prezava, mas que se tornava a

cada dia mais sem propósito. Com as duas melhores amigas apaixonadas, ela destoava. Mas fazer o quê? Paixão bate sem avisar, não quando a gente quer.

O cansaço era tanto que o sono veio, e apagou de vez todos os pensamentos das meninas. Elas precisavam dormir, a caminhada do dia seguinte seria puxada.

A falta de sorte

Já acostumada a acordar com as galinhas, às cinco e meia da matina, a galera da colônia nem reclamava mais de cansaço pela manhã. Naquela, então, adolescentes e crianças estavam em polvorosa. No refeitório, só se falava da caminhada e do Véu da Noiva Anã, como era chamada a pequena, porém famosa, queda d'água da região.

Cada grupo de dezesseis pessoas (com membros de todas as casas em todos os grupos) sairia, de cinco em cinco minutos, guiado por um coordenador. A caminhada era longa, três horas e meia, mas não pesada. A não ser a primeira parte, uns 20 minutos de subida íngreme, com um número desconfortável de pedras soltas. Depois disso, a trilha era tranquila, com baixo nível de dificuldade.

O café acabou e a galera saiu dali para uma manhã livre, coisa rara na colônia. Cada um foi para um canto jogar vôlei, andar de caiaque, cavalgar, andar de pedalinho… Os adolescentes com dotes artísticos foram para o teatro de arena, onde rolavam os shows, as apresentações de dança e de teatro. É que naquela noite, a última da colônia, antes da festa de despedida, haveria a *Noite de Talentos*, que reuniria os artistas da colônia num grande espetáculo e marcaria a despedida da galera, os participantes precisavam ensaiar.

Depois do almoço, uma hora de descanso para encarar a caminhada decentemente. No horário marcado, estavam todos lá, ao pé do morro, excitados, eufóricos, ansiosos. Ritinha e Leandro, que àquela altura formavam o recém-casal mais tímido e mais fofo do mundo, mais uma vez não caíram no mesmo grupo. Despediram-se com beijinhos estaladinhos antes de partirem mata adentro.

Gabi, Manu e Ritinha caíram no grupo de Suzaninha, o que já estava virando hábito. Gabi até se acostumara a ter a rival por perto, no mesmo time, no mesmo grupo, mas isso não a impedia de ficar encafifada: parece marcação, pô!

A simpatia, a loirice e o carisma de Manu fizeram com que duas gêmeas da Casa dos Novilhos se encantassem por ela. Maria Antônia e Maria Victória eram do quarto ano do Zé, tinham 9 anos, conheciam Manu de vista e achavam-na uma deusa, a mais bela das belas, a mais líder, a mais ativa, a

mais loura, a mais rodeada de amigos. E, por isso, as duas estavam arrebatadas com a ideia de fazerem uma atividade na Vida d'Ouro a seu lado. Para elas, Manu era uma princesa, uma fadinha de programa infantil. Grudaram em sua cintura, deram-lhe abraços, beijinhos e desenhos, chamaram-na de linda o tempo todo… Manu adorou o paparico infantil, claro.

O grupo de Manu, Ritinha, Gabi e cia. foi o último a se aventurar pela trilha. Uma integrante ficou com uma vontade incontrolável de fazer xixi e todos tiveram de esperá-la. Xixi feito, tudo nos trinques, dez minutinhos depois da maioria, lá foram eles morro acima.

A mata era lindamente verde e virgem, coisa raríssima hoje em dia, e tinha um cheiro sensacional, um cheiro inesquecível, um cheiro delicioso. Cheiro de terra misturado com cheiro de folha, com cheiro de flor, com cheiro de vento. Cheiro de mato.

Carregada de cantil com água, biscoitos doces e salgados, barras de cereais, repelente, filtro solar, boné e câmeras fotográficas, a galera partiu rumo ao desconhecido. Meteram-se literalmente no meio do mato, para conhecer o que a natureza tinha de bom.

Fuçar a mata, sim, levar algo dela, nem pensar.

– Flores, bichos, folhas, pedras… tudo o que vocês encontrarem no caminho pertence à natureza. Não arranquem, não tirem nada do lugar, não levem nada para casa. Vocês não iam gostar de uma visita que levasse coisas de suas casas para guardar de recordação, não é? Vamos fazer a nossa parte para preservar o meio ambiente – discursou um dos coordenadores mais velhos da colônia, seguido de aplausos.

No começo da trilha, os coordenadores (ou "coordenas", como eram chamados pela galera) não deram uma palavra. Esperariam chegar até o topo, para não perder o fôlego durante a subida. Ao longo da caminhada, porém, a proposta era parar em lugares estratégicos para ensinar sobre a fauna e a flora locais.

Ao chegarem à parte plana, deram de cara com uma paisagem lotada de árvores coloridas e floridas, rodeadas por pássaros cantantes. Parecia cena de *O senhor dos anéis*. Os cliques vieram de todos os lados, inevitáveis. Todos estavam embasbacados com tamanha beleza, tinham de registrar aquele momento. Aproveitaram a parada para beber água, esticar as pernas e apreciar a beleza em volta.

De volta à trilha, a cada passo mais forte ficava o canto dos pássaros e o

cheiro de verde. Andando, fotografando e aprendendo sobre flores, plantas e bichos gosmentos, num piscar de olhos, três horas já tinham passado. Ainda não dava para escutar o barulho do Véu da Noiva Anã, mas eles estavam perto da queda d'água, o coordenador avisou.

Um trio de borboletas cruzou o ar dançando. Uma delas, preta com tons de rosa, chegou a aproximar-se de Manu, Gabi e Ritinha, parecia rodopiar e se exibir para elas. Manu logo apelidou o bichinho de Tchebs.

Tchebs – borboleta bonita demais para ser verdade – dava piruetas no céu e deixava encantadas Manu e companhia. Depois de acompanhá-las por uns bons cinco minutos, a borboleta, a quem Manu jurara amor eterno, virou-se repentinamente para a direita e, em disparada, tomou outro rumo, seguida de perto pelas outras duas borboletas. Manu ficou arrasada e não hesitou em correr atrás dela, chorosa.

– Aonde você vai, Tchebs?! Não acredito que você vai me deixar! E eu nem tirei foto sua! Vem cá, Tchebs!

– Manu, doida! – gritou Gabi. – Volta aqui! – disse, correndo atrás da amiga.

– Eu te amo, Tchebs! – gritava Manu, histérica.

Ritinha viu as duas correndo e foi atrás. Suzaninha também ficou curiosa e foi atrás de Ritinha. Quando alcançaram Manu, que correra uns 200 metros, ela estava paralisada, ao lado das gêmeas, olhando fixamente para o cenário em volta, absurdo de bonito.

Uma enxurrada de borboletas coloridas parecia ter vindo lhes dar as boas-vindas. Iluminadas pelos raios de sol peneirados pelas copas das árvores, suas cores pareciam ainda mais vivas, mais fortes, mais vibrantes.

Eram mais de 100, de vários tamanhos e cores, todas saltitas, borboleteando rápida e silenciosamente entre o verde da floresta. Que cena linda, cena que ia ficar para a vida toda! Cena de arregalar os olhos e enchê-los d'água. Mesmo apatetadas com tanta beleza, as meninas conseguiram tirar das mochilas as câmeras fotográficas e registraram para sempre aquele momento mágico.

Manu puxou aplausos. As meninas bateram palmas, entusiasmadas, quase em êxtase com aquele momento natureza, com aquele momento vida animal.

– Será que tem algum casal de borboletas nessa multidão? – especulou Suzaninha.

– Para tudo, que lindo se tiver! – exclamou Manu.

– Será que borboletas são fiéis? Será que elas têm sentimento, namoram, se casam?

– Claro que não, né, Suzaninha? – riu Manu.

A galera riu junto.

Ritinha, apreensiva, cortou o barato:

– Gente, vamos voltar, não estou ouvindo mais ninguém, eles já devem ter ido. – E virou-se rapidamente para encaminhar-se ao lugar de onde vieram.

As meninas se entreolharam e seguiram-na correndo. Ao chegarem lá… vazio. Vazião. Nem sombra de ninguém.

– Eles foram por ali, vamos – disse Manu, com pinta de líder do grupo.

– Como é que você sabe?

– Dá para ver pelo chão, está cheio de pegadas – respondeu, resoluta, já andando para onde apontara.

O caminho de terra ficava a cada passo mais escuro, as árvores quase não deixavam a luz do sol chegar até elas. Depois de percorrerem um trajeto estreito cheio de mato alto e insetos enjoadinhos e barulhentos, deram numa clareira, com saída para várias trilhas.

– Ah, não! E agora?! – perguntou Suzaninha, assim que percebeu a quantidade de caminhos que o grupo podia ter seguido dali.

– Para onde é que a gente vai agora, Manu? Qual desses caminhos a gente escolhe? Acho bom você tirar a gente dessa – irritou-se Ritinha.

Manu aparentava nervosismo.

– Calma, gente. Vamos por ali – apontou, sem nenhuma convicção, para um caminho que se formava entre algumas árvores.

– Por ali por quê? Isso é chute? – perguntou Gabi.

– É, claro que é! – gritou Manu. – Eu não tenho ideia do caminho que eles seguiram! A verdade é que o nosso grupo pode nem ter passado por aqui, eles podem estar no extremo oposto! – exasperou-se.

– É verdade… – concordou Suzaninha, desolada.

Momento de silêncio atônito, silêncio impotente, silêncio assustador.

– Qualquer passo que a gente der vai ser mal dado – pensou Manu.

Xi… aquela história não ia nada bem… As meninas começaram a ficar com medo, angustiadas por estarem no meio do nada sem nenhum adulto por

perto, sem ninguém que conhecesse a mata a fundo.

– Então a gente espera aqui. Eles podem passar por aqui – sugeriu Gabi. – Não é?

– Não sei! E se eles não passarem? A gente vai ficar nesse bosque para sempre? – amedrontou-se Ritinha.

– Calma, nada de pânico, olha as meninas! – lembrou Suzaninha, referindo-se à Maria Antônia e à Maria Victória.

– Eu estou ficando com medo – confidenciou Maria Victória no ouvido de Manu.

– Não, bonitinha. Não fica com medo, por favor – pediu.

– Eu tenho medo de bicho – confessou Maria Antônia.

– Eu também. Morro de medo – admitiu Manu.

– A gente vai ficar aqui… para sempre? – perguntou Maria Antônia baixinho, olhos arregalados e aterrorizados.

– Não, claro que não! – tentou acalmá-las Suzaninha.

– A gente está perdida? – insistiu Maria Antônia.

– Não, gente! Claro que não! – mentiu Manu.

– Vem cá, vocês vão ficar mentindo para elas até quando? – enfezou-se Ritinha.

– Rita! – resmungou Gabi.

– É isso mesmo! Nós não estamos perdidas, meninas. Nós estamos perdidas, ferradas, arrasadas, sem nenhuma perspectiva de sair bem dessa história. Essa que é a verdade – mugiu Ritinha.

Maria Antônia preparava-se para abrir o berreiro quando ouviu de Maria Victória:

– O que é perspectiva?

Maria Antônia cumpriu o anunciado com a fisionomia e começou a chorar. Chorou o choro mais sofrido e mais estridente que aquela floresta já presenciara. Ritinha, mais esperançosa que irônica, soltou:

– Isso, chora mais, chora mais alto. Quem sabe alguém não escuta e vem tirar a gente daqui.

Maria Victória, vendo e ouvindo o desespero de Ritinha e o choro dramático da irmã, abriu a torneira e também desandou a chorar. A situação não estava nada boa.

Meia hora se passou e nada de o resto do grupo aparecer. O que fazer numa hora dessas?, perguntavam-se, sentindo-se de pés e mãos atadas. Elas achavam que jovens só se perdiam no meio do bosque em livros e filmes. Não na vida real. Que coisa mais sem graça!

Quarenta e cinco minutos. Ritinha não resistiu e começou a transformar em lágrimas copiosas o medo, o sofrimento, a angústia e a sensação de impotência que tomaram conta de seu corpo. Manu, preocupada em não assustar ainda mais suas novas amigas pequerruchas, engoliu o choro, apesar de triste até o fundo da alma. Sentia-se corroída pela culpa de ter botado as amigas naquela enrascada. Enquanto isso, Suzaninha tentava calcular, em silêncio e com a mão no queixo, uma maneira de tirá-las dali.

– Vamos andar, gente, eu não consigo ficar parada – sugeriu Gabi.

– Ai, vamos, está me angustiando ficar aqui! – concordou Manu, animada com a ideia de se movimentar.

– Eu acho melhor ficar – opinou Ritinha.

– Então a gente vai e vocês ficam – decretou Manu.

– Isso, não! Se duas forem, vai todo mundo. Depois a gente se perde umas das outras e isso, sim, vai ser péssimo.

Suzaninha estava certa, para raiva de Gabi. Aquela situação Indiana Jones pegara todas de surpresa, mas seria melhor enfrentá-la em grupo, ela sabia disso.

Esperaram mais um pouco sentadas no meio do nada. Depois de uns dez minutos em silêncio sepulcral e desconforto que beirava o insuportável, resolveram, enfim, andar. Ficar ali só aumentava a ansiedade coletiva, concluíram.

Caminharam a esmo, sem rumo, sem noção se estavam indo para leste ou oeste, para norte ou sul. Andavam sem saber por que andavam.

– Eu estou com sede – disse Gabi.

– Eu também – revelou Maria Antônia, dando uma trégua ao choro. – Mas meu cantil está vazio.

Glup!

Naquele momento, elas se tocaram de que estavam sem água. Só no cantil de Ritinha restavam alguns goles, que mal dariam para ela sozinha, quiçá para um bando de garotas sedentas.

– Sabiam que uma pessoa pode até sobreviver sem comida por um tempo,

mas sem água morre em poucos dias? – disse Ritinha, zero tato, para apreensão geral.

A andança deu-lhes ainda mais sede, o que aumentou a tensão que carregavam nos ombros. Mas nada foi tão ruim quanto olhar para o céu e constatar: ele estava a cada minuto mais cinza-chumbo. Quanto mais a noite se aproximava, quanto mais a mata escurecia, mais frio e medo elas sentiam.

Suzaninha teve o cuidado de proteger as pequenas com as toalhas que elas levaram para enxugar-se após o banho de cachoeira. Enrolou cada criança em uma toalha e passou a andar abraçadinha com elas, para dar um pouco de calor humano às irmãs.

– Ainda tô com sede! – choramingou Maria Antônia.

– Bebe cuspe! – emburrou-se Ritinha.

– Eca! – fez Victória.

– Eca, nada! Você tem alguma solução melhor?

As gêmeas caíram no berreiro.

– Oba! Mais choro! Aproveitem para beber as lágrimas, é meio salgadinha, mas é água – disse Ritinha, que estava insuportável, mas sonhando em dar vários goles d'água.

O escurinho virou breu absoluto quando a noite caiu de vez no meio da floresta. Elas agora estavam cercadas de mato, mato fechado, mato desconhecido, mato amedrontador. Cercadas de escuro. Resolveram andar abraçadas, uma colada na outra.

A cada passo o pânico e a apreensão aumentavam. Suzaninha salvou a paróquia quebrando um pouco da escuridão com a lanterninha que levara na mochila. As seis continuaram andando, esperando encontrar uma placa em que se lesse "SAÍDA PELA DIREITA" ou algo que o valha.

Espantando bichos voadores não identificados com um pedaço de galho que pegou no chão e afastando mato alto e folhagens, Suzaninha desbravou um caminho que deu numa pedra. Pedra estranha, que parecia ter crescido mais do que devia. Sua parte superior era enorme e se projetava para frente, criando um cantinho protegido, uma espécie de teto.

– É aqui que a gente vai ficar – decidiu Suzaninha.

– Ficar? Como assim "ficar"? Por quê?! A gente não estava andando para ver se encontrava a galera da colônia? – perguntou Gabi.

– Melhor encarar, gente: vamos ter de dormir aqui.

– Nem morta! – deu piti Gabi. – Vamos continuar andando, tenho certeza de que a gente vai achar a saída.

– Não vai, não, Gabi. A gente até podia achar a saída, ou mesmo a galera, em outra hora, mas nesse breu, impossível. O melhor a fazer é descansar, acordar cedo e continuar amanhã. Se o pessoal da colônia mandou os bombeiros procurarem a gente, a essa hora não devem mais estar procurando, porque está escuro.

– Mas a gente vai dormir aqui, embaixo dessa pedra? – perguntou Maria Antônia.

– Com todos esses barulhos de bichos que a gente não conhece? – acrescentou Maria Victória.

– Foi o melhor que conseguimos. Podia ser uma gruta, mas é uma pedra que nos dá um teto; e um teto, na nossa situação, é a oitava maravilha do mundo.

– Quais são as outras sete? – quis saber Maria Victória.

– Droga! Não acredito que a gente vai perder o show da dupla Digone & Betão – reclamou Maria Antônia, esquecendo a gravidade do problema por um instante. – É o show-surpresa deste ano.

– Nossa, obrigada por me lembrar que toda tragédia tem seu lado bom. Ainda bem que a gente está aqui, nada mais irritante do que aqueles sertanejos! – atacou Ritinha. E Maria Antônia, coitadinha, abriu o berreiro novamente depois da grosseria.

– Qual é a sua, hein, Rita de Cássia? Você não percebe que criando esse clima só piora as coisas? – repreendeu Gabi.

– É, Ritinha! Num aperto desses a pior coisa é estar ao lado de uma pessoa com essa energia. Está todo mundo irritado, com sede e com medo. Medo, não. Estamos apavoradas! Então, por favor, não piora as coisas, vai! – pediu Suzaninha.

– Tudo culpa da Manu! – acusou Ritinha, abalada com a bronca, mas ainda irritadíssima. – Fez todo mundo correr atrás daquela borboleta idiota e olha aonde a gente veio parar!

– Ritinha! – repreendeu Suzaninha.

– Ah, não! Eu tenho que falar, senão estouro! Por causa dela que eu estou perdida e por causa dela que eu vou morrer esquecida e abandonada no meio do mato, justamente um dia depois que deixei de ser BV. Um dia depois! Que

mundo cruel!

Morrer esquecida e abandonada depois de descobrir o gosto que tinha um beijo bom. Ritinha, a diva pessimista, disse o que faltava para as pequerruchas testarem a capacidade máxima de seus gogós. Elas berravam tanto, mas tanto, que pareciam querer botar os pulmões e todos os outros órgãos para fora. Vermelhas, veias saltadas, as menores choravam de pânico. As mais velhas, por sua vez, precisavam ficar calmas, pelo menos precisavam passar calma para as gêmeas.

Com os ânimos exaltados, exaustas, sedentas, famintas e angustiadas, as seis meninas se acomodaram com as mochilas, sentaram uma pertinho da outra e puseram-se em silêncio a olhar para o nada, para o preto total, a encarar o frio, os mosquitos e a sentir a companhia nada agradável de morcegos. Definitivamente, o pânico era infinitamente maior à noite. Pudera, os barulhos da floresta, que não eram poucos, eram mais audíveis àquela hora. Suas espinhas gelavam cada vez que elas sentiam bichos esquisitos passarem correndo ou, pior, se arrastando, perto delas.

Roxas de fome, ponderaram a vontade de comer e optaram por resistir. Biscoitos e barras de cereais elas tinham, mas Suzaninha as convencera de que melhor era não comer sem água, senão a sede poderia aumentar. Mais uma vez, certíssima a Suzaninha.

Manu era a tristeza em forma de gente, chorando baixinho, sem dar uma palavra. Sabia que era a responsável por ter metido as amigas naquela enrascada tamanho-família. Sabia que se não fosse sua displicência ao sair correndo atrás de Tchebs não estaria ali, sem teto (ou melhor, com uma pedra-teto), sem pai, sem mãe, com medo de ser atacada por um bicho enorme a qualquer minuto. E ainda por cima sentia-se responsável por duas crianças menores! Logo ela, que não sabia cuidar de si mesma sozinha, tinha de cuidar de duas!

– Eu queria tanto fazer alguma coisa para tirar a gente daqui… ou para melhorar a nossa situação… Mas eu sou uma lesa, mimada… não sei fazer nada…

– Manu, não fica assim. Ninguém sabe fazer nada numa situação como essa. Acidentes acontecem, não se culpe dessa maneira, por favor – pediu Suzaninha.

– A gente foi atrás de você porque a gente quis – admitiu Ritinha, dando uma trégua ao mau humor.

– E foi só por sua causa que a gente presenciou e fotografou um momento de rara e extrema beleza – acrescentou Gabi, empinando-se para falar bonito, feliz por arrancar um risinho de Manu.

– Desculpa, gente. Desculpa, mesmo – disse Manu, as lágrimas escorrendo em disparada pelo rosto. – Tudo por causa daquela borboleta idiota, como bem disse a Ritinha.

– Retiro o que eu disse agora! Desculpa, vai, Manu! A Tchebs não era nada idiota, era linda. Eu só falei aquilo porque estava nervosa, e você sabe como eu fico quando estou nervosa.

– Vira uma vaca – atacou Gabi.

– Vaca vacona – reconheceu Ritinha, com um sorriso.

De repente, uma surpresa chegou do céu. E não, não era a Babete de novo.

– Ah, não, chuva, não! – chiou Manu.

– Chuva sim! – disse Gabi, levantando-se num pulo, saindo de baixo da pedra olhando para o céu, com a boca escancarada, tentando matar sua sede com as gotas da chuva. Ritinha seguiu a amiga e fez exatamente a mesma coisa.

Suzaninha riu.

– Meninas, essa chuva chegou em boa hora, mas é melhor vocês voltarem para cá, para não pegarem um resfriado. Eu cuido disso. Peguem seus cantis.

Enquanto Suzaninha revirava sua mochila, Manu soltou, triste de dar dó:

– Cadê a galera da colônia? Será que eles nem notaram a nossa ausência?

– Claro que notaram! – Suzaninha tranquilizou a loirinha.

– Então por que eles não vieram buscar a gente?

Glup! Aquela aventura não parecia caminhar para um final feliz.

– Eu quero minha mãe! – choramingou Gabi.

A chuva caiu forte, barulhenta, pesada. Enquanto as meninas se lamentavam, Suzaninha, mesmo ensopada, pegou a lanterna e a toalha que estava na sua mochila, amarrou cada ponta em galhos de uma árvore baixa ali perto e fez com a peça uma espécie de bacia suspensa.

– Vou encher os nossos cantis. Pelo menos de sede a gente não morre. Já, já a água vai escorrer da toalha e a gente vai ter água por bastante tempo.

As meninas estavam boquiabertas com a destreza, a praticidade e a tranquilidade de Suzaninha diante daquele problema. Problemão, vamos combinar! Enquanto nenhuma delas gostava de pensar na ideia de passar muito

tempo ali, Suzaninha pensava em todas as hipóteses, principalmente na de não serem encontradas tão cedo.

– Caraca! Onde é que você aprendeu a fazer isso, Suzaninha? – perguntou Manu.

– Meu pai e eu viajamos direto para acampar e ele me ensina essas coisas – explicou, de olho na toalha. – Olha lá, já está escorrendo. Me dá aí os cantis, gente! – E correu para baixo da árvore.

Vinte minutos depois já havia água nos cantis de todas as meninas, o que era um alívio. Todas, enfim, mataram a fome e beberam com grande prazer, esquecendo até o pânico por alguns minutos. Tinham biscoitos, barras de cereais e mel em saquinho, até que estavam bem fornidas de comida. Alimentaram-se e, cansadas, recostaram-se para pensar na vida e fazer a digestão.

O tempo passou, a chuva parou e o medo continuava instalado naquele grupo de meninas muito valentes por fora, mas que nunca, jamais, acharam que seria possível se perder numa caminhada de colônia de férias. E bem no final, faltava só meia hora para acabar! As pequenas reativaram as lágrimas, o que desesperou ainda mais as mais velhas.

– Crianças, por favor, parem de chorar, chorar não adianta nada, ninguém vai ouvir! – pediu Manu.

Elas abriram ainda mais o berreiro.

– Ninguém vai achar a gente! Nunca! Buáááá! – berrava Maria Antônia.

– Não diz isso! Não diz isso nem brincando! Vamos tentar ser otimistas – tentava consolar Manu, sem muita convicção ou mesmo otimismo.

Gabi e Ritinha também começaram a chorar, em silêncio, ao ver o desespero das mais novas.

– Ah, não, meninas. Vocês também não! Não chorem, por favor! A gente vai escapar dessa. Nós já dormimos na porta de um hotel, no asfalto, numa selva de prédios e deu tudo certo.

– Pelo menos no hotel havia pessoas em volta e prédios lotados de pessoas. Agora, não… só tem a gente, mato e bichos… – desabafou Gabi, desolada.

Nessa hora, Manu ouviu um barulho esquisito. Pegou a lanterna de Suzaninha e correu para ver o que era, contrariando as meninas, que imploraram para ela não ir; afinal, estava escuro e ela podia se perder delas.

Jurou que não iria longe e partiu esbaforida, deixando todas preocupadas.

Encontrou o responsável pelo ruído: um lagarto gigante, esquisito e com cara de mau, que nunca vira na vida, nem em fotografia. Deu um berro altíssimo que estremeceu as meninas e também o bicho, que zarpou dali numa rapidez incrível. Manu voltou à sua casa de pedra desolada, tinha esperança de que o bicho fosse uma pessoa, uma pessoa que as tiraria dali.

– Que foi? – perguntou Suzaninha, preocupada.

– Vi um lagarto – disse Manu, esbaforida e ainda apavorada.

– Um lagarto? Só um lagarto? Achei que era uma cobra gigante e venenosa que estava te devorando. Que susto! – enfezou-se Ritinha.

– Manu, você tem que pensar "que bom que era um lagarto"! – estrilou Gabi.

– Eu sei, eu sei… – entristeceu-se a loirinha. – É que eu achei que fosse um bombeiro ou alguém da colônia. Mas a Suzaninha está certa… Está tarde, escurão… não deve ter mais ninguém procurando a gente a essa hora…

As meninas ficaram com pena de Manu e acolheram a amiga num abraço coletivo. O silêncio imperou por um tempo, frio, desconfortável. As crianças enfim pegaram no sono, e as quatro estavam absolutamente mudas havia uns vinte minutos. Ritinha resolveu quebrar o marasmo.

– O que foi que houve entre você e o Diogo, Suzaninha? Por que vocês brigaram?

Uau! Aquilo é que era quebrar o marasmo!

Gabi e Manu arregalaram os olhos e miraram em Ritinha, chocadas.

– Ah, gente! A Suzaninha é amiga, é do bem. O que é que tem perguntar?

Novo silêncio. Desta vez quebrado por Suzaninha.

– Não tem nada demais perguntar, Ritinha. Durante muito tempo eu relutei em falar dessa história para as pessoas, não contei para ninguém o motivo do nosso término. Mas hoje, não sei se pela situação da gente aqui, ou pela confiança que vocês me passam, acho que vai ser bom eu desabafar com vocês.

Caraca! Suzaninha era muito mais legal do que Gabi pensara. Além de matar a sede de todas elas, iria acabar ali, naquele minuto, com o maior mistério do colégio. O maior ponto de interrogação da cabeça de Gabi.

Está morrendo de curiosidade? Então, nada de embromação. Com a

palavra, ela, a Suzaninha:

– A minha avó estava na UTI, com um problemão nos rins, e eu estava arrasada, assim como toda a minha família, vocês imaginam. Aí, no quinto dia de internação, o estado dela piorou e o médico foi lá em casa nos preparar para o pior. Pouco depois que ele foi embora, o Diogo apareceu com cara de festa. Nem perguntou da minha avó, nem me abraçou! E abraço era o que eu mais queria dele naquela hora.

– Claro! – exclamou Gabi, com pena da Suzaninha.

– Ele tinha ido me pegar para a gente ir ao cinema, mas eu falei que não podia, que não tinha o menor clima, contei da piora da minha avó.

– E ele? – sucumbiu Manu à curiosidade.

– Ele foi ridículo! – disse ela, causando uma onda de calor no corpo de Gabi. Uma onda ruim, uma onda de decepção. – Ficou pau da vida, resmungou, chutando a mesinha de centro da minha sala: "Não posso acreditar que você vai furar comigo, Suzaninha! Que vacilo! A gente tinha combinado!"

– O quê? – espantou-se Ritinha.

– Que garoto de última! – Manu fez cara de nojo.

– Também acho. Ele gritava na minha casa como se o cinema fosse muito mais importante do que a saúde da minha avó! E, para piorar, não respeitou a dor dos meus pais, não respeitou a minha dor.

– Que horrível! – exclamou Gabi.

– Horrível! Ele fez o oposto do que eu esperava de um namorado. Desde então eu fiquei com irc dele. Fiquei com tanto nojo da criatura que pedi que ele se retirasse da minha casa e da minha vida naquele instante.

– Certíssima! Certíssima – apoiou Gabi, ainda surpresa com a revelação.

– Quer dizer então que não tem chance de reconciliação? – quis saber Ritinha.

– De jeito nenhum! Não tem a menor possibilidade de eu voltar para o Diogo. Quero ter do meu lado uma pessoa com quem eu possa contar! Só estava conversando com ele outro dia porque não sou mal-educada!

– Viu, Gabi!? – disse Manu.

Minuto de silêncio. Enquanto Gabi mastigava a pergunta, Suzaninha matou a charada.

– Você está gostando dele, né?

– Estou… estava… não sei mais – revelou Gabi, para espanto das duas amigas.

– Eu fui muito apaixonada pelo Diogo. Muito. E é engraçado pensar que hoje eu não gosto nem de ficar perto dele. Fiquei com irc total. Como as coisas mudam, né?

– Caraca… eu estou boba até agora. Quer dizer então que não rolou traição? – deixou escapar Ritinha.

– Não! Quer dizer… não que eu saiba! – riu Suzaninha. – Eu só não saí contando essa história para todo mundo porque… ah… esse barraco não rolou só entre mim e o Diogo, né? Envolveu um problema sério de saúde, envolveu toda a minha família… e minha família é a coisa mais importante do mundo para mim.

As meninas deram as mãos para Suzaninha, solidárias, e Gabi ficou com vergonha de si mesma. Vergonha por gostar de um menino tão imaturo e insensível, vergonha por ter pensado coisas horrorosas da Suzaninha, por ter sentido coisas esquisitas a respeito dela sem mesmo conhecê-la direito.

– Suzaninha, a parte boa dessa nossa aventura foi ter te conhecido melhor. Eu… eu não ia muito com a sua cara, sabe?

– Sei. Eu também não ia muito com a sua – confessou Suzaninha.

– Mas agora tudo mudou. Sem você aqui, caramba, eu não sei o que seria da gente. Muuuuuito obrigada, viu? Obrigada mesmo – agradeceu Gabi, do fundo do coração, antes de puxar Suzaninha para um abraço.

Depois desse gesto fofo, fofo, fofo, Gabi ganhou de sua ex-arquirrival um sorriso que dispensou qualquer palavra.

– Eu quero saber da sua avó. Ela… melhorou? – perguntou, Manu cheia de dedos.

– Nossa, ela hoje está ótima! Bem melhor do que antes! Sem contar que está uma gatona!

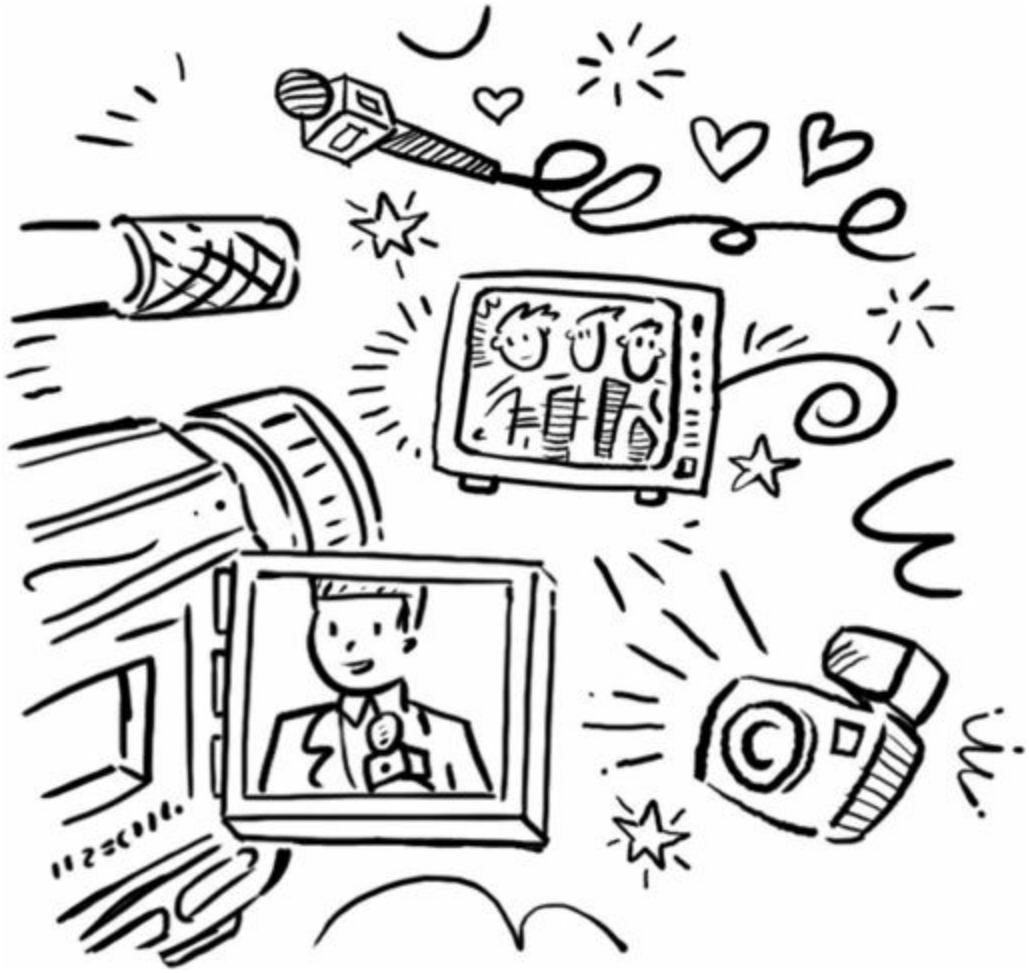
– Oba! – comemorou Ritinha.

– Oba mesmo! Dois dias depois desse estresse com o Diogo, quando minha mãe foi visitá-la no hospital soube que os medicamentos tinham sido trocados e começavam a fazer efeito. Ela ficou na UTI mais uns quatro dias e em duas semanas estava em casa de volta. Hoje ela está toda serelepe, fazendo aula de dança de salão e tudo. Graças a Deus. Eu amo a minha avozinha. Amo muito.

Os olhos de Manu, Gabi e Ritinha encheram-se de lágrimas. Suzaninha também ficou com os olhos marejados. Um misto de emoção com saudade de casa, com medo, com insegurança… As quatro abriram os braços ao mesmo tempo e se aproximaram para chorar abraçadas, em círculo, sob a escassa luz da lua. Uma protegendo a outra. Da noite, do escuro, da angústia, do pânico de nunca saírem dali. Uma limpando a água que escorria dos olhos da outra, uma dando o ombro para a outra.

O dia fora cansativo e, apesar da tensão à flor da pele, as quatro acabaram juntando-se às duas pequerruchas e caíram no sono. Tortas, desconfortáveis, com frio, cobertas de repelente para não serem devoradas pelos mosquitos, mas com a gostosa sensação de que não estavam sozinhas.

O desfecho



No dia seguinte, antes mesmo que o primeiro raio de sol surgisse no céu, Manu acordou com um barulho. Olhou para os lados, as meninas continuavam dormindo profundamente. De ouvidos atentos, ficou à espreita, para tentar escutar mais alguma coisa. De novo o barulho, agora mais nítido. Era barulho de passos, barulho de gente andando. Definitivamente aquele ruído não vinha de nenhum animal feioso.

Os bombeiros, claro!, imaginou Manu. Eram eles à procura delas, estavam ali para levá-las para casa, enfim. Numa alegria infinita, ela levantou-se silenciosamente para não acordar as outras e foi à procura dos seus salvadores.

– Oiê! Alou! Iu-hu! Estamos aqui! – gritou, enquanto procurava ouvir o barulho novamente entre as árvores. – Seu bombeiro! Onde é que o senhor está? – gritou mais alto.

Nenhuma resposta. Manu resolveu enfiar-se mais um pouco matagal adentro à procura do dono dos passos. Decidiu pegar uma rampinha de terra, mas perdeu o equilíbrio, escorregou e caiu de bunda na base da rampa. Ainda com o cóccix dolorido e limpando a terra molhada do traseiro, Manu ouviu outro barulho. Uma palma.

– Arrá! Matei você, mosquito sem-vergonha!

A frase, dita por uma voz masculina, vinha ali de perto, ela tinha certeza. A felicidade tomou conta de todos os poros de Manu.

– Oiêêê! – Manu gritou para o nada.

Não demorou muito para ouvir de volta:

– Oiêêê!

– Tudo bem aí?

– Tudo bem aí?

– Cadê você?

– Cadê você?

– Eu estou aqui!

– Eu estou aqui!

– Aqui onde?

– Aqui onde?

– Você está zoando da minha cara? Eu estou perdida!

– Você está zoando da minha cara? Eu estou achado!

– Sem graça!

– Mamãe não acha!

– Quem é que está aí, hein? Mostra a sua cara! Eu estou perdida no meio da floresta com fome, com sede, com saudade de casa, com duas crianças e três amigas.

Resmungando, Manu tropeçou num menino de seus 15 anos, que usava um chapéu de palha e estava sentado olhando o horizonte.

– Não acredito! Uma pessoa!

– Eu sou isso, uma pessoa. Uma pessoa que se chama João. Prazer.

– Prazer, Manu.

– Oi, Manu. Você que estava fazendo eco? – perguntou, cínico. Manu espremeu os olhos e fez sua cara de irritadinha preferida.

– Olha, eu estou tão feliz em te ver que nem vou responder à brincadeirinha.

– Feliz em me ver? Ih, olha a garota! Mal me conhece e já começa a dar em cima de mim.

Manu se enfureceu de verdade.

– Eu não estou dando em cima de você, seu metido! É que eu e outras meninas passamos a noite inteira na floresta, embaixo de uma pedra, perdidas do resto do grupo… Você mora aqui?

– Moro. No meio da floresta. Só eu e os bichos. Uma macaca me adotou quando eu era um bebê e desde então a gente vive como uma família. Sou praticamente um menino-macaco.

– Dâ-â! – enfezou-se Manu. Aquilo lá era hora para piadinha?

Sem se abalar, João continuou:

– Na verdade, vou te contar um segredo… eu sou o filho do Tarzan. Sabe o Tarzan?

– Ô, garoto, você está entendendo a gravidade da situação ou quer que eu repita? Eu estou perdida! Per-di-da!

– Vem cá, como é que você se diz perdida se está a menos de 40 metros da Canto Amado? É só descer esse morrinho que você chega lá.

– Canto Amado? Que é que é isso?

– A fazenda do meu pai.

Como é que é?

– Fazenda? Não acredito que a gente está tão perto de uma fazenda!

– Pois é. Se tivessem batido lá teriam dormido no quentinho, no conforto…

– Puxa vida, que azar! Também não dava para ver nada, estava o maior breu!

– Como é que você veio parar aqui?

– O pessoal da Vida d'Ouro resolveu fazer uma caminhada e…

– Caramba! A Vida d'Ouro é do outro lado da montanha! Vocês se perderam mesmo! Onde estão as suas amigas?

– Estão lá em cima, dormindo. Vou acordá-las e já volto. Você… você pode me esperar?

– Posso, claro… – disse, sedutor. – Pedindo assim, com tanto jeitinho, fico aqui quanto tempo você quiser, *loiruda.*

Loiruda? Fala sério, garoto!

– Ai… sem gracinhas, por favor, João! Estou sem paciência.

– Xi… faz o tipo difícil! Difícil e impaciente, minhas preferidas.

– Sinto decepcioná-lo, mas você não faz o meu tipo – disse Manu, empinada, e virou-se para fazer o caminho de volta à pedra que serviu de abrigo para seu grupo. – E eu não sou impaciente.

– Impaciente, difícil e nervosinha. Assim eu me apaixono!

Embora quisesse rebater com um enfezado "seu idiota!", Manu preferiu ficar quieta. Não podia contrariar o sem graça que iria tirá-las dali. Engoliu a raiva.

– Já volto.

– Volta mesmo, loiruda. Daqui a pouco o sol vai nascer e você vai ver o espetáculo mais lindo da Terra.

Ela não resistiu, parou, virou-se para ele e disse:

– Você acordou cedo pra caramba, por livre espontânea vontade, só para

ver o nascer do sol aqui de cima? Para quê?! – Manu perguntou, indignada. – Você pode ver lá de baixo que é a mesma coisa, sabia? – atacou.

– Você que pensa. Daqui de cima o céu parece mais perto da gente, as cores da manhã ficam mais românticas…

– Olha aí! Você é que está dando em cima de mim com essa conversinha! – enfureceu-se, antes de virar-se de vez para resgatar as amigas.

Apesar da implicância inicial, Manu se identificou com João. Ele tinha a fala mansa e uma calma no olhar que tirou todo o peso e todo o medo de suas costas. Ela agora se sentia uma índia, convivendo com a selva naturalmente, subindo morrinhos, espantando abelhas e afins, não se assustando com rasantes de passarinhos, matos altos ou barulhos não identificáveis.

Quando chegou à sua pedra-casa, acordou as meninas cantando, em som estridente:

– Podem dormir/ podem descansar/ eu não quero, mesmo,/ o seu sono atrapalhar!

As pequenas deram um salto, Gabi e Suzaninha, uma apoiada na outra, abriram um olho de cada vez, sem mexer uma palha, e Ritinha acordou num susto, com cara de pitboy enraivecido, como se fosse pegar Manu de jeito num ringue de *Ultimate Fighting* nos próximos segundos.

– Que escândalo desnecessário é esse? A gente está perdida, não precisa acordar cedo – resmungou.

– A gente não está mais perdida! – comemorou Manu.

– Quê? – disse Gabi, com um sorriso lindo de felicidade no rosto.

– Isso mesmo. Acordei mais cedo com um barulho, achei que eram os bombeiros atrás da gente, fui ver o que era e encontrei o João, filho do dono de uma fazenda bem aqui embaixo.

– Não! Tem uma fazenda aqui embaixo? – quis confirmar Suzaninha.

– A menos de 40 metros, acredita? Nós não estamos perdidas, nós viramos invasoras de terras alheias. É mole? – riu Manu.

– É mico! A gente ficou rodando, rodando e rodando para nada? Dormimos no chão duro e no frio sem necessidade? Caraca, vocês mandam mal no meio do mato, hein? – chiou Maria Victória, fazendo rir a chorosa Maria Antônia.

– Engraçadinha! Catem logo suas tralhas, vamos embora daqui! – comandou a loirinha.

Em menos de um minuto todas estavam de pé, mochilas arrumadas nas costas e muita disposição para sair logo dali. Guiadas por Manu, que estava genuinamente orgulhosa por ter tirado as amigas da roubada em que ela mesma as metera, chegaram até João, que continuava sentado vendo a vida passar calmamente lá de cima. Sem nem olhar para elas, apenas notando sua presença graças ao tititi feminino, ele falou:

– Repara só as cores do céu, Manu. Olha como tudo fica lindo daqui, olha como vale a pena acordar cedo para ver a natureza, que é a coisa mais bonita e mais sábia dessa vida.

– Arrã – ignorou Manu. Vê se isso lá era hora para reparar na natureza! – João, essas são as minhas amigas.

O garoto, que parecia realmente embevecido com aquele espetáculo diário, cumprimentou-as e convidou-as para assistir ao nascer do sol com ele. A verdade é que elas não estavam nem aí para sol nenhum. Poxa vida, fala sério! Elas estavam famintas, cansadas, queriam cama, banho, mãe, pai, comida, não necessariamente nessa ordem.

Mas, como seu salvador estava a fim de sol, que venha o sol. E logo! Ele veio vermelho e surgiu atrás de umas montanhas lá longe rasgando o céu quase sem nuvens, transformando em quadro a paisagem rural. Tão bonito, mas tão bonito, que deu vontade de aplaudir.

– Podemos ir agora? Estou morrendo de fome – pediu Ritinha. – Tem comida na sua casa, né? – ela completou, sem cerimônia.

– Claro que tem. Desculpe fazer vocês esperarem o sol nascer, nem me toquei que o estômago de vocês deve estar roncando.

– Eu falei que estava com fome também! Foi a primeira coisa que eu disse! – reclamou Manu, emburradéééésima.

João deu uma olhada blasé para a loirinha, ignorando o volume de sua voz, e andou em silêncio rumo a uma pequena trilha ladeira abaixo, seguido de perto pelo grupo. Em poucos minutos estavam na fazenda Canto Amado.

– Seus pais já estão acordados? – quis saber Manu.

– Claro! Vida de fazendeiro começa cedo, loiruda! Aqui todo mundo acorda com as galinhas e trabalha duro, está pensando o quê? – rugiu.

– Ih, também não precisa ser grosso!

– Ih, também não precisa ser fresca! Não falei nada demais!

– Não sou fresca! E não me chama de loiruda que eu não gosto, apelido

horroroso.

Manu estava mais irritada ainda. Que menino mais inconveniente!, pensou enquanto caminhava para a casa principal da fazenda.

Andaram mais um pouco no terreno ainda molhado de chuva e o mau humor de Manu só aumentou sua fome de leão. O cheiro de café que vinha da casa era simplesmente irresistível. Cavalheiro, João abriu a enorme porta de madeira para a mulherada, que ficou com água na boca ao se deparar com uma mesa de café da manhã que elas só tinham visto em novela ou em hotel.

Bolos variados, pães sortidos, frutas, chocolate quente, café, leite tirado na hora. O pai de João, Jacinto, sentava na cabeceira da enorme mesa, tinha a pele bem morena, era grandão e tinha um bigodinho cultivado por anos que lhe rendera o apelido de Bigode em toda a região.

– O café da manhã é a mais importante das refeições. Juntem-se a nós, crianças. Amigas do João são minhas amigas também.

Simpático, atlético, sorridente, ele logo deixou as meninas à vontade na mesa que dividia com a esposa, sua filha de cinco anos fofa, fofa, fofa, a Lara, e quatro empregados.

– Elas se perderam numa caminhada. Estão lá na Vida d'Ouro – resumiu João.

– Coitadas, por isso estão esfomeadas desse jeito! – brincou, ao ver as meninas se atracando com pedaços de pão e queijo. – Vou ligar para a colônia e avisar que vocês estão aqui. Eles devem estar preocupados.

– Obrigada, tio – disse Gabi.

– Tio, não, querida. Primo. Eu tenho idade para ser seu primo, menina! – fez graça mais uma vez.

Bigode era daqueles que pintavam o cabelo de cor escura e não retocavam como deviam. Então seu cabelo era uma mistura de fios brancos com acaju e preto desbotado. Assim, como definir?, cor de burro quando foge. Era uma figura.

Enquanto ele telefonava para a colônia de férias, João puxou papo com Manu.

– Você mora onde?

– Em Resende.

– É longe, hein?

– Você que mora longe. Mora, não, se esconde.

– Uma menina como você nunca se daria bem num lugar como esse, né?

– O que você quis dizer com "uma menina como eu"?

– Uma menina rosinha – gracejou.

Ela riu. Num primeiro momento, achou que ficaria enfezada, mas riu. E instigou:

– Rosinha fresquinha, rosinha patricinha ou rosinha legalzinha?

– Hum… Rosinha legalzinha.

– Ah, bem! Então, como uma menina rosinha legalzinha, eu digo que jamais me adaptaria à vida numa fazenda. Nesses dias na Vida d'Ouro, eu descobri que gosto mesmo é de fumaça, de gás carbônico.

– Não diga uma bobagem dessas!

– É brincadeira! Mas, sério, eu não me acostumaria sem internet, sem televisão, sem tecnologia em geral. Eu amo tecnologia.

– Que pena. Eu adoraria que você morasse aqui perto. – Ele olhou para o chão, fazendo uma breve pausa antes de prosseguir. – Ia dar menos trabalho.

Manu ficou encafifada.

– Trabalho para quê?

– Para te namorar, ué.

Hããããã?!

As meninas pararam de mastigar na mesma hora, para que o barulho da mastigação não interferisse em sua audição. Viraram estátuas, com os olhos esbugalhados olhando para o nada e os ouvidos ligadíssimos no casal rural. Suuuperdiscretinhas!

Esse menino era direto! Menino direto taí!

– Como é que é? – espantou-se Manu com razão. Não previra aquela fala no diálogo. Afinal, até agora o garoto só lhe dera patada.

– Eu acho que estou implicando demais com você para uma menina que eu acabei de conhecer.

– Implicando, não! Enchendo o meu saco mesmo!

– Pois é. Acho que é porque eu quero te namorar. É muita cara de pau falar isso assim, na lata?

Manu estava absolutamente sem ação. E com a boca completamente aberta,

pior!, com um pedaço de bolo de chocolate mastigado dentro! A rosinha legalzinha estava praticamente em estado de choque e perdera totalmente a noção de bons modos à mesa.

As meninas tiveram de se controlar. Ainda mudas, elas esperavam a resposta de Manu. As gêmeas não resistiram e caíram na gargalhada.

– A Manu vai namorar o caubói – cochichou Maria Antônia nada baixo no ouvido de Maria Victória.

Manu ruborizou e percebeu que era o centro das atenções da mesa. Até a irmãzinha de João parecia observá-los atentamente. A mãe de João tentou tirar o foco dos dois, para deixá-los à vontade.

– Alguém quer mais ovo? Ovinho booom… Proteína à beça! Ovo? Alguém? Vai ovo aí? Meninas, falem alguma coisa!

– Você… você… como assim?! É muuuuita cara de pau falar isso desse jeito! Você mal me conhece!

– É o que você pensa. Parece que eu te conheço há anos.

– Mas eu achei que você me odiasse com todas as suas forças! – disse Manu.

– É, eu sei, é esquisitão, mas eu tenho a sensação, não sei por quê, de que a gente ia se dar bem namorando. Mesmo a gente sendo o oposto um do outro.

Manu não conseguiu dizer uma palavra, a não ser um embasbacado…

– Arrã…

– Mas se você não quiser namorar comigo ou tiver namorado… eu vou entender.

Uau! Uau! Mil vezes uau!

Aquilo não estava no contexto! Depois de uma noite perdida na floresta, depois de meter as amigas na pior enrascada de suas vidas, ela simplesmente dera de cara com um cara muito cara de pau e deliciosamente atrevido, que a pegara totalmente de surpresa.

E, mais!, ela estava sem gloss, sem escova, suja, com terra molhada na bunda da calça, sentindo-se fedida e maltrapilha e, mesmo assim, chamou a atenção de um olhar masculino. In-crí-vel. Pela primeira vez, além de seus atributos físicos, seu jeito, seu humor, seu olhar e sua beleza interior também estavam sendo vistos, notados por um menino. E, melhor!, ela estava sentindo uma coisa esquisitona também.

Era muito acontecimento inédito para um só dia.

Manu estava tão tímida e sem ação que não conseguia sequer dividir sua estupefação com as amigas, que continuavam paralisadas, em silêncio total, para não perder nenhuma sílaba. Só conseguia olhar fixamente para seu Tarzan. Sem ar. Assim Manu estava. Não para dizer que…

– Eu não tenho namorado.

Para tudo! A Manu está dando mole para o cara!, pensou Ritinha.

Não acredito! Que safadinha a Manu…, riu por dentro Gabi.

– Então você vai…

– Pensar no assunto? – completou.

– É! – disse, sorrisinho de caubói ocupando o rosto inteiro.

– Vou.

– Com carinho?

Ela fez um charminho, mexeu no cabelo, riu com os olhos baixos e disse, dengosa, depois de um longo suspiro.

– Com carinho.

O pai de João apareceu de novo na sala de jantar, quebrando o romance:

– Acabei de telefonar para a Vida d'Ouro, eles ficaram muito aliviados, estavam preocupadíssimos, coitados. Prometi que levaria vocês agora, meninas. Vamos?

A tropa tratou de pegar pedaços de pão, bolo e afins para ir comendo no caminho. Vida de aventureira dá fome!

– Você vem junto, *Xuão?* – perguntou Manu, derramando litros de charme no cidadão babão ao seu lado, caprichando no ão do João e no "Xu" que ela acabara de inventar.

– Claro que vou – sussurrou, antes de dar sua mão à loiruda.

O grupo foi para a garagem e logo entrou na enorme picape de Bigode. Estavam loucas para ver as amigas, contar com detalhes o que tinha acontecido, acalmar os monitores e coordenadores.

– Eu estou louca para dizer para todo mundo que a culpa foi minha.

– Manu, deixa de se culpar! Que bobagem! Você não chamou a gente para ir com você atrás da Tchebs, corremos atrás de você porque quisemos! – bronqueou Ritinha. – Culpa tenho eu, por ter sido tão chata. Fiquei implicando e resmungando o tempo todo.

– Ah, é, Ritinha! Você foi uma mala todo o tempo – hostilizou Gabi.

– A maior mala de todos os tempos, acho que esse troféu ninguém tira de você – emendou Suzaninha.

No carro, Manu e João foram timidamente de mãos dadas, vez em quando um deslizava os dedos lentamente pelo braço do outro. Manu ficou surpresa com as sensações que seu "salvador" lhe causava. Ah, ainda tinha isso. Ele era o salvador das meninas. Meu herói, a loirinha suspirava em silêncio, rindo de orelha a orelha.

O trajeto até a Vida d'Ouro não demorou meia hora. Os enormes portões estavam abertos, o que lhes pareceu estranho. Ao entrarem nos domínios da colônia de férias, depararam-se com uns 30 carros, caminhões e vans com logomarcas de emissoras de televisão.

Antes mesmo que elas entendessem o que aquilo significava, um mar de jornalistas avançou na direção do carro. *Papparazzi*, repórteres de rádio, tevê e jornal, repórteres de fofoca (afinal, elas foram celebridades instantâneas no último ano), todos se espremiam pela melhor foto, o melhor ângulo, a melhor resposta. Em pouco tempo, o carro estava totalmente cercado.

Todas as emissoras de tevê e jornais estavam lá. Maria Antônia e Maria Victória eram filhas de um político conhecido. Essa atenção toda da mídia, aliás, se deveu muito ao fato de o pai das gêmeas ter disparado para a imprensa um texto comunicando que suas filhas tinham se perdido na floresta. Resultado: "Perdidas na selva" foi uma das principais manchetes dos maiores jornais em circulação daquele dia, atraindo para a Vida d'Ouro vários repórteres ávidos por informações sobre o desfecho dessa história.

– Ô-ôu… – fez Manu.

– Já vi essa cena antes – disse Gabi.

– Eu não estou acreditando. Agora vai ser assim, um mico televisivo por ano? – chiou Ritinha.

– E agora vocês me meteram no mico! Fala sério! – brincou Suzaninha.

As quatro acabaram rindo no carro. De novo, suas peripécias desastradas apareceriam com destaque na mídia. Que micão!

– Como vocês se viraram sem água e comida? – quis saber um jornalista.

– Como foi que vocês se perderam? – perguntou outro.

– Viram algum bicho exótico? – perguntou o repórter da revista *Bichos & Bichos*.

– Sentiram medo?

– Para que time vocês torcem?

– Vocês assistem à novela das oito?

– Como sobreviveram sem música? – indagou um modernoso da MTV.

– Vocês fizeram cocô e xixi no mato? Como foi?

– Tinha papel higiênico?

Que é que é isso, minha gente?! Só faltou perguntar se elas tinham visto a mula sem cabeça ou o saci-pererê!

Para o mico virar gorila foi um pulo. Entraram em cena, eles, os desesperados, chorosos, exaustos e cheios de olheiras pais de Gabi, Manu, Ritinha e dela, a Suzaninha! Que lástima!, pensaram em conjunto.

– Minha mãe é essa maluca que está chorando cachoeira e espancando o vidro da frente. Não repara, não. Ela é dramática mesmo. Mas eu não puxei a ela – Manu mostrou sua genitora ao novo namorado. – Fica calma, mãe, eu estou ótima! – Ela tentou se comunicar.

Bigode, ao perceber a agonia das mães, parou o carro e abriu as janelas.

– Ritinha, achamos que nunca mais íamos ver você! – berrou Cecília. – Vem cá, Puxuruca, mamãe precisa apertar você, bebê! Minha bebê! Minha bebê tão frágil! Tão ingênua! Buááá! – fez escândalo.

– Menos, mãe, menos, olha as câmeras, mãe! Olha o mico, mãe! – disse Ritinha entre os dentes, enquanto tentava acalmar Cecília.

Mas quem disse que só a mãe sentiu falta da caçula do grupo?

– Rita! Minha bonita, meu amor! Que saudade! Que sensação ruim não saber o que tinha acontecido com você naquela floresta perigosa… Você foi se perder justamente depois do nosso primeiro beijo, Puxuruca… Fiquei tão triste, achei que nunca mais ia sentir o calor da sua boca na minha.

Uau! Esse Leandro, hein? E pensar que o menino era BV até outro dia!

Ritinha se derreteu, mas o sangue de Cecília ferveu:

– Beijo?! Amor?! Que sem-vergonhice é essa, Rita de Cássia? Quem é esse menino atiradinho e ladrão de apelidos? Ah, se seu pai ouve isso!

– Ih, mãe, é uma longa história, depois te explico!

Manu também enfrentou a descontrolada saudade materna:

– Filhaaaa! Que bom te ver bem! Achei que você ia voltar toda desgrenhada, mas está linda, Manu! Minha filha se cuida até perdida na

floresta, gente! Que emoção! É muito minha filha, mesmo! – surtou Maclá, em prantos, abraçando a loirinha, que já estava fora do carro, e espremendo-a contra seus peitos siliconados. Abraço filmado à exaustão pelas lentes de sabe-se lá quantas emissoras.

Iara, mãe de Gabi, também completamente descontrolada, verbalizou, com o volume de voz nas alturas:

– Filha, que saudade! Como é bom ter você aqui pertinho, mamãe te ama tanto, tanto! – disse, enxugando as lágrimas e dando uma pausa para respirar. Então disse baixinho: – Dessa vez, filhinha, vê se não esquece de falar da mamãe nas entrevistas.

– Manhê! – repreendeu Gabi, enfezada.

Bigode botou ordem na esculhambação. Saiu do carro, botou para fora a cara mais séria que tinha e pediu a palavra. Disse que dentro de poucos minutos as meninas falariam melhor com os pais e dariam entrevista no teatro. Antes, precisavam chegar à Casa do Lago, se assear, se arrumar, se perfumar. Jornalistas, monitores, coordenadores, adolescentes e crianças acataram e ele seguiu em frente no volante de sua picape.

– Será que alguém tirou foto minha com esse cabelo horrível? – disse Manu.

– Olha aí! Isso aí é coisa de rosinha fresquinha! Mas acho que gosto de você mesmo assim.

Que lin-do!

Chegaram à Casa do Lago e foram correndo para seus respectivos quartos. Madame Lilu recepcionou o quarteto (Maria Antônia e Maria Victória tinham ido direto para a Casa dos Novilhos) com um sorriso sincero no rosto. E, surpresa total, abraçou forte e sinceramente as meninas assim que as viu.

– Que bom que vocês chegaram! Estávamos tão preocupados. Vão para os quartos, vão. Podem ficar tranquilas que eu não deixo ninguém entrar senão vocês não vão conseguir se arrumar. Todas as crianças estão doidas para falar com vocês.

Manu perdeu ali a implicância com madame Lilu. Entendeu que aquela pose de durona era apenas uma capa, um personagem, um escudo. Por dentro, ela era doce, carinhosa e atenciosa.

– Caraca, a gente vai dar entrevista tipo entrevista coletiva? Tipo lançamento de filme, essas coisas? – quis saber Manu.

– Acho que sim – respondeu Suzaninha.

– Então não vai ser tão mico quanto no ano passado.

– Vai ser o maior micão, Manu. Só as duas pirralhinhas que estão gostando dessa história! – contestou Gabi.

– Ah, eu estou achando legal. Vai que algum olheiro de agência de modelos vê a entrevista? Vocês viram quantas emissoras estão aí?

– Ai, será que nossos pais foram pagar mico num desses programas em que só se sofre? – perguntou Ritinha.

– Espero que não! Isso sim, vai ter sido o maior mico do mundo! – respondeu Manu.

Tomaram um banho rápido e, enquanto dividiam o espelho para passar batom, blush e escovar o cabelo, Gabi puxou assunto:

– Que é que está rolando entre você e o João, hein, Manu?

– É, pode abrir o jogo! Ou você pensa que a gente não viu esse clima? – insistiu Ritinha.

– Eu sei que vocês viram! Simplesmente pararam de comer para ouvir minha conversa com ele.

– Vocês estão namorando? – perguntou Gabi.

– Ah… não sei… tipo assim… como é que vou dizer…

– Xiiii… – fez Suzaninha.

– Tá apaixonada! Tá apaixonada! – cantou Gabi.

– Claro que não!

– Claro que está!

– Não sei se isso é paixão, gente! E acho que quando a gente não sabe se é, é porque não é, né?

– Não! Paixão é assim mesmo, confunde a gente – revelou Suzaninha.

– Sério? Mas a gente não tem que conhecer bem uma pessoa para se apaixonar por ela?

– Não necessariamente. Cada história de amor é uma história de amor diferente – filosofou Ritinha, a apaixonada de primeira viagem que agora parecia entender tudo de paixão.

– Bom, sei que ele abalou minhas estruturas. Estou boba até agora com o tanto que esse menino mexeu comigo em tão pouco tempo. Quando estou com ele parece que eu estou flutuando.

– Que fofa! – exclamou Gabi.

– E tem outra coisa! Pela primeira vez na vida, eu estou conversando com um cara antes de beijá-lo e não o contrário! – riu Manu.

– Manu! – provocou Suzaninha.

As quatro riram.

De cabelos molhados e cara de banho tomado, as meninas instalaram-se na sala de imprensa improvisada no teatro de arena. Elas no palco, pais, jornalistas, monitores e todo o resto na plateia. Uma saraivada de perguntas lotou o espaço e as meninas ficaram zonzas com tanto ponto de interrogação.

Calma e pausadamente, e sem se abalar com o espocar dos flashes que vinham de todos os lados, como se estivessem acostumadas a dar entrevista, elas contaram tudo. De Tchebs, da chuva que matou a sede, graças à Suzaninha, da sorte de ter uma pedra que formava um teto e as protegeu da chuva, do medo, dos morcegos. Dos incontáveis bichos (gosmentos e não gosmentos) que viram, do João, do Bigode.

Depois da coletiva, mais fotos. Com pais, sem pais, só com as mães, só elas, só elas e as monitoras, cada uma sozinha, cada uma com mais uma, sorrindo, gargalhando, sérias, tristes, sofrendo muito, sofrendo pouco. Sentiram-se na ilha de Caras.

Obviamente, depois que os repórteres partiram, elas viraram a atração da colônia. Foi só a algazarra da mídia acabar que elas ficaram horas dando autógrafos para novilhos e contando (e aumentando um pontinho aqui outro ali) a aventura que viveram. Que dia!

Em vez de voltarem para Resende de carro com os pais, que foram para lá assim que souberam do sumiço das filhas, preferiram voltar de ônibus com a galera, para aproveitar o restinho do último dia da Vida d'Ouro. Foi preciso muita conversa, muitos beijos e muitos abraços para convencê-los de que tudo estava bem, de que elas mereciam voltar com o pessoal da colônia fazendo zona no ônibus. Para o bem de todos e felicidade geral da nação, a vontade das meninas acabou prevalecendo.

Antes de voltar para sua fazenda, João se aproximou de Manu.

– Me dá seu telefone?

– Dou. Mas… antes me dá um beijo?

Caraca! Manu não brincava em serviço, não, hein?

O fazendeirozinho ficou atônito, boquiaberto. Não disse uma palavra.

– Beleza, eu roubo. Beijo roubado é muito melhor, mesmo.

Ui, ui, ui! Que atrevidinha a Manu! Que decidida a Manu! Ela não perdeu tempo e voou nos lábios ainda abertos de susto de João.

Beijo roubado, beijo demorado, beijo acabado, abraço apertado, suspiro longo dos dois.

Manu deu a ele o telefone e mais um beijo. Este mais longo.

Conexão to-tal.

– Posso te ligar?

– Deve! Você… você acha que vai para Resende quando?

– No próximo fim de semana, com certeza. Pode me esperar.

– Tá! – disse, toda felizinha.

Já no ônibus, Ritinha e Leandro, sentadinhos um ao lado do outro, trocavam juras de amor eterno. Eles tinham mesmo sido flechados pelo cupido. Leandro já planejava, inclusive, trocar de colégio no próximo ano, para ficar mais perto da sua "emburradinha", como ele agora chamava Ritinha. E ainda propôs entrar no curso de inglês dela, na natação…

– Calma, Leandro, vamos com calma! Você mudar de colégio tudo bem, mas esse negócio de fazer tudo junto, não sei, não… Não suporto casal meloso demais, grudento demais.

Aquela era a Ritinha. Apaixonada, sim, resmungona, sempre.

– Eu quero só ficar o máximo de tempo perto de você.

– Eu também quero.

– Quer nada.

– Quero, sim.

– Quer nada!

– Tá, não quero! – enfezou-se.

– Então diz que me ama.

– Acabei de dizer!

Ai, ai…

Gabi, seis poltronas à frente, foi surpreendida por um Diogo que parecia mais marrento e convencido do que nunca.

– Pô, aí. Você vai aparecer na televisão de novo, né? Tu fica bonitaça na televisão, sabia?

Por incrível que pareça, ouvir aquela frase de Diogo, o Di, não significou absolutamente nada para Gabi. Naquela hora, seu coração não bateu mais forte nem mais rápido, seus lábios não secaram e ela nem ficou com vontade de estalar todos os dedos das mãos.

– Obrigada – agradeceu, displicentemente.

– Tem alguém aí?

– Eu estava guardando lugar para uma amiga, mas não estou mais.

Considerando que a frase era um sinal verde para que ele ocupasse a poltrona a seu lado, Di, cara de Don Juan menor de idade, logo se apressou para sentar, mas foi imediatamente repelido por Gabi.

– Não estou guardando mais porque a minha amiga chegou! Dá licença, por favor? – disse ela, assim que Suzaninha aproximou-se.

– Oi, Diogo.

– Oi Suzaninha – cumprimentou, atônito. – Você e a Gabi são amigas? Desde quando?

– Ah, é uma longa história.

– Que a gente não está a fim de contar para você, né, Su? – completou Gabi. – Agora com licença, por favor, a gente precisa botar o papo em dia, depois de tantas entrevistas.

Caramba! Quem te viu, quem te vê! Gabi deu uma lição e tanto em Di. Di, não! Ela decidira que daquele dia em diante, ele voltaria a ser Diogo para sempre. E decidira conhecer melhor Suzaninha, rir mais com ela, aprender com ela, dividir com ela.

Enquanto tricotava com sua mais nova melhor amiga de infância, Gabi levou um cutucão no ombro. Era Manu, que disse entre os dentes:

– Dá um pulo lá atrás, por favor, Gabi. Eu e a Ritinha queremos conversar com você.

A morena pediu licença para sua vizinha de poltrona, avisou que não demoraria e foi para o fundão com a amiga. Chegando lá, ouviu de Manu:

– Que intimidade é essa com a Suzaninha? Achei que você ia vir aqui atrás comigo – resmungou. – A Ritinha vai ficar grudada com o Leandro, e eu não quero segurar vela, não nasci para isso. Pensei que eu fosse ter pelo menos a *sua* companhia durante a viagem. Não aguento mais ficar contando detalhes da nossa noite na selva para cada um que chega perto!

– Não dá, estou num papo ótimo com a Su.

– Su?! – chiou Manu. – Que Su, garota? Desde quando ela é Su?

– Ah, Manu, não acredito que você está com ciúme! – riu Gabi.

– Que ciúme, o quê? Estou só irritada, você mal conhece a menina e já está no maior tricô com ela! Vai me deixar sozinha por causa dela!

– Não falei que a Suzaninha era super gente boa? – disse Ritinha.

– Pois é, e eu, burramente, implicava com ela por causa do idiota do Diogo. Achava a Su de última, mas estou descobrindo que ela é *de prima!*

– Ela é o máximo! A gente não pode nunca julgar as pessoas antes de conhecer. Essa foi a maior lição que eu tirei dessa viagem. Ah, também aprendi que não é nada legal se perder no meio do mato! – riu Ritinha.

Manu continuava bicuda. Ê, ciúme dolorido!

– Ah, Manu, deixa de show! Você também gosta dela, vai! – amenizou Gabi.

– Gostar eu gosto, ela cuidou da minha unha… Mas ela vai virar sua melhor amiga agora?

– Vocês continuam sendo minhas melhores amigas. Mas acho que ela pode entrar para o nosso grupo.

– Jura? Oba! Sempre achei quarteto melhor que trio! – comemorou Ritinha, que realmente se entrosara com Suzaninha.

– Sempre preferi trio, mas tudo bem… – disse Manu, sem dar o braço a torcer. – Não tenho nada contra ela, mas a gente se conhece desde pequena e a Suzaninha só entrou no colégio no ano retrasado!

– O que é que tem? – perguntou Gabi. – Amigo a gente faz ao longo da vida, é o que a minha mãe sempre diz. Amigos são a família que a gente escolhe.

– E amizade especial, como a nossa, não é fácil encontrar, não. Eu acho muito legal ela entrar para o nosso grupo. Vou adorar fazer tudo com ela.

– Eu também – enfatizou Gabi.

As duas encararam Manu, sérias.

– Tá bom! Tá bom! Eu também vou gostar de ter mais uma no grupo! Desde que vocês não me abandonem! – fez draminha Manu.

– Claro que não, bobona! – disse Gabi.

– Vamos lá falar com ela! – sugeriu Ritinha.

As três foram até Suzaninha.

– Su, a gente quer que você entre para o nosso grupo de amigas inseparáveis. Você topa? – quis saber Gabi.

– Claro que sim! – respondeu, sorrisão no rosto. – Sempre invejei a amizade de vocês, essa coisa de vocês fazerem tudo juntas, de contarem tudo uma para a outra. A amizade de vocês é linda, nunca vi nada igual. É uma honra passar a dividir a minha vida com vocês.

Õõõõõ! Que fofoleta a Suzaninha!

As três se uniram à quarta e nova amiga num upa esmagado, um upa sincero. De melhor amiga para melhor amiga. Sem ciúme, sem birra. Até Manu gostou daquele upa especial de boas-vindas.

Depois Gabi pediu para Tadeu Mattoso – o fanho que falava cuspindo que viajara ao seu lado na ida e que agora sentava na poltrona atrás da dela – que ele fosse lá para trás, para trocar de lugar com Manu. Ele, embora ainda encantado por Gabi, adorou ir para a bagunça do fundão. Manu, por sua vez, adorou sentar perto de Gabi e Suzaninha. Ritinha resolveu deixar Leandro sozinho um pouco, conversando com os amigos. Trocou o namorado pelo braço da poltrona de Manu, só para ficar de *teretetê* com as meninas. E que *teretetê*.

Comentaram cada detalhinho do que viveram na colônia. Os beijos, os micos, a comida, o sono, as festas, a noite na floresta, as entrevistas e as fotos.

– Caraca, a gente veio para a colônia por causa da paixão da Gabi e nós duas é que voltamos namorando, hein, Ritinha? Quem diria?

– Ninguém diria, Manu! Mas acho que meu pai vai me matar quando descobrir que eu não sou mais BV.

– Vai nada! – palpitou Suzaninha, já superintegrada ao grupo.

– Ah, Su, você não conhece meu pai…

– Mas conheço o meu. Ele também era assim antes do meu primeiro namorado. Depois acostumou. Ainda reclama, mas coisa leve…

– Pai é tudo igual, só muda de endereço – chiou Ritinha.

As três riram, concordando.

– Acho que nas próximas férias eu vou para a Bahia com os meus pais. Vocês não querem ir comigo? – convidou Suzaninha.

– Que irado! – exclamou Gabi.

– Será que seus pais deixam?

– Pedir para os pais para deixar a gente viajar está virando nossa especialidade – brincou Ritinha.

– Já estamos lá, meu rei! – gritou Gabi, imitando sotaque baiano.

– Axé, Saravá, Pelô, Caê, Bethânia, Farol, Candeal, Ivete, Caymmi… aí vamos nós! – empolgou-se Manu, também dizendo tudo em baianês.

– Só não vamos pagar nenhum mico baiano que acabe na televisão, pelo amor de Deus e de Nosso Senhor do Bonfim! – avisou Ritinha.

– Olha, Su, melhor te avisar logo que viajar com a Ritinha não é fácil, não! Ela reclama de tudo! – difamou Gabi.

– Não reclamo!

– Reclama!

– Não reclamo!

– Reclama!

– Chata!

– É quem me chama! – alfinetou Gabi, rindo.

– Vamos cantar? – sugeriu Manu.

– Ah, Suzaninha, não repara, não, a Manu acha que sabe cantar e adora infernizar a gente com essa voz medonha – entregou Gabi.

– Pior é que ela canta a mesma música váááárias vezes, em *looping* – disse Ritinha.

– Resumindo, uma mala cantante – brincou Suzaninha.

– Isso! – concordaram Gabi e Ritinha, para risos gerais.

– *Peraí*, eu preciso me defender! Melhor cantarolar músicas conhecidas do que os mantras indianos que a Gabi canta a toda hora. E canta gemendo, parece uma gata com diarreia.

– É, verdade seja dita, ninguém merece os mantras da Gabi. Não dá nem para entender, nem para cantar junto – entregou Ritinha.

– Pois é. Eu, pelo menos, tenho bom gosto musical! – chiou Manu.

– Bom gosto não quer dizer boa voz! – implicou a caçula do agora quarteto.

Manu lhe mostrou a língua, risonha.

– Em vez de cantar, o que pouparia nossos tímpanos, por que você não

conta mais do João, hein? – pediu Gabi.

– Poxa, até que enfim! Achei que vocês não fossem perguntar! Eu beijei o João.

– Beijou? – espantou-se Ritinha.

– É, roubei um beijo dele.

– Roubou? – disseram as quatro em coro.

– Ah, roubei mesmo, o que é que tem?

– Quando? – perguntou Ritinha.

– Pouco antes de entrar no ônibus.

– E aí? – quis saber Gabi, curiosésima.

– Lentinho ou liquidificador? Babadinho, sequinho ou simplesmente perfeitinho? – indagou Suzaninha.

– Simplesmente perfeitíssimo! Foi tãããoo bom…

Assim seguiram viagem. Tagarelando, brincando e rindo sem parar um segundo. Como quatro grandes amigas que agora eram.

Copyright © 2005 *by* Thalita Rebouças

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8° andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br
preparação de originais
LAURA VAN BOEKEL CHEOLA

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

R242t
Rebouças, Thalita, 1974-
Tudo por um namorado [recurso eletrônico] / Thalita Rebouças. - Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2012.
recurso digital
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-64126-99-2 (recurso eletrônico)

1. Literatura infantojuvenil brasileira. 3. Livros eletrônicos. I. Título.

11-8506. CDD – 028.5 CDU – 087.5

O texto deste livro obedece às normas do
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Edição digital: novembro 2012

Arquivo ePub produzido pela **Simplíssimo Livros**

Thalita Rebouças é carioca de 1974 e, quando criança, se autodenominava "fazedora de livros", pois adorava brincar de escritora. Jornalista de formação, acabou optando por abandonar as redações para se dedicar à literatura. Seus livros Fala sério, amiga!, Fala sério, mãe!, Fala sério, professor!, Fala sério, amor! e Fala sério, pai!, publicados pela Editora Rocco, foram lançados em Portugal pela Editorial Presença, assim como Tudo por um Pop Star. Thalita já vendeu mais de um milhão de livros e tem mais de 130 mil seguidores no Twitter, onde mantém contato diário com seus leitores.

Visite o site da autora: www.thalita.com